



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA PROFHISTÓRIA

Jefferson Chagas

“DA FLORESTA ÀS CASAS”:
a transformação da paisagem e o Ensino de História do Distrito de Marcílio Dias

Florianópolis
2025

Jefferson Chagas

“DA FLORESTA ÀS CASAS”:

a transformação da paisagem e o Ensino de História do Distrito de Marcílio Dias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ensino de História ProfHistória da Universidade
Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Alfredo Ricardo Silva Lopes, Dr.

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes
Espaços de Memória.

Florianópolis

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Chagas, Jefferson

"Da floresta às casas" : a transformação da paisagem e o Ensino de História do Distrito de Marcílio Dias / Jefferson Chagas ; orientador, Alfredo Ricardo Silva Lopes, 2025.
188 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Ensino de História. 2. Patrimônio Cultural. 3. História Local. 4. Ensino de História. 5. Casas de Madeira. I. Lopes, Alfredo Ricardo Silva. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História. III. Título.

Jefferson Chagas

“DA FLORESTA ÀS CASAS”:

a transformação da paisagem e o Ensino de História do Distrito de Marcílio Dias

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 13 de maio de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

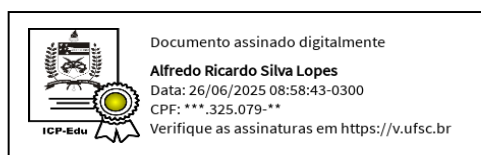
Profa. Dra. Mônica Martins da Silva
(ProfHistória UFSC)

Profa. Dra. Giovana Callado Ferreira
(PPGH-UFSC)

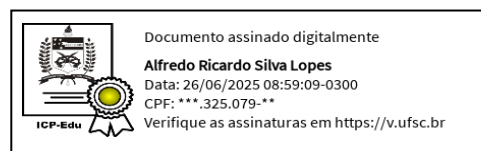
Prof. Dr. Sandor Fernando Bringmann – Suplente
(ProfHistória UFSC)

Prof. Dr. João Klug – Suplente
(ProfHistória UFSC)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.



Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Prof. Alfredo Ricardo Silva Lopes, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2025.

RESUMO

Estudo que aborda a temática do ensino de História no Distrito de Marcílio Dias em Canoinhas, Santa Catarina, e examina o processo capitalista de exploração da madeira no início do século XX e a patrimonialização das casas de madeira no final do século XX. O foco da análise recai sobre as empresas madeireiras, as casas de madeira e a transformação da paisagem, com destaque para as construções arquitetônicas de madeira ainda presentes no município, especialmente em Marcílio Dias. O objetivo foi elaborar um roteiro das casas de madeira e outras edificações do Distrito, estimulando a análise e a reflexão sobre a exploração dos recursos naturais e a modificação da paisagem na região do Contestado. A pesquisa foi motivada pela história local da região e pela observação das mudanças na paisagem ao longo do último século. É importante ressaltar que a história local e o Patrimônio Cultural são recursos utilizados para o ensino de História, permitindo aos estudantes compreender sua identidade e a história de sua comunidade por meio de roteiros específicos. Dessa forma foi desenvolvido um roteiro e um e-book com atividades sobre a história do Distrito de Marcílio Dias, com base em informações do Blog do Distrito de Marcílio Dias e jornais locais. Esse material permite aos estudantes explorar a arquitetura e o modo de vida dos moradores, contribuindo para a memória e a identidade cultural local.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; História Local; Ensino de História; Casas de Madeira; Paisagem.

ABSTRACT

This study deals with the subject of history teaching in the district of Marcílio Dias in Canoinhas, Santa Catarina, and examines the capitalist process of timber exploitation at the beginning of the 20th century and the patrimonialization of wooden houses at the end of the 20th century. The focus of the analysis is on the timber companies, the wooden houses and the transformation of the landscape, with emphasis on the wooden architectural constructions still present in the municipality, especially in Marcílio Dias. The aim was to draw up an itinerary of wooden houses and other buildings in the district, stimulating analysis and reflection on the exploitation of natural resources and the modification of the landscape in the Contestado region. The research was motivated by the local history of the region and the observation of changes in the landscape over the last century. It is important to note that local history and cultural heritage are resources used to teach history, allowing students to understand their identity and the history of their community through specific itineraries. In this way, a script and an e-book were developed with activities on the history of the Marcílio Dias District, based on information from the Marcílio Dias District Blog and local newspapers. This material allows students to explore the architecture and way of life of the residents, contributing to local memory and cultural identity.

Keywords: Cultural Heritage; Local History; Teaching History ; Wooden Houses; Landscape.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao meu extraordinário marido, Jardel Jime Vicente, pelo seu inestimável apoio e paciência ao longo desses dois anos. Sua presença, muitas vezes vindo até Florianópolis, e suas palavras sábias foram fundamentais, assim como seus conselhos durante nossas viagens a Canoinhas para realização da pesquisa.

Um agradecimento especial também à Fátima Santos, que foi muito prestativa ao compartilhar informações para a elaboração da dissertação e sempre se disponibilizando para discutir ideias sobre o roteiro. Seu trabalho voluntário na administração do blog do Distrito de Marcílio Dias foi essencial para a pesquisa, e sua paixão pela história local é admirável.

À minha colega de turma, Cíntia Cristiane Pereira de Souza, agradeço pela companhia de Joinville a Florianópolis todas as semanas, pelas conversas, troca de ideias e apoio mútuo. Agradeço também à colega Rosa Toller, com quem compartilhei carona todas as segundas e terças-feiras, pelas conversas agradáveis e divertidas.

Um agradecimento especial à banca de qualificação, composta pelo professor Dr. Miguel Mundstock Xavier de Carvalho e pela professora Dra. Juliana da Hora, pelas colocações e sugestões em relação aos primeiros capítulos. Ao meu orientador, professor Dr. Alfredo Ricardo Lopes, agradeço pelas sugestões e por aceitar as ideias que eu apresentava nas orientações. E também não poderia deixar de agradecer a todos os professores do ProfHistória que contribuíram para esta pesquisa por meio de suas aulas.

E, por fim, mas não menos importante, agradeço à professora Sabrina de Mello e aos estudantes da EEB Professor Manoel da Silva Quadro por me receberem e participarem do roteiro elaborado nesta dissertação.

Expressar gratidão pode ser um desafio, já que sempre existe o receio de deixar alguém de fora, por isso, gostaria de estender meus agradecimentos a todos que contribuíram de alguma forma durante a minha jornada.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa indicando a localização do Município de Canoinhas.....	28
Figura 2 – Fotos aéreas da empresa Wiegando Olsen nos anos 70 – madeireira, o pátio ferroviário e a vila.....	34
Figura 3 – Caminhão da empresa Wiegando Olsen com uma tora de árvore	35
Figura 4 – Fotos da comemoração dos 50 anos da empresa Wiegando Olsen.....	35
Figura 5 – O complexo Três Barras - Marcílio Dias	36
Figura 6 – Estação de trem de Canoinhas.....	38
Figura 7 – Estação de Marcílio Dias, provavelmente nos anos 1970.....	38
Figura 8 – EEB Prof Manuel da Silva Quadros	44
Figura 9 – EEB Prof Manuel da Silva Quadros	46
Figura 10 – Blog “Distrito de Marcílio Dias”	47
Figura 11 – Extração e beneficiamento de madeira no Planalto Catarinense	61
Figura 12 – Exploração da araucária	62
Figura 13 – Árvores cortadas do Planalto catarinense viravam tábuas em serraria em Três Barras, SC.....	63
Figura 14 – Complexo Turístico e Cultural de Marcílio Dias.....	69
Figura 15 – Complexo cultural de Marcílio Dias antes e depois da restauração do Iphan	69
Figura 16 – Casa de Escamas	70
Figura 17 – Salão Metzger	71
Figura 18 – Interior do salão Metzger	72
Figura 19 – Casa da Família Olsen.....	72
Figura 20 – Casa de madeira da empresa Wiegando Olsen para os gerentes.....	73
Figura 21 – Casa de operário da empresa Wiegando Olsen	73
Figura 22 – Casa branca de madeira da Família Finta e Amarela da Família Teodoroski.....	74
Figura 23 – Prof. Jefferson e Fátima Santos na Estação Ferroviária discutindo o roteiro	79
Figura 24 - Blog Distrito de Marcílio Dias	80
Figura 25 – Capa do e-book	81
Figura 26 – Mapa do roteiro	82

Figura 27 – Placas do roteiro com QR Code	83
Figura 28 – Conversa e apresentação do tema de dissertação	84
Figura 29 – EEB Professor Manoel da Silva Quadros	86
Figura 30 – Frente da Casa Aguiar e Noermberg	86
Figura 31 – Casa da Família Jarschel	87
Figura 32 – Casa da Família Baukat	88
Figura 33 – Estudantes com a Família Baukat	88
Figura 34 – Casa da Família Ruppel	89
Figura 35 – Casa da Família Froehner	90
Figura 36 – O Jardim de Infância Marguet Olsen	91
Figura 37 – Placa do Jardim de Infância Marguet Olsen	91
Figura 38 – Casa da Família Ferreira	92
Figura 39 – Casa de Escama	93
Figura 40 – Casa de Escama	93
Figura 41 – Casa Finta Theodorovciz	94
Figura 42 – Salão Metzger	95
Figura 43 – Casarão Olsen	95
Figura 44 – Casa de Gerentes	96
Figura 45 – Estádio Olsen	97
Figura 46 – Casa da Família Bradenburg	98
Figura 47 – Placa estação	99
Figura 48 – Estação	100
Figura 49 – Antiga empresa Wiegando Olsen	100
Figura 50 – Ponte de ferro	101
Figura 51 – Plano de aula pós-roteiro	102
Figura 52 – Atividade pós-roteiro	103
Figura 53 – Atividade pós-roteiro	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EEB	Escola de Ensino Básico
Cedup	Centro de Educação Profissional
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MEC	Ministério da Educação
ProfHistória	Pós-Graduação do Mestrado Profissional em ensino de História
RFFSA	Rede Ferroviária Federal
UNC	Universidade do Contestado
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O ENSINO DE HISTÓRIA ENTRE A HISTÓRIA LOCAL E O PATRIMÔNIO NA FORMAÇÃO DO DISTRITO DE MARCÍLIO DIAS	18
2.1	ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA LOCAL	18
2.2	FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CANOINHAS (SC) E A HISTÓRIA LOCAL DO DISTRITO DE MARCÍLIO DIAS	28
2.3	MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL COMO ABORDAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL	39
3	PAISAGEM, HISTÓRIA AMBIENTAL, CICLO DA MADEIRA E O ENSINO DE HISTÓRIA	49
3.1	PAISAGEM CULTURAL E HISTÓRIA AMBIENTAL.....	49
3.2	HISTÓRIA AMBIENTAL E O ENSINO DE HISTÓRIA.....	56
3.3	A INDÚSTRIA MADEIREIRA E A PAISAGEM NA REGIÃO DO CONTESTADO	59
3.4	AS CONSTRUÇÕES DE MADEIRA NA PAISAGEM DE MARCÍLIO DIAS	65
4	AS CASAS, UM ROTEIRO E MEMÓRIAS: O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA HISTÓRIA DO DISTRITO DE MARCÍLIO DIAS	76
4.1	O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA HISTÓRIA DO DISTRITO DE MARCÍLIO DIAS.....	76
4.2	UMA CASA, UM ROTEIRO E MEMÓRIAS	78
4.2.1	A elaboração do roteiro	80
4.3	ATIVIDADE PÓS-ROTEIRO	102
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
	REFERÊNCIAS	108
	APÊNDICE A – E-book “Uma casa, um roteiro e várias memórias: o ensino de através história do Distrito de Marcílio Dias”	120
	ANEXO A – Autorização elaborada pela escola para a participação dos alunos na atividade de campo.....	186
	ANEXO B - Moção de parabenização da câmara de vereadores de Canoinhas (SC).....	187

1 INTRODUÇÃO

A proposta dessa dissertação é abordar a história do Distrito de Marcílio Dias, localizado em Canoinhas, em Santa Catarina, por meio da indústria madeireira, compreendendo a transformação da paisagem no município no contexto urbano a partir das construções arquitetônicas de madeira, ainda presentes no município. Tal tema objetiva e oportuniza a análise e a reflexão sobre o processo de exploração dos meios naturais e a transformação da paisagem da região do Contestado, no Planalto Norte Catarinense. Além de olhar para a história local e seus patrimônios culturais, estimulando o trabalho como tema em sala de aula, de modo que os estudantes da Educação Básica possam estudar a história de sua comunidade, além de desenvolverem uma compreensão histórica acerca das transformações que ocorrem no seu entorno.

Nesse sentido, ao incorporar o debate sobre a transformação da paisagem e o patrimônio cultural na educação, podemos contribuir para termos estudantes mais conscientes e capazes de atuar de forma sustentável em um mundo em constante transformação. No estudo de história ambiental temos conhecimento histórico sobre o antropoceno, o que nos possibilita analisar de forma mais aprofundada a interação entre os seres humanos e o meio ambiental. Com base no exposto, constitui-se a seguinte questão-problema: Qual é o papel do Patrimônio Cultural e Ambiental na história do município de Canoinhas e do Distrito de Marcílio Dias na formação de um saber histórico escolar no antropoceno?

O Distrito de Marcílio Dias é um povoado localizado a 4 km do centro do município de Canoinhas, em Santa Catarina, tendo a peculiaridade de ser mais antigo do que a sede da zona urbana. O processo de colonização de Marcílio Dias foi planejado a partir da construção de um ramal da estrada de ferro, em 1912, que trouxe imigrantes germânicos, poloneses, ucranianos, teuto-brasileiros, dentre outros que já viviam no norte do estado de Santa Catarina e no sul do estado do Paraná. A ferrovia foi considerada importante para o desenvolvimento do Distrito e para a cidade de Canoinhas, fazendo a ligação entre São Paulo e o Rio Grande do Sul, gerando um grande impulso para o povoamento da região, ligado ao desenvolvimento do extrativismo de erva-mate e de madeira, alterando a paisagem na região e levando também ao conflito do Contestado.

Como consequência da Guerra Sertaneja do Contestado (1912-1916)¹, houve uma alteração da paisagem da região, ocasionada pela exploração da madeira, produzindo não apenas o desmatamento de suas reservas vegetais, como também o surgimento das edificações em madeira. Dessa forma, surge um novo tipo de edificação advindo dessas construções tão específicas que suprimam a demanda de moradias e a instalação fabril daquela época. Inúmeras são as construções de madeira que persistem na região desde o início do século XX, algumas preservadas, outras tombadas, com destaque para: a estação ferroviária de Marcílio Dias, o restaurante da estação e o armazém de carga e descarga, todos restaurados em 2021 pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e atualmente conhecidos como Complexo Turístico Cultural de Marcílio Dias, que abriga o Museu Histórico-Cultural da cidade. Já o antigo restaurante da estação, construído em madeira, encontra-se novamente em funcionamento desde 2022. Por meio de um processo de licitação, um microempresário da comunidade teve a concessão e abriu um café, onde se organizam eventos. Já o armazém da estação é utilizado para eventos culturais pela prefeitura da cidade. Há também outras construções que sobrevivem, mesmo sendo deterioradas com o passar do tempo, não havendo qualquer cuidado ou valorização por parte do poder público, apesar do valor histórico e cultural que representam.

Nasci na cidade de Canoinhas, Santa Catarina, no Vale do Contestado. Em minhas lembranças, a madeira está muito relacionada aos ambientes em que cresci, brinquei e morei. Meus pais trabalhavam em madeireira e quase todos os parentes e conhecidos meus também trabalharam em algum momento de suas vidas nesse tipo de ambiente. Sempre morei em casa de madeira. A primeira casa própria dos meus pais era de madeira e, mesmo após três mudanças, a madeira seguiu presente em minha vida, e está hoje em minha memória. A maioria das construções do Distrito de Marcílio Dias, onde passei boa parte de minha vida, são de madeira e a localidade desenvolveu-se economicamente devido ao ciclo da madeira no início do século XX.

Ainda na graduação em História abordei a temática das arquiteturas de madeiras e a história local do Distrito de Marcílio Dias, tendo desenvolvido o Trabalho de Conclusão de Curso *História do Distrito de Marcílio Dias e seus patrimônios culturais*. Trabalhei como

¹ A Guerra do Contestado foi um conflito entre os estados do Paraná e Santa Catarina entre os anos 1912 a 1914, envolvendo a disputa de terras naquela região rica em erva-mate e reserva florestas e por onde seria construída a estrada de ferro ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul. A guerra foi provocada pela crise social resultante do desemprego dos trabalhadores da ferrovia, pela posse de terras e pela influência de líderes religiosos. O Governo Federal enviou tropas para dispersar as comunidades e, após várias derrotas, as tropas federais conseguiram vencer os sertanejos.

professor de História e de Geografia em Canoinhas e Três Barras, ambos em Santa Catarina, até o ano de 2011. E a história local e do Contestado sempre foram meus temas de maior interesse naquele período. Em 2012 migrei de cidade com objetivo de ter novas experiências profissionais, novas realidades e oportunidades. Porém, o sentimento ufanista sempre esteve presente, o que me levou a participar de um processo seletivo de uma universidade privada, a Universidade de Joinville-Univille, para cursar o mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, tendo sido aprovado e onde cursei por um período desenvolvendo o tema das casas de madeira como patrimônio cultural. Porém, devido a questões financeiras, não pude concluir o curso. Atualmente, moro na cidade de Joinville (SC) e em 2021 entrei no processo seletivo do ProfHistória (Pós-Graduação do Mestrado Profissional em ensino de História) da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e fui aprovado. Então vieram as dúvidas sobre o tema do projeto de dissertação, tendo sido na disciplina de história local, que a questão ufanista bateu forte. Naquele momento, Canoinhas e o Distrito de Marcílio Dias tornaram-se tema da minha pesquisa, junto com a abordagem do Patrimônio Cultural. Mesmo com a distância 196 km separando Joinville e Canoinhas, e com carga horária de 40 horas semanais na rede estadual de ensino, foi possível dar continuidade a este estudo.

Nesta dissertação se busca estabelecer, junto com a comunidade, a reflexão sobre história e a memória do Distrito de Marcílio Dias, ressaltando a relação do extrativismo da madeira, da erva-mate e das construções atualmente consideradas Patrimônio Cultural local. Destaca-se que a história local é um importante abordagem para o ensino de História no Ensino Fundamental e Médio, pois permite que os estudantes compreendam como determinados discursos são produzidos sobre o local e o identitário. Além disso, a história local pode ser utilizada para contextualizar o local na história nacional e mundial. Essa prática, conhecida como o fenômeno “glocal”, amplia a compreensão e relevância do ambiente local, conectando-o com acontecimentos e tendências globais

Enfim, trabalhar a história local e os patrimônios culturais da localidade, por meio do ensino de História, é fundamental para estabelecer um sentimento de pertencimento e alteridade. Desse modo, é possível estabelecer um espaço onde os estudantes consigam organizar seus conhecimentos históricos, refletindo melhor na construção da história de sua localidade e de sua memória. De acordo com Pelegrini (2006), o processo de ensino e aprendizagem sobre o patrimônio envolve os indivíduos como agentes históricos e produtores da cultura em seu território. As edificações de madeira, por exemplo, proporcionam uma narrativa única sobre a região, podendo ser utilizadas como recursos pedagógicos para o

ensino de História.

Com o desenvolvimento desta dissertação, buscou-se explorar a relação entre as casas de madeira, a indústria madeireira e a transformação da paisagem na região, destacando, por meio da educação patrimonial e da História Ambiental, a preservação do Patrimônio Cultural de Canoinhas, especificamente do Distrito de Marcílio Dias. Desse modo, a história local, o Patrimônio Cultural e a História Ambiental tornam-se tarefas prioritárias, uma vez que são áreas do conhecimento que destacam a diversidade e pontuam as mudanças culturais, sociais e ambientais que vêm ocorrendo com o passar dos tempos, sem dissimular os conflitos de interesses dos distintos segmentos sociais.

No município de Canoinhas, o patrimônio cultural arquitetônico construído em madeira não tem sido um importante instrumento para a valorização da história local, porém, o tombamento e a restauração da estação ferroviária de madeira de Marcílio Dias pelo Iphan em 2021 foi um ponto de partida para a contribuição da preservação do patrimônio cultural de madeira na região. Hoje, o espaço denomina-se oficialmente “Complexo Cultural de Marcílio Dias” e recebe exposições culturais. Há também o Museu histórico Orty de Magalhães Machado, que, até meados de 2022, ficava no centro da cidade, e em 2023 foi realocado para a estação ferroviária em madeira do Distrito de Marcílio Dias. Ainda na comunidade de Marcílio Dias encontra-se outra edificação de madeira, tombada pelo Iphan em 2006 e restaurada em 2009, conhecida como a casa de escama. A casa tem parte de sua fachada revestida com pedaços de madeira cortados em forma de escudo arredondado, que dá a aparência de escamas de peixe. É uma das únicas casas desse estilo encontradas no Brasil e a única da região (Portal de Turismo de Canoinhas, 2020).

No Distrito de Marcílio Dias encontram-se diversos patrimônios culturais tombados e restaurados, dentre os quais destacam-se os casarões de madeira do início do século XX, entre eles o Salão Metzger, que serviu como hotel, cinema e salão de baile e para o qual há um desejo dos proprietários para tombamento e restauro. Há também o casarão da Família Olsen que é todo de madeira, assim como as casas de funcionários da empresa Olsen, entre outras edificações. Todos esses bens culturais e outros que não mais existem atualmente foram pintados por um artista local no muro da Escola de Educação Básica Professor Manuel da Silva Quadros, instituição também do início do século XX². Para rememorar sua história, a

²Concluídas em setembro de 2023, as obras pintadas no muro EEB Prof. Manoel da Silva Quadros são do artista Francisco Martins e retratam antigas edificações do Distrito. São imagens da ponte de ferro, das duas antigas igrejinhas de madeira (Luterana e Católica), da Estação de Trem, do Salão Metzger, da Casa de Escamas, do Casarão dos Olsen e da antiga escola em estilo enxaimel.

comunidade do Distrito de Marcílio Dias também tem um blog, com 1.875.072 de acessos registrados quando da escrita deste texto.

Atualmente, o que se observa sobre arquitetura de madeira do município é uma informação amplamente difundida em diversos meios, como o site de turismo da Prefeitura, artigos acadêmicos e narrativas do Iphan nos Roteiros Nacionais de Imigração: Santa Catarina³ é apresentada por meio das características arquitetônicas de Canoinhas, com destaque para o Distrito de Marcílio Dias, que exhibe um Centro Histórico que remonta ao ciclo de exploração da madeira, evidenciado nas diversas construções locais.

A transformação dessa paisagem é fruto do extrativismo, da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) e da Araucária (*Araucaria angustifolia*), entre outras espécies de madeira da região em uma época despreocupada com práticas sustentáveis, e que alterou completamente a paisagem natural. A transformação na paisagem reflete a evolução da humanidade e da sociedade ao longo do tempo. Ao contemplarmos o Patrimônio Cultural, como de uma casa de madeira, somos levados a refletir sobre a transformação do meio ambiente e seu papel fundamental no ensino da história. Compreende-se que, por meio da preservação da memória, valoriza-se o patrimônio cultural e mergulha-se na história das edificações de madeira.

Ao abordar a história das edificações de madeira, os estudantes terão a oportunidade de compreender a importância histórica e cultural dessas estruturas, além de entender como elas foram construídas, a época e como se relacionam com o contexto social e econômico da comunidade local. Dessa forma, esta pesquisa tem como pressuposto teórico-metodológico contribuir com o conhecimento sobre como determinadas memórias são construídas ou destruídas, valorizadas ou desvalorizadas em uma dimensão coletiva. Assim, compreende-se que as edificações de madeira fazem parte do Patrimônio Cultural e podem ser analisadas por meio de monumentos históricos e outras obras que permitam ao estudante conseguir visualizar o passado de uma determinada localidade.

Para uma melhor organização sobre a temática para alcançar os objetivos propostos, o método adotado para a realização desta pesquisa é de caráter qualitativo, propondo-se a responder questões muito particulares. Na percepção de Minayo (2002), a pesquisa qualitativa, no âmbito das Ciências Sociais, trabalha uma certa dimensão da realidade que não pode ser quantificada, propondo reflexões sobre os significados, motivos, aspirações, crenças,

³Concluídas em setembro de 2023, as obras pintadas no muro EEB Prof. Manoel da Silva Quadros são do artista Francisco Martins e retratam antigas edificações do Distrito. São imagens da ponte de ferro, das duas antigas igrejinhas de madeira (Luterana e Católica), da Estação de Trem, do Salão Metzger, da Casa de Escamas, do Casarão dos Olsen e da antiga escola em estilo enxaimel.

valores e atitudes que constituem as relações sociais, históricas e políticas que perpassam o fenômeno estudado. A autora ressalta que esses fenômenos sociais não podem ser reduzidos a variáveis quantitativas, considerando que se entrelaçam a diversas epistemologias do conhecimento e analisam a vida, a cultura e o conhecimento de determinados sujeitos sociais.

Assim, para ter um caráter qualitativo propõe-se uma pesquisa bibliográfica de natureza exploratória e descritiva. Conforme destacado por Ribas e Fonseca (2009), a pesquisa descritiva consiste em descrever a realidade como ela se apresenta, compreendendo e interpretando-a por meio da observação, registro e análise dos fatos e fenômenos. Esse tipo de pesquisa busca responder questões sobre o que está acontecendo na vida social, política e econômica, sem interferir diretamente nessa realidade, mas mobilizando a comunidade a refletir sobre isso. (Ribas; Fonseca, 2009, p. 6). Para contextualizar o Ensino de História local, entres os autores que estarão presentes na pesquisa, temos: Erinaldo Cavalcanti (2018), Maria Auxiliadora Schmidt (2007) e Alexandre Assis Tomporoski (2013), este último abordando principalmente a Guerra do Contestado. Serão analisados artigos, publicações de historiadores locais, memorialistas sobre o objeto de estudo e jornais locais (entre eles o Jornal Correio do Norte que faz parte da Hemeroteca Digital Catarinense desde 2017), dentre outras fontes. Ainda como materiais metodológicos para a pesquisa, serão utilizados dados iconográficos por meio de acervos fotográficos que estão em plataformas digitais, como blogs e acervos particulares, pois a fotografia serve como uma alternativa a mais para compreensão do passado e é uma fonte passível de análise das práticas cotidianas demonstrando caracteres históricos, como também dados sobre transformações nas paisagens ocorridas no município e no Distrito de Marcílio Dias.

Já para abordar a História Ambiental, os autores presentes na pesquisa sobre a temática serão: José Augusto Pádua (2010), Donald Worster (2002), Alfredo Ricardo Silva Lopes e Mário Martins Viana Junior (2020) e Miguel M. Xavier Carvalho (2010b). Serão também considerados os fatores históricos regionais sobre o ciclo da madeira, a partir do início do século XX, a devastação de florestas da araucária e a transformação da paisagem da vila e da cidade. E assim teremos Thomé (1995) que trata da questão das madeireiras e a devastação da floresta na região do Contestado.

Acerca da estrutura, a presente dissertação está dividida em três capítulos e também apresenta o produto. No primeiro capítulo, abordaremos o ensino de História, a consciência histórica, história local e o processo de ocupação e formação de Canoinhas e do Distrito de Marcílio Dias. Salienta-se na dissertação as abordagens sobre identidade territorial e o uso de

bens culturais do Distrito de Marcílio Dias.

O segundo capítulo apresenta uma discussão sobre os conceitos de paisagem e paisagem cultural; paisagem entendida como a interação entre o ambiente natural e as atividades humanas que refletem a História Ambiental. Ainda no capítulo destaca-se a importância de que o ensino de História inclua a História Ambiental na perspectiva do Antropoceno. Por fim, no capítulo destaca-se a importância do ensino de História e do patrimônio constituído em edificações de madeira na região do Distrito de Marcílio Dias em Canoinhas.

O terceiro capítulo explora a ideia de utilizar as casas de madeiras como objeto para o ensino de História, destacando os bens culturais do Distrito de Marcílio Dias. Portanto, no capítulo temos um roteiro e um e-book como produto de dissertação de ensino de História. Ao seguir o roteiro das casas de madeira, os estudantes têm a oportunidade de aprender sobre a arquitetura e o modo de vida dos antigos moradores, contribuindo para a preservação da memória e da identidade cultural do local. Por meio desta iniciativa de dissertação, o Distrito de Marcílio Dias não apenas fortalece a sua história, como também tem a possibilidade de promover a educação patrimonial na comunidade e o turismo. Essas construções históricas contam não apenas a história da arquitetura local, mas também a história das famílias e a transformação da paisagem. Ao percorrer o roteiro das casas de madeira, é possível mergulhar em um passado próspero em detalhes e significados, que nos conectam à identidade e às raízes do lugar. Já a escolha por um e-book serve como guia didático das 18 paradas selecionadas junto à comunidade para o roteiro e conta também com planos de aulas e atividades.

2 O ENSINO DE HISTÓRIA ENTRE A HISTÓRIA LOCAL E O PATRIMÔNIO NA FORMAÇÃO DO DISTRITO DE MARCÍLIO DIAS

No primeiro tópico deste primeiro capítulo destaca-se o ensino de História, a consciência de história local e sua relevância para o desenvolvimento da consciência histórica, o que se compreende como algo fundamental para a formação de cidadãos críticos e atuantes. Na Educação Básica, o ensino de História tem a finalidade de proporcionar aos estudantes uma análise e reflexão crítica do mundo e do seu local. Ao trazer o ensino de História para o contexto local, é possível estabelecer uma conexão mais próxima entre os estudantes e o conteúdo abordado.

No segundo tópico, analisa-se o processo de ocupação e formação de Canoinhas e do Distrito de Marcílio Dias, considerando elementos do processo histórico, tais como: a ocupação do território pelos indígenas e pelos imigrantes europeus, e a formação social e econômica da região, uma vez que ela era baseada em uma estrutura produtiva que envolveu o extrativismo de madeira e de erva-mate.

Já no terceiro tópico, abordam-se os seguintes conceitos: o ensino de História, o Patrimônio Cultural e os conceitos de patrimônio no Brasil. Salienta-se que as abordagens sobre identidade territorial e o uso de bens culturais do Distrito de Marcílio Dias são compreendidas como símbolos sob a ótica de práticas de proteção e conscientização dos bens culturais voltadas para a utilização do Ensino de História local.

2.1 ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA LOCAL

O processo de formação da consciência histórica dos estudantes requer uma prática de Ensino em História, fundamentada na capacidade crítica dos estudantes de refletir sobre o passado. Desse modo, compreende-se o papel do professor de História como fundamental, no que concerne à forma como ele mobiliza o conhecimento histórico e as metodologias que ele utiliza para conduzir sua *práxis*.

Nesse sentido, Rêgo (2020) nos apresenta alguns elementos para se pensar ensino de História no contexto do século XXI:

Antes mesmo de tratarmos do que se pode entender como sendo Consciência Histórica, tratamos das reflexões acerca do ensino de História e seus atuais desafios. Entende-se como imprescindível a necessidade de ser considerada a dinâmica deste século XXI, fruto de crises e reflexões deixadas pelo século XX. Expectativas de um “mundo de descobertas”, de uma revitalização de perspectivas do mundo das ciências e tecnologias, das revoluções das comunicações, de interações em tempo real (Rêgo, 2020, p. 63).

As práticas de Ensino em História não podem mais estar atreladas a técnicas de memorização sobre determinado assunto. É necessário que os estudantes recebam o estímulo necessário para analisar as causas e consequências dos fatos e contextos históricos, o que os levaria a ter uma perspectiva ampla em suas interpretações sobre os eventos da História, e a compor sua reflexão sobre como o passado influencia direta ou indiretamente o presente. Segundo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), a mediação de saberes, materiais e recursos da ação docente também pode promover a ampliação do vínculo do professor com o aluno, no que diz respeito à produção de sentidos do mundo, estimulando a construção de saberes históricos na instituição de ensino (Brasil, 2018). Isso requer dos professores uma abordagem interdisciplinar, que integre as diferentes áreas do conhecimento e promova o pensamento crítico e uma consciência histórica, que é analisada sob a perspectiva de ser um fenômeno que pertence exclusivamente à existência humana ou como uma característica de uma determinada parcela da sociedade, ou até mesmo como uma meta ou estado a ser alcançado (Cerri, 2007). A consciência histórica é uma categoria ampla e relaciona-se não somente com o ensino de História, mas também com as características do pensamento histórico, por meio da articulação com o passado que é interpretado como história. Dessa forma, a análise dos conhecimentos históricos e a utilização e função da história acontece tanto no âmbito da vida pública quanto da privada (Rüsen, 2006).

Nessa perspectiva, destaca-se que o ensino de História na Educação Básica tem a finalidade de promover uma formação crítica sobre a história. Assim, várias pesquisas na área de ensino de História destacam a ação do professor na sala de aula como um processo que resulta da sua compreensão de história (razão histórica) e de aprendizagem, ou seja, a reflexão do docente sobre como o aluno aprende em determinadas condições de aprendizagem (Lima, 2009).

A pertinência e a eficácia do ensino de História requerem dos professores uma formação continuada atualizada, considerando as diversas discussões e abordagens mais atuais da área. Nesse sentido, os conteúdos históricos precisam ser mobilizados de uma forma contextualizada e também interdisciplinar. Além disso, os conhecimentos devem estar articulados com a realidade dos alunos, visando promover a reflexão crítica sobre os temas.

Nesse cenário, Cerri (2007) nos apresenta a existência de opiniões que divergem entre si sobre a História e o papel dos meios de comunicação em massa, no processo de formação da consciência histórica.

Assim, é comum encontrar opiniões divergentes sobre a história entre o âmbito oficial, incluindo aí a escola, e os alunos que se relacionam com essas esferas, o que nos conduz para a conclusão de que a formação histórica dos alunos depende apenas em parte da escola, e que precisamos considerar com interesse cada vez maior o papel dos meios de comunicação de massa, da família e do meio imediato em que o aluno vive se quisermos alcançar a relação entre a história ensinada e a consciência histórica dos alunos (Cerri, 2007, p. 107).

O processo de conscientização, em uma perspectiva histórica, necessita de uma ação educativa voltada para a formação do pensamento crítico e emancipatório. A partir desse diálogo é que se produz uma consciência histórica. Nessa perspectiva, os indivíduos podem analisar sua própria realidade, refletir sobre a diversidade cultural existente na sociedade e compreender a importância de preservar a memória coletiva. Dessa forma, a consciência histórica é um elemento de orientação primário que permite a prática de um marco e de uma matriz temporais, em que se pode analisar determinado período histórico por meio de assuntos diários da vida em sociedade (Rüsen, 1992). Por meio do estudo e da investigação no campo da História, os estudantes são conscientizados em um procedimento de desenvolvimento de empatia, tolerância e respeito pelas diversas diferenças culturais, sociais, políticas e econômicas que estão entrelaçadas na estrutura da sociedade. Sendo assim, Rüsen (1992) destaca os componentes do que é o aprendizado histórico:

A aprendizagem histórica implica muito mais que o simples adquirir de conhecimento do passado e a expansão do mesmo. Visto como um processo pelo qual as competências se adquirem progressivamente, emerge como um processo de mudança de formas estruturais pelas quais tratamos e utilizamos as experiências e conhecimento da realidade passada, passando de formas tradicionais de pensamento aos modos genéticos (Rüsen, 1992, p. 24).

No processo de formação dos indivíduos, o ensino de História é fundamental para a compreensão ampliada das raízes históricas que constituem a sociedade, mediante a análise crítica do passado. Dessa maneira, é possível analisar os eventos passados e entender como eles afetam a sociedade atual. Nessa perspectiva, Lima (2014) propõe a seguinte reflexão:

As reflexões sobre os usos do passado tecidas na teoria da história aproximam-se do Ensino de História, sendo a didática da história dirigida a interesses práticos e, como um dos ramos da ciência histórica, voltada à investigação das funções que o conhecimento histórico assume na sociedade (Lima, 2014, p. 59).

Portanto, compreende-se que o ensino de História acontece em uma perspectiva dinâmica e ativa, considerando a necessidade de despertar o interesse dos estudantes nos estudos. Diante disso, o professor pode elaborar e desenvolver propostas educativas menos formais e flexíveis, no intuito de promover o diálogo, a reflexão e o pensamento crítico sobre os acontecimentos históricos. Outro aspecto relevante é a contextualização dos conteúdos históricos, feita pelos professores, por meio de práticas de ensino que estimulem a curiosidade e os interesses dos estudantes. Como exemplo, destaca-se o trabalho pedagógico com o local, com a história da comunidade, tanto em uma perspectiva regional, nacional ou glocal. Assim, o termo glocal, a noção de “glocalização”, permite introduzir na globalização uma realidade multidimensional e, ademais, promover a junção entre global e local.

O conceito Glocal foi introduzido inicialmente com o objetivo de reconhecer o processo de uma cultura local e proteger a exclusão causada por movimentos da Globalização, isto é, respeitar as diferenças de cultura de um determinado lugar, sem deixar de expandir a origem da cultura evitando, assim, a sua homogeneização e protegendo a diversidade cultural (Lima, 2019, p. 74).

Para suprir os desafios da docência e a demanda do estudante do século XXI é preciso estar atualizado com as novas metodologias do ensino de História, para que as aulas se tornem mais dinâmicas e atrativas. Porém, essas mesmas abordagens metodológicas demandam tempo de formação continuada, o que raramente é ofertado pelas Secretarias de Educação. Ao analisar o ensino de História é preciso compreender que é necessário um processo de reflexão contínuo do docente e o exercício cotidiano de superação dos desafios que surgem na realidade escolar. Assim, considera-se a importância de refletir acerca das expectativas esperadas entre o professor e o estudante (Rêgo, 2020, p. 69) Em várias situações, os estudantes do cenário de Educação Básica parecem não ser capazes de analisar os eventos históricos e relacioná-los à sua própria existência, na realidade em que vivem. Sendo assim, é incumbência do professor de História aproximar o passado e o presente, realizando uma investigação do modo pelo qual os fatos ocorridos ao longo da História da Humanidade interferiram na sociedade atual. Pelo singelo fato de aproximar os temas tratados em História com a realidade dos estudantes, já se possibilita um processo de identificação da sua própria identidade cultural e histórica. A capacidade de relacionar os conteúdos de História à vida dos estudantes também os permite um processo de reconhecimento da sua própria identidade cultural e histórica. Dessa forma, Juliana Esperança Ferrini (2019) compreende que quando existe uma aproximação de realidades distintas presentes no passado e no presente, busca-se causar interesse e identificação dos alunos em relação aos conteúdos

propostos pelo professor.

Em uma perspectiva abrangente, o ensino de História contribui para o processo de fortalecimento da consciência histórica do indivíduo, e do desenvolvimento do pensamento crítico e interventivo na realidade. Quando os estudantes são incentivados a refletirem de forma crítica sobre o passado e a se reconhecerem como sujeitos da História, eles conseguem promover a sua própria realidade social e lutarem contra as desigualdades e a estratificação da sociedade capitalista, em busca de um futuro mais justo e igualitário. Nesse cenário, os professores têm um papel fundamental na formação contínua desses estudantes e no processo de transmissão e análise dos conhecimentos históricos, sempre a partir de uma prática democrática e acessível.

A História nos traz a responsabilidade da consciência, enquanto humanos, enquanto seres racionais, de que temos a plena capacidade de compreender o mundo que nos cerca e, conseqüentemente, conviver com ele. Não basta apenas o saber pelo saber. O que nos completa é a forma como podemos significar e ressignificar a história dentro do seu contexto. E é justamente nesse ponto que o conhecimento histórico se torna peça-chave para a vida humana em sociedade. O conhecimento sobre nós mesmos nos credencia minimamente, ou pelo menos pavimenta o caminho, para que possamos nos compreender, e compreender melhor uns aos outros (Soares, 2022, p. 22).

Ao pensar o ensino de História, destaca-se a importância da abordagem do professor, o diálogo e as atividades que são desenvolvidas em uma perspectiva crítica, reflexiva e contextualizada, sempre buscando relacioná-la com a realidade presente. É necessário também refletir sobre os impactos das ações humanas ao longo do tempo. Para conscientizar historicamente o estudante, o professor de História precisa promover o questionamento das narrativas dominantes, a partir da exposição e diálogo de diversos pontos de vista, considerando as relações existentes entre passado, presente e futuro.

Esse processo contribuirá para a formação da criticidade e da consciência, potencializando as suas capacidades de atuar e intervir em um mundo globalizado.

Atualmente, o ensino de História na Educação Básica tem a finalidade de proporcionar aos estudantes uma análise e reflexão crítica do mundo, do seu local e da sua região. Segundo Cerri (2007):

A própria metodologia do ensino é saudável nessa perspectiva, de modo a compreender a educação histórica como um processo que não pode ser encarado como dentro da redoma da sala de aula. Os problemas e as potencialidades do ensino-aprendizagem de história não estão restritos à relação professor aluno na sala de aula, mas envolvem o meio em que o aluno e o professor vivem, os conhecimentos e opiniões que circulam em suas famílias, na igreja ou outras

instituições que freqüentam e nos meios de comunicação de massa aos quais têm acesso (Cerri, 2007, p. 110).

Porém, essa reflexão não deve acontecer somente no ambiente escolar, mas na comunidade e em toda vida em sociedade. Para Pereira (2008):

Nossa concepção é que ensinar história na escola significa permitir aos estudantes abordar a historicidade das suas determinações sócio-culturais, fundamento de uma compreensão de si mesmos como agentes históricos e das suas identidades como construções do tempo histórico. O presente, que é o espaço/tempo dos estudantes, de onde eles olham para si mesmos e para o passado, torna-se histórico, na medida em que, passo a passo, o professor de História consegue historicizar as instituições, as políticas, os modelos culturais, os modos de ser e, sobretudo, as identidades. Trata-se de levar as novas gerações a conhecerem suas próprias determinações, a construir relações de pertencimento a um grupo, a uma história coletiva e a lutas coletivas (Pereira, 2008, p. 119).

Ao trazer o ensino de História para o contexto local, é possível estabelecer uma conexão mais próxima entre os estudantes e o conteúdo abordado. Afinal, a história local é parte da própria comunidade em que vivemos, é a história dos nossos antepassados, dos lugares que frequentamos e das tradições que seguimos. Diante dessa colocação, cabe questionar o que seria “local” e quais são os desafios do Ensino De História para o local. Segundo Donner (2012):

A busca pela história local passou por um crescimento ao longo das últimas décadas. Muitas pessoas se interessam por esta história por razões nostálgicas, para elas, conhecer e pesquisar sua história traz um sentido de pertença, de lugar no mundo. Outro motivo tem sido o desenvolvimento do interesse turístico que tem ganhado mercado (Donner, 2012, p. 225).

No âmbito da “dimensão do local”, a história local e as práticas educativas realizadas nesse contexto permitem uma compreensão mais ampla entre o espaço e a ação, e também permite problematizar o espaço como lugar de ação e intervenção, como elementos centrais da discussão histórica de um determinado território. Nesse sentido, o local específico de um território é tido como um espaço social em que os indivíduos possam refletir sobre suas experiências nesse contexto (Cavalcanti, 2018).

Para Cavalcanti (2018), é possível ensinar os conteúdos que representam as experiências históricas próximas ao universo de vivência dos estudantes sem limitar as reflexões a uma interpretação que analise os fatos que retratam a história local como se fossem construídos pela dimensão espacial ou que fossem resultantes de uma história maior ou nacional.

Assim, o papel do professor é importante para essa reflexão do estudante sobre história local, o que se torna um desafio para docentes, pois muitos vêm de outras regiões para trabalhar nas localidades e acabam não se inteirando do local e focando em uma história universal, o que envolve questões como falta de tempo de planejamento, falta de formação para trabalhar a história local ou até mesmo ausência de interesse por considerarem a história local como uma história menor.

Falar de história local é sem dúvida um desafio uma vez que este campo, mas que não é tão novo, vem conquistando espaços cada vez mais significativos no ensino de História. Ora, esta, quando da sua constituição como ciência, no século XIX, buscou valorizar grandes eventos, personagens e lugares como importantes a serem ensinados, lembrados e comemorados de forma que estes, aos poucos, buscavam “fortalecer” as memórias da nação. A rememoração, ao mesmo tempo que silenciava as memórias das inúmeras pessoas e de lugares afastados dos grandes centros do poder – pequenas cidades, vilarejos, aldeias, quilombos – buscava alimentar o espírito de respeito à Pátria e daqueles “eleitos predestinados” que estavam à frente dela (Torres Neto, 2018, p. 24).

No entanto, um aspecto a ser ressaltado é a falta de ensino adequado sobre a história local, o que está intimamente ligado às práticas políticas de uma elite dominante, elite essa que não parece ter nenhum interesse em promover uma reflexão crítica e um engajamento dos estudantes em relação aos problemas de sua própria localidade ou cidade, especialmente quando se trata do patrimônio local.

O ensino de História local, através do patrimônio, é conteúdo recorrente do currículo escolar. Por meio da cidade, que é espaço privilegiado para a formação de identidade e capaz de construir valores culturais, sociais e históricos dos sujeitos que ali vivem, é favorecida a construção de pertença que é de suma importância para propiciar a definição de um lugar ao qual nos sentimos sujeitos participantes (Monteiro, 2022, p. 22).

Já com a prática no Ensino de História local, a visão da história apenas de uma elite local dominante tem sofrido mudanças. Torres Neto (2018) ressaltava que o ensino de História, por meio da história local contribui não apenas para a construção de um sentimento de pertencimento, mas também para a valorização e fortalecimento de histórias e memórias dos sujeitos sociais que vivem nessas diversas localidades, muitas vezes vistas como menores e sem valor histórico. Um cuidado adicional ao se trabalhar história local é desmistificar a identificação do espaço local como o entorno, o mais próximo, o mais conhecido, o imediato, o bairro. Tal identificação perpetuaria o anacronismo, a perspectiva etnocêntrica de cunho localista e o reducionismo (Assis; Pinto, 2019, p. 16).

A abordagem da história local na sala de aula pelo professor de História permite ao

estudante despertar um senso crítico quanto a aspectos relevantes da vida na sua comunidade. Assim, quando o docente de História apenas passa ou reproduz o roteiro linear de ensino dos fatos históricos, o aluno não estabelece relações com seu local, o que propicia um indivíduo desvinculado dos problemas de sua localidade. Para Torres Neto (2018), quando se analisa a cidade é possível conhecer o seu passado e a sua história, considerando o olhar sobre os grandes centros, com a finalidade de conhecermos seu passado e sua história, a partir de uma perspectiva de valorização das memórias como contribuição para o processo de construção da identidade.

Desse modo, perceber como os alunos “leem” e conhecem a cidade, a partir das transformações ocorridas nos espaços e lugares do centro urbano, utilizando-se para isso um projeto didático, possibilitará a aprendizagem dos conceitos de patrimônio, memória e tempo, bem como, construir no discente o sentimento de pertencimento em relação ao lugar. Além disso, ao estudar a cidade é possível compreender a nossa função como sujeito que preserva e/ou transforma, que (re)lê e (re)escreve a cidade-texto refletindo assim, sobre as práticas e ações (Torres Neto, 2018, p. 73).

Por fim, para compreendermos a história local como um campo de pesquisa e de ensino na Educação Básica, é significativa a necessidade da mudança e apoio a esse processo de um número maior de professores no cenário atual. Para Schmidt (2007), o trabalho com a história local possibilita gerar atividades e atitudes investigativas, criadas a partir de realidades cotidianas, como, por exemplo, o trabalho com documentos e materiais auxiliares, buscando informações em arquivos e fazendo perguntas sobre o sentido das coisas (Schmidt, 2007, p. 190).

Assim sendo, o estudo das questões regionais e locais se faz fundamental para que os alunos possam compreender melhor as relações existentes entre a região onde vivem e o global, pois esta compreensão lhes ajuda a refletir historicamente sobre os acontecimentos, proporcionando uma visão crítica sobre os fatos e, assim, podem formar e transformar sua opinião (Paim; Picolli, 2007, p. 114).

Ao considerar a natureza dos fatos locais, sejam políticos, econômicos, sociais ou culturais, é importante entender que eles são influenciados pelo que ocorre no nível global, ou até mesmo devido à rapidez das informações e o acesso a elas (Melo, 2015).

As práticas de ensino em história local são fundamentais para que os estudantes possam compreender as características da sua própria história, pois fazem parte do entorno social, político e econômico em que vivem. Nessa área, é preciso criar uma conexão com os estudantes, com o objetivo de gerar maior identificação e valorização da sua própria

comunidade. O trabalho com o local não suprime o trabalho didático com a história nacional, que passa apenas a ser problematizada. Problematizar e analisar a história nacional pressupõe compreender que as diferentes regiões experienciam os acontecimentos de formas diferentes e, conseqüentemente, constroem saberes diferentes sobre uma mesma experiência (Assis; Pinto, 2019, p. 7).

O Ensino de História local, ao contrário do que muitos pensam, não se resume apenas a eventos específicos. Ele vai muito além disso, permitindo aos estudantes a compreensão das relações sociais, políticas, econômicas e culturais que moldaram a realidade em que vivem. Por meio da análise da história local, os alunos podem compreender a construção da identidade coletiva e individual, além de perceberem as transformações e continuidades ao longo do tempo.

A construção de uma história local na sala de aula também guarda grande valor quando permite ao aluno despertar um senso crítico quanto a aspectos relevantes da vida na sua comunidade. Quando o professor de história apenas repassa o roteiro linear de ensino dos fatos históricos, o estudante não estabelece relações com seu cotidiano, o que propicia um indivíduo opaco aos problemas de seu bairro e de sua cidade. Daí também a necessidade de debates em torno de temas locais, os quais possam fazer do discente um agente transformador de sua realidade, e não apenas um figurante do processo histórico (Costa Neto; Nascimento, 2017, p. 109).

A valorização da memória e da cultura também é benéfico para a história local. Para Ricoeur (2007), a memória é como um arquivo de imagens que nos transporta para o passado. Ao memorizarmos ou relatarmos fatos, estamos resgatando essas imagens que estão guardadas em nossa memória individual ou coletiva (Ricoeur, 2007). E neste trabalho pedagógico, o estudante pode se reconhecer ou não como sujeito da história, e não somente sendo um agente passivo, a partir da valorização das histórias individuais e coletivas, proporcionando um espaço de diálogo para que aqueles excluídos e silenciados historicamente.

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (Le Goff, 1990, p. 368).

Quando o professor faz a mediação do saber histórico para o saber escolar, o trabalho intencional e sistematizado com a história permite a produção de novos conhecimentos articulados ao interesse dos estudantes, ampliando significados, sentidos e experiências

culturais. Contudo, Bittencourt (2008) alerta que a história local muitas vezes reproduz o feito de personagens importantes e das classes dominantes.

A história local geralmente se liga à história do cotidiano ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelece relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamento de histórias, tanto no presente como no passado (Bittencourt, 2008, p. 168).

Deve-se buscar uma abordagem local que crie vínculos com a memória familiar, identificando lugares de memória, e tudo vira objeto de estudo, alargando a compreensão de sujeito histórico presente na consciência histórica dos educandos. O estudo da história local na disciplina de História, considerando a valorização das fontes históricas, é uma oportunidade de inserir o contexto local dos alunos que formam a comunidade escolar. São estratégias de ensino que oportunizam o contato com outros instrumentos, levando os alunos a aprenderem de forma dinâmica a importância da valorização social, cultural e histórica. Segundo Schmidt e Cainelli (2009), o trabalho pedagógico na área de Ensino da História possibilita aos estudantes a construção de situações problematizadoras, a partir da leitura, reflexão e análise de várias histórias com base em diferentes sujeitos da própria história, que muitas vezes foram selecionadas pela não institucionalização desse conhecimento histórico.

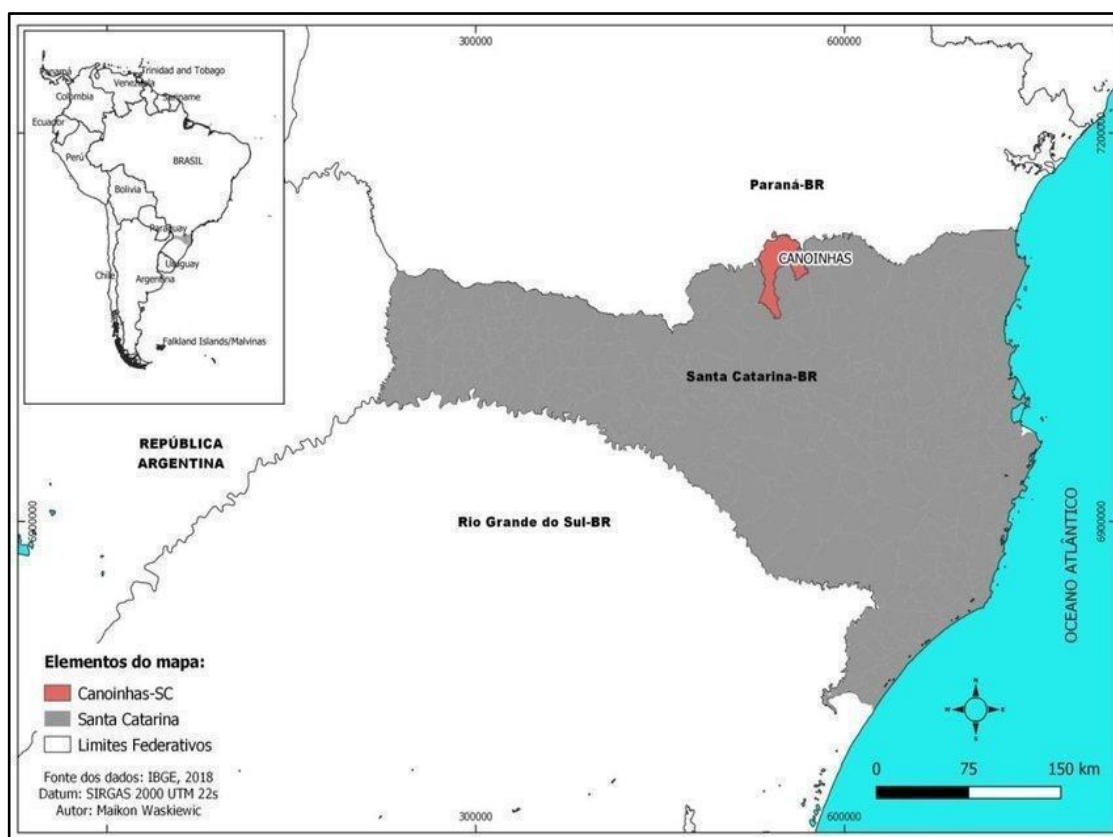
Ao pesquisarem sobre a história da sua própria cidade, bairro ou região, os alunos começam a conhecer as tradições, costumes e manifestações culturais que fazem parte do seu patrimônio material e imaterial. Desse modo, acontece o fortalecimento da identidade local e o respeito à diversidade e pluralidade cultural. De um outro lado, destaca-se a importância de não limitar o Ensino de História local apenas ao passado, mas também abordar as próprias lacunas, contradições e injustiças sociais, políticas e econômicas presentes no território analisado. É fundamental que os alunos sejam estimulados a questionar, problematizar e desconstruir versões unilaterais ou excludentes da história, para que possam compreender criticamente o seu papel como agentes de transformação na sociedade.

Com base no exposto, compreende-se que a indústria da madeira e as transformações das paisagens de Canoinhas no Distrito de Marcílio Dias são elementos fundamentais para a compreensão da história e da identidade local. As edificações de madeira representam não apenas um aspecto arquitetônico, mas também um símbolo de pertencimento.

2.2 FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CANOINHAS (SC) E A HISTÓRIA LOCAL DO DISTRITO DE MARCÍLIO DIAS

Situado ao norte do estado de Santa Catarina, na divisa com o estado do Paraná, e fazendo parte da microrregião do Contestado, o município de Canoinhas limita-se ao norte com o Paraná, ao sul com os municípios de Major Vieira e Timbó Grande, ao leste com Três Barras, Major Vieira e Bela Vista do Toldo e a oeste com o município de Irineópolis. A localidade possui uma área de 1.153 km² e uma população de 55.016 habitantes (IBGE, 2023). Sua localização geográfica pode ser observada no mapa apresentado na Figura 1.

Figura 1 – Mapa indicando a localização do Município de Canoinhas



Fonte: Maikon Waskiewicz, IBGE (2019).

Canoinhas era inicialmente um território habitado por indígenas e caboclos, como todo o Planalto Norte catarinense. A região era território indígena dos Gê e foi habitada pelos grupos Xoklengs e Kaingang inseridos na floresta de araucária, nas regiões de matas e de campos (Thomé, 1995).

Os indígenas das etnias Xokleng e Kaingang eram adaptados ao frio da região, diferenciando-se de outras etnias, como por exemplo, os povos indígenas Carijós do Grupo

Tupi-Guarani, que ocupavam o litoral catarinense e o Rio Grande do Sul (Rocha; Bazanella; Marchesan, 2019, p. 107). Porém, com a abertura da Estrada da Mata ou Estrada das Tropas, que ligava o Rio Grande do Sul à São Paulo para transporte de gado, muitos gaúchos, paulistas, portugueses e espanhóis passaram a viver nas vilas que iam se formando no interior e serviam de pouso para os tropeiros.

Conforme já exposto, entendeu-se que a localidade em questão confere ao ensino de História oportunidade para se refletir sobre a importância desta em torno do nosso espaço de vivência e convivência, oportunizando olhares mais críticos desde sua remota origem até o presente momento. Sabe-se que a própria população local vem se alternando a partir dos primeiros habitantes de que se tem notícia, os indígenas, depois os bandeirantes paulistas que ali foram aos poucos se fixando, logo em seguida, com o movimento tropeiro, muitos deles também ali fincaram raízes, negros escravos que fugiam do cativeiro convergiam também à região, e dessa forma, se configura o sertanejo do Contestado antes do advento dos imigrantes europeus (Grunow, 2017, p. 64).

Assim, a presença do caboclo na região foi importante para os primeiros imigrantes. Os caboclos aprenderam com os indígenas e repassaram aos recém-chegados o reconhecimento das espécies florestais e suas utilidades, tipo de solos apropriados ao cultivo, e fases da extração da erva-mate (Thomé, 1995, p. 51).

O povoado de Canoinhas foi fundado em 1888, principalmente por ser a rota de tropeiros, recebendo o nome de Santa Cruz de Canoinhas, tornando-se Distrito em 6 de dezembro de 1902 e tendo se separado de Curitiba em 12 de setembro de 1911.

Nos anos de 1912 a 1916 ocorreu a chamada Guerra Sertaneja do Contestado por questões sociais, políticas e econômicas. A crença em uma figura messiânica também colaborou para que isso acontecesse e o município de Canoinhas esteve envolvido no conflito. A Guerra Sertaneja do Contestado aconteceu no contexto político, histórico e econômico do período da Primeira República no Brasil (1889 a 1930), com conflitos ocorrendo nos estados do Paraná e Santa Catarina (Costa, 2018).

Após a Guerra Sertaneja do Contestado, Canoinhas alcançou uma fase de grande desenvolvimento, pois o município teve sua economia reativada pelo extrativismo vegetal da erva-mate e da madeira, alterando o nome do município para Ouro Verde. Esse ciclo, que trouxe imigrantes para a localidade, durou até meados de 1930, quando a economia ervateira entrou em franca decadência.

O Distrito de Marcílio Dias é uma das muitas localidades que compõem a região, sendo um povoado colonizado por descendentes de diferentes nacionalidades, como alemães, poloneses e ucranianos. Localizado a apenas 4 km do centro da cidade de Canoinhas, é

considerado mais antigo do que a própria sede do município. O Distrito desenvolveu-se devido à extração de madeira e à instalação da estrada de ferro em 1913, tendo o ramal ferroviário de Marcílio Dias grande influência sobre o desenvolvimento econômico do município.

Assim, a partir de 1912 começaram a chegar os primeiros trabalhadores para implantar a estrada de ferro na região. No dia 10. de outubro de 1913 foi inaugurado o trecho ligando Três Barras a Estação Canoinhas, interligando com Mafra, Rio Negrinho, São Bento, Corupá, Jaraguá, Joinville, São Francisco do Sul e várias outras localidades, onde em cada uma foi levantada uma estação Ferroviária. De 1913 a 1915, o trecho entre a Estação de Canoinhas a Porto União sofreu interrupções por causa da Guerra do Contestado. Durante 4 anos a Estação Canoinhas (hoje Marcílio Dias) era o ponto final do Ramal São Francisco (Mafra, 2019, p. 29).

A inauguração da estação ferroviária no Distrito, no início do século XX resultou na consolidação de uma comunidade nas proximidades, devido ao empreendedorismo de Bernardo Olsen, empresário da cidade de São Bento do Sul. A estação ferroviária de Marcílio Dias era denominada de Estação Canoinhas e no entorno dela foi fundada a Colônia São Bernardo, próxima à confluência do Rio Canoinhas com o Rio Negro (Mafra, 2009).

Assim, o processo de colonização do Distrito de Marcílio Dias, como marco inicial, decorre da construção da estrada de ferro e da inauguração da ferrovia no final de 1913, o que levou à ocupação efetiva de toda a região, tendo se com imigrantes teuto-brasileiros. “O uso do conceito teuto-brasileiro” e não “colônia alemã” deve-se ao fato de que os pioneiros que fundaram a Colônia São Bernardo, apesar de em sua maioria falarem a língua alemã, não eram alemães e nem todos eram descendentes de imigrantes que vieram da Alemanha, mas também da Áustria e Suíça (Mafra, 2019).

Com base nos estudos de Valentini (2003), observa-se a colonização do Planalto Norte catarinense e sul do Paraná como uma terceira frente de ocupação estadual que traria elementos de origens diferentes para a região. Por iniciativa do governo, estabeleceram-se na região várias colônias de descendentes de imigrantes europeus, principalmente alemães, poloneses e italianos, sobretudo na área que vai da Lapa até o Rio Negro, no Paraná.

Desse modo, a ocupação da região do Contestado se deu por imigrantes, em sua maioria alemães, poloneses e italianos que formaram os grupos étnicos que supostamente deram início a frente colonizadora de Canoinhas, como de toda a região do Planalto Norte (Valentini, 2003).

Paralelo a esses acontecimentos, ainda durante o período Imperial, foi promulgada a

chamada Lei de Terras, em 1850, que versava sobre aquisições de terras devolutas por outro título que não fosse o de compra. Excetuam-se as terras situadas nos limites do Império com países estrangeiros em uma zona de 10 léguas, as quais poderiam ser concedidas gratuitamente (Brasil, 1850).

A historiografia sobre políticas fundiárias no Brasil ainda é bastante marcada por uma visão clássica que compreende a legislação agrária como a expressão jurídica dos interesses de grandes proprietários de terras atrelados ao poder central. Parte-se do pressuposto de que a Lei de Terras de 1850 foi criada apenas para assegurar os interesses da classe dominante, constituindo-se como um marco no processo de apropriação capitalista do Brasil (Machado; Darossi, 2016, p. 87).

A aprovação dessa nova lei legalizou o latifúndio e fomentou a constituição de uma estrutura agrária direcionada para a agroexportação, possibilitando a concentração fundiária e incentivando a posse e povoamento da região pelos colonizadores recém-chegados. Aliado à situação jurídica, as riquezas naturais do território geram dois tipos de produto de base extrativista: a madeira serrada e a erva-mate (Adimari; Tomporoski, 2019). Assim, a região atraiu indústrias, contribuindo para a fixação dos imigrantes em grupos próximos às instalações fabris (Marchesan, 2013 *apud* Milani, 2014). As transformações que aconteceram com o uso da terra influenciaram diretamente as tradições que estavam articuladas à posse das terras e funcionavam como um símbolo de ascensão social e melhoria, devido à economia capitalista, tendo sido essas terras cada vez mais mercantilizadas em detrimento de um uso integrado à economia, tendo seu potencial produtivo explorado ao máximo.

Durante o período de 1940, a indústria extrativista de erva-mate e madeira era a principal atividade econômica de Canoinhas, o que é perfeitamente justificado pela abundância de matéria-prima, como expõe Nascimento (2009):

Na época, as reservas florestais de Canoinhas (SC) eram muito grandes, pois existiam aproximadamente 4,3 milhões de pinheiros com altura média de 13 metros, sendo 1.17 milhões com mais de 40 cm de diâmetro e 3.12 milhões, com menos de 40 cm. A estrutura fabril do município contava com 62 serrarias, sendo 54 de madeiras em geral, 5 para a fabricação de caixas e 3 laminadoras, entre elas a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, incorporada ao Patrimônio Nacional. Além do aparato para exploração da madeira, despontava também a indústria da cerâmica, com 8 fábricas de tijolos e telhas e 1 de ladrilhos (Nascimento, 2009, p. 40).

Para esse fim, o governo brasileiro estabeleceu um contrato com a *Brazil Railway Company*, empresa responsável pela construção do caminho de ferro que corta o Planalto Norte de Santa Catarina. De acordo com Tomporoski (2011), a construção da linha férrea

alterou a vida das populações das regiões pelas quais ela passava, com isso ocorreu um movimento de valorização econômica da terra. Contudo, isso também trouxe efeitos negativos, como o agravamento dos problemas sociais, o que influenciou diretamente no surgimento do movimento sertanejo do Contestado, entre os anos de 1912 e 1916, mais especificamente na região de fronteira entre os estados do Paraná e de Santa Catarina. Aliada à grande oferta de matéria-prima, a empresa *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* se estabelece na região dando início a exploração da madeira na região de Canoinhas, visto que, na época, Três Barras (cidade vizinha onde se estabeleceu) pertencia ao município e somente em 1960 foi elevada à categoria de município independente (IBGE, 2018). Assim, a conexão das atividades econômicas de extrativismo vegetal por meio da exploração de madeira serrada e erva-mate está direta e essencialmente ligada ao processo histórico de colonização e formação do município de Canoinhas, região contestada e exigida pelos estados de Santa Catarina e Paraná.

O processo de desmatamento da floresta com araucária ocorreu, grosso modo, desde o final do século XIX até o presente. Anteriormente a esse período, é de se supor que a floresta tinha sofrido poucas alterações provocadas pelos seres humanos, pelo menos em comparação a devastação desenfreada que ocorreu no século XX. Esse processo foi efetivado por basicamente três tipos de atividade humana: a expansão da agropecuária, a indústria madeireira e o uso da lenha para uso doméstico, ferrovias e uso industrial em geral (Carvalho, 2010, p. 71).

A construção da estrada de ferro foi um fator marcante para o processo histórico de ocupação e exploração de Canoinhas, pois interligou os estados do Sul com o Sudeste do Brasil. Como descreve Tomporoski (2006), a construção dessa ferrovia foi um atrativo para a vinda de imigrantes para região, que inicialmente fixaram residência nos municípios de Rio Negro (PR) e União da Vitória (PR), mantendo o interesse inicial no comércio que surgiu ao longo da ferrovia.

No entanto, somente após o fechamento da empresa *Lumber*, na então localidade de Três Barras, na década de 1950, qualificou-se Canoinhas como um polo econômico no estado de Santa Catarina, tendo havido o surgimento das maiores madeireiras do município, como Procopiak, Fuck, Zaniolo e Zugman S.A. (Nascimento, 2009), além da Madeireira Olsen S.A., instalada no Distrito de Marcílio Dias, que produzia tacos e cresceu junto com a ferrovia.

A madeireira Olsen S. A., com uma longa trajetória de êxitos foi também, na década de 1940, instalada no distrito canoinhense de Marcílio Dias, que viu se consolidar uma das maiores potências madeireiras que já existiram na região. De acordo com

dados levantados pelo historiador Tokarski (2008, p. 8): [...] levanta-se a hipótese de que egresso da localidade de Lençol, no município de São Bento do Sul - SC, a instalação de Bernardo Olsen em Canoinhas, fundado em 1913 o núcleo colonial São Bernardo, hoje vila de Marcílio Dias, às margens do ramal ferroviário São Francisco do Sul (SC) a União da Vitória (PR), foi resultado de uma ação ordenada pelo Sr. Abdon Baptista, o mais influente dos ervateiros de Joinville (Nascimento, 2009 p. 47 *apud* Tokarski 2008, p. 8).

Está clara a importância da ferrovia para o desenvolvimento do Distrito e da cidade de Canoinhas, pois foi através dela que ocorreu um grande impulso para o povoamento da região. Portanto, segundo Mafra (2019), é dentro desse plano que a colonização da estação Canoinhas, atual Marcílio Dias, foi organizada. Elaborou-se um quadro urbano, com ruas partindo da estação ferroviária em direção ao norte e transversais com lotes pequenos próprios para comércio, pequena indústria e área residencial (Mafra, 2019, p. 46).

Assim, a partir da construção da ferrovia no Distrito Marcílio Dias foi criada toda uma estrutura para atender à madeireira de Bernardo Olsen.

Bernardo Olsen é um homem de visão. E bem capitalista. Percebendo o potencial do lugar, onde uma estação ferroviária acaba de ser inaugurada, decide comprar as terras de Eugênio. A aquisição, feita em abril de 1913, é o marco da origem da vila, pois Bernardo tem o objetivo de formar um núcleo colonial. Suas ideias não param por aí. É preciso dividir o terreno, para possibilitar e coordenar a instalação de outras famílias. Bernardo se divide em colônias: lotes estreitos e compridos – como é possível observar, ainda hoje, em passeio pela vila. Suas ideias para o desenvolvimento do local não seriam gratuitas. Para eternizar seu nome, o coronel começa a dizer para todos os moradores, ferroviários, viajantes e quem mais passasse por ali que o nome do lugar era Colônia São Bernardo (Rodrigues, 2013, p. 17).

Dessa forma, pode-se dizer que o Distrito foi planejado pelos empresários Bernardo Olsen e mais tarde seu filho Wiegando Olsen. A empresa Wiegando Olsen foi inaugurada em março de 1926, com uma chaminé e um penacho de fumaça, o apito festivo de um velho. Esse cenário assinalava o início das atividades industriais de Wiegando Olsen, um de seus 7 filhos, em substituição a Olaria do velho Bernardo. Era o início de uma pequena serraria (Correio do Norte, 1976).

No decorrer dos anos 1930 foram construídas casas de funcionários, comércio, estádio de futebol e a própria empresa, construções arquitetônicas de madeira retirada da região. As Figuras 2, 3 e 4 ilustram a extensão das instalações da empresa durante a década de 1970, incluindo imagens da exploração da madeira como um símbolo de prosperidade na época.

Figura 2 – Fotos aéreas da empresa Wiegando Olsen nos anos 70 – madeireira, o pátio ferroviário e a vila



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Figura 3 – Caminhão da empresa Wiegando Olsen com uma tora de árvore



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Figura 4 – Fotos da comemoração dos 50 anos da empresa Wiegando Olsen



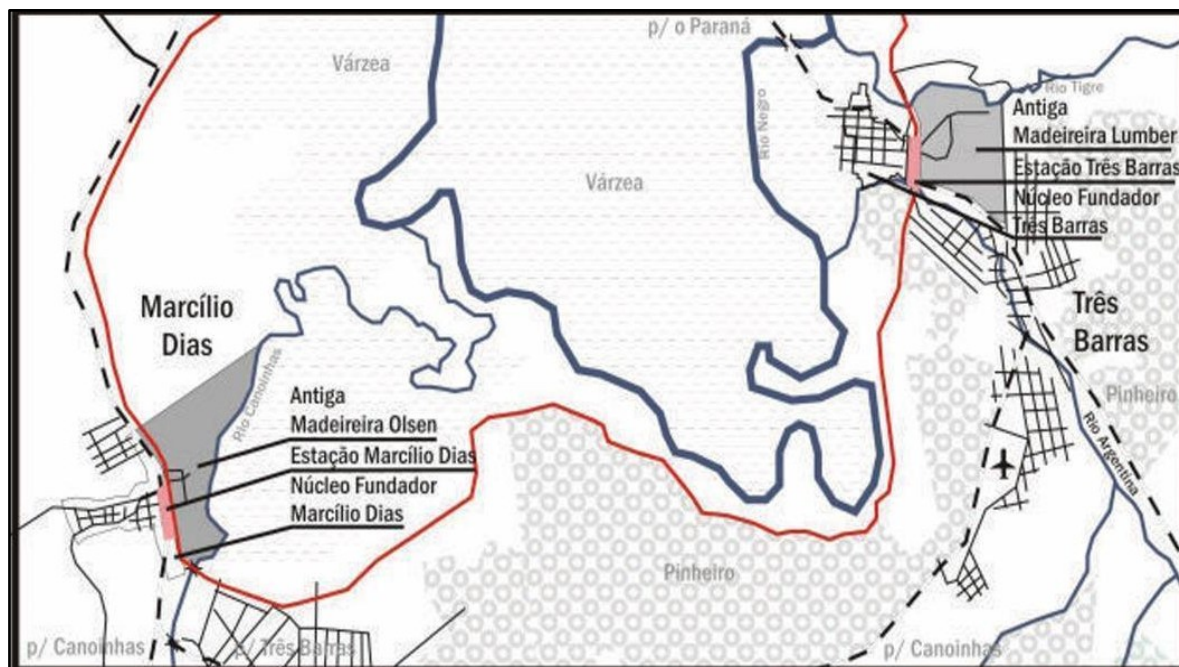
Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

A localidade de Marcílio Dias foi organizada pela empresa da família Olsen, da mesma forma que a localidade de Três Barras foi pela empresa *Lumber*.

Essa noção de cidade, trazida e propagada com o programa de colonização dos norte-americanos, espalhou-se pelo Planalto, região do contestado, oeste catarinense e sudoeste do Paraná. A cidade nasce da mata de araucárias, no formato de um loteamento, que chamamos de cidades da madeira, porque crescem ao redor das madeiras, e são completamente construídas em madeira (Serraglio, 2012, p. 273).

Considera-se essa a realidade de Marcílio Dias, uma estrutura social para atender à demanda de trabalho, e o cotidiano passou a ser marcado pela atividade madeireira e seu escoamento na estrada de ferro local. Responsável pela alteração da paisagem e das relações sociais na época, tanto que Três Barras e Marcílio Dias são localidades compreendidas como um complexo (Figura 5). Em vez de comunidades isoladas, considerando que existe uma proximidade entre as duas vilas, em razão da presença do trem, influenciando diretamente na arquitetura dos dois lugares e no subsequente modelo de desenvolvimento urbano (Serraglio, 2012).

Figura 5 – O complexo Três Barras - Marcílio Dias



Fonte: desenho de Serraglio (2012) com base na Carta do Brasil do IBGE de 1973.

O mapa da Figura 5 evidencia a proximidade entre o Distrito de Marcílio Dias e a cidade de Três Barras, distando aproximadamente 12 km de ferrovia uma localidade da outra. Também se pode observar que as localidades têm em comum o fato de terem sido instaladas

em meio a uma enorme mata de araucárias, e terem crescido no entorno de madeiras que exploram essa floresta (Serraglio, 2012, p. 124).

De acordo com Alencar (2012), o processo de expansão das ferrovias brasileiras aconteceu devido à expansão do capitalismo em termos econômicos e socioculturais, haja vista o ritmo acelerado das mudanças no ambiente de trabalho e o impacto das novas tecnologias que acabaram por influenciar a vida em sociedade, mediante as transformações culturais e da rotina que foram mudadas por meio do surgimento da locomotiva, que levou à mecanização e alterou a velocidade da rotina.

Desse modo, a região de Marcílio Dias rapidamente prosperou e firmou-se como um pequeno centro de convivência na região. A fim de suprir as demandas de mão de obra, as empresas madeiras da época edificaram moradias em madeira na região, que cederam a seus colaboradores. A vila de Marcílio Dias, onde existia a estação, era uma espécie de segundo centro de Canoinhas, existindo um ramal ferroviário que ligava Marcílio Dias a Canoinhas. Nos finais de semana era comum jovens embarcarem no ramal com destino a Marcílio Dias, com o único objetivo de checar quem chegava de viagem (Canoinhas, 2011, p. 47).

Assim, no ano de 1930, o ramal de Canoinhas passou a se chamar Marcílio Dias, uma homenagem ao marinheiro gaúcho que participou e foi considerado herói na Guerra do Paraguai, pois perdeu a vida enrolado em uma bandeira do Brasil, não querendo entregá-la aos paraguaios, na conhecida “Batalha do Riachuelo”, em 1865 (Portal de Turismo de Canoinhas, 2020).

Em 3/8/1930 foram inaugurados em Canoinhas a estação ferroviária e o ramal, unido a cidade ao distrito de Marcílio Dias. Ato foi presidido pelo prefeito Osvaldo Rodrigues de Oliveira e nele compareceu o inspetor federal de estradas, Edmundo de Almeida Monte. O poeta Hermes Fontes representou a presidência da República. Dirigiu a construção do Ramal o engenheiro Teodoro Stresser e o primeiro chefe da estação Elpídio Miranda. O ramal foi desativado 40 anos depois (Tokarski, 2002, p. 157).

Em 1976 foi desativado definitivamente o ramal que ligava a sede do município de Canoinhas a Marcílio Dias, e que servia para transporte de erva-mate, madeira e pessoas. Com a desativação do ramal, foi construído no lugar a estrada que liga a sede do município ao Distrito.

Figura 6 – Estação de trem de Canoinhas



Fonte: Portal de Turismo de Canoinhas (2020).

Figura 7 – Estação de Marcílio Dias, provavelmente nos anos 1970



Fonte: Acervo José Chichowicz, Portal de Turismo de Canoinhas (2020).

Portanto, a implementação da estrada de ferro foi de fundamental importância para o crescimento econômico de Canoinhas e de toda região do Planalto Norte, permitindo o escoamento da produção local.

A fase de decadência das ferrovias inicia-se a partir da década de 1970, quando todo o sistema ferroviário no Brasil é desestruturado em razão da maturação e da concorrência com o modal rodoviário (rodovias federais, estaduais e municipais) e também devido à falta de investimentos no setor ferroviário pelo Estado e pela iniciativa privada. Esse período durou até a metade da década de 1990, quando foram desativados, no território brasileiro, em torno de 8.000 km de vias ferroviárias (Silveira, 2002, p. 58).

O transporte de madeira e erva-mate desempenhou um papel relevante nas suas atividades econômicas locais. Portanto, a presença da ferrovia também teve impactos significativos na paisagem da região do Contestado. A construção da estrada de ferro resultou em mudanças visíveis, com a abertura dos trilhos, pontes e estações ao longo do percurso, utilizando a madeira da floresta do início do século XX.

Com o passar dos anos, a estrada de ferro que ligava Canoinhas a Marcílio Dias perdeu sua relevância e foi desativada, deixando um legado de desenvolvimento regional e transformação. Atualmente, o Distrito de Marcílio Dias preserva a memória da ferrovia, mantendo a antiga estação, os trilhos e a ponte de ferro como parte do seu patrimônio cultural mesmo não reconhecidos oficialmente.

Através de toda sua história e patrimônio, o Distrito de Marcílio Dias foi importante para o contexto educacional regional, pois, além da EEB Prof Manuel da Silva Quadros, que é centenária, o Distrito também possui o Cedup (Centro de Educação Profissional), conhecido como Colégio Agrícola, que está em funcionamento desde 1941. E também passou a contar, a partir dos anos 2000, com o Campus da UNC (Universidade do Contestado), atraindo vários estudantes de outras regiões para a localidade.

2.3 MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL COMO ABORDAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

Conhecer a história local e o patrimônio histórico-cultural material e imaterial desenvolve na comunidade o sentimento de pertencimento ao lugar, despertando atitudes de cuidado e preservação desses bens culturais, bem como a valorização da memória de outros tempos. O patrimônio cultural é o elemento primordial para a preservação e valorização das comunidades a longo prazo, possibilitando que esses conhecimentos sejam transmitidos entre as gerações do passado, presente e futuro. É um meio de reconhecimento da nossa própria identidade, auxiliando-nos a refletir sobre os seguintes questionamentos fundamentais: quem somos? o que nos tornamos? e para onde vamos? (Hora; Porto, 2020).

Segundo Funari e Pelegrini (2009, p. 7), “a preservação depende muito da comunidade, do empenho das comunidades em preservar e usar aquilo que consideram seu patrimônio”. Em várias partes do país, entidades civis mobilizam-se para se apropriarem dos seus bens culturais”.

Para Silva (2016), compreende-se que tanto o ensino de História, quanto o de Patrimônio, precisa passar por um processo de desnaturalização e historicização. Nessa perspectiva, ressalta-se a ideia de que esses bens tidos como “patrimônio nacional” de um determinado território não são dados naturais, mas sim produtos de práticas de uma realidade social específica e de relações sociais nas quais os sujeitos sociais diversos convivem entre si.

No estudo de Jelin (2002), a autora faz a relação entre memória e patrimônio cultural, além de abordar os esquecimentos que resultam nas invisibilidades do presente, destacando a memória coletiva como possibilidade de rememorar as lutas, as tragédias das pessoas e suas histórias. Quando existe abertura para o diálogo, é possível construir memórias para quem fala e ouve, e assim dar um significado a coisas, costumes, objetos, fatos e contextos. Mas a memória não é apenas individual.

Na verdade, a forma de maior interesse para o historiador é a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo (Silva, 2009, p. 276).

A construção da memória acontece por meio dos monumentos, histórias dos sujeitos e também pelos próprios acontecimentos do lugar que passam a fazer parte da memória coletiva.

E por que a memória é importante na construção da identidade e da cidadania cultural? Ora, é a memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem isso, a população urbana não tem condições de compreender a história de sua cidade, como seu espaço urbano foi produzido pelos homens através dos tempos, nem a origem do processo que a caracterizou. Enfim, sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história (Oriá, 2017, p. 139).

Em termos históricos, a política de tombamento relacionada aos bens culturais foi instituída em 1930 no Brasil, pelo governo de Getúlio Vargas. Já a inserção da preservação dos bens intangíveis baseou-se no Decreto n. 3.551, de 04 de agosto de 2000, que é amparado

pelos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988. Em síntese, compreende-se que o patrimônio cultural brasileiro pode ser considerado material ou imaterial, tomado individualmente ou coletivamente, mediante questões relacionadas à identidade, à ação e à memória de sujeitos que fazem parte dos grupos formadores da sociedade brasileira. A partir disso, foi instituído o inventário e o registro do denominado “patrimônio cultural imaterial ou intangível”⁴. Na categoria de patrimônio imaterial ou intangível os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). Esse conceito de imaterialidade retira um pouco da ênfase nos aspectos materiais, mas se volta para a valorização dos diferentes modos de vida.

Em relação ao que é feito nas concepções tradicionais, o objetivo não é o tombamento dos bens listados nesse tipo de patrimônio, mas sim o registro dessas práticas e representações para acompanhar e constatar sua permanência e como acontecem suas transformações. A iniciativa é bastante louvável, porque representa uma inovação (Abreu, 2003, p. 28). Vários bens culturais intangíveis já se encontram registrados, como a pintura do povo Wajãpi, o ofício das Paneleiras de Goiabeiras, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, o ofício das Baianas do Acarajé, a Viola de cocho e o Samba de Roda do Recôncavo Baiano. Conforme Abreu (2003, p. 5), o Samba de Roda do Recôncavo Baiano “[...] recebeu, em 2005, o título de ‘Obra-prima da Humanidade’. Em 2005 o Jongo tornou-se Patrimônio Cultural Brasileiro”. O registro do saber fazer, da memória coletiva, estabelece vínculos com as gerações anteriores, constrói a identidade de cada local. Portanto, trabalhar com a realidade, partindo da história local e seu reconhecimento como Patrimônio decorre do grande envolvimento das comunidades que as praticam com a sua organização, desenvolvimento e continuidade. Elas encontram sentido, mas isso não é só porque conhecem as práticas. Elas têm significados para elas que tem a ver com a história de vida, memória e muitas vezes identidades

Assim, a memória e o patrimônio cultural são elementos fundamentais para a construção da identidade de um povo e para a preservação de sua história. O patrimônio

⁴ A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) define como patrimônio imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.”. Esta definição está de acordo com a Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em março de 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 18 abr. 2025.

cultural engloba todos os bens culturais tangíveis e intangíveis que são herança de gerações passadas e que possuem um valor histórico, artístico, arquitetônico, entre outros aspectos, sendo essenciais para a compreensão da identidade de uma sociedade. A significação da comunidade sobre o patrimônio cultural acontece a partir do desenvolvimento de ações educativas fundamentais para o despertar do interesse sobre a memória, sobre as diversas manifestações culturais e sobre o estado da arte acerca das produções do território (Silva, 2018).

Nem toda memória está ligada ao Patrimônio. Mas todo Patrimônio está ligado a determinadas memórias, pois é por meio delas que mantemos vivas as experiências, tradições e conhecimentos transmitidos ao longo do tempo. Nesse sentido, Nora (2012, p. 14) escreve que “[...] tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história”.

Portanto, a memória coletiva de um povo é responsável por preservar as narrativas históricas, os valores e as práticas culturais, contribuindo para a manutenção de suas raízes e para a construção de uma sociedade.

Hoje, preservar o Patrimônio Cultural é, acima de tudo, uma questão de cidadania: todos temos o direito à memória, mas também o dever de zelar pelos bens de nossa diversidade cultural. Assim, a política de preservação e usufruto de nossa memória deve ser encarada não como uma questão do passado, mas sim, como uma tarefa de todos os brasileiros no presente. São os homens e as mulheres no presente que elegem os bens culturais reveladores de seu passado e de seu presente para a constituição de sua identidade como sujeitos históricos e cidadãos plenos que constroem coletivamente suas múltiplas memórias (Pereira; Oriá, 2012, p. 167).

Os conhecimentos acerca do patrimônio cultural, da memória dos povos e dos acontecimentos históricos permitem aos estudantes subsídios concretos e contextuais sobre o passado. Dessa maneira, contribui-se para a preservação e valorização do patrimônio cultural e para a vivência mais próxima com a história, com a análise da diversidade cultural e a reflexão sobre sua própria identidade. A incorporação de práticas pedagógicas que estimulem a pesquisa, a reflexão crítica e o respeito pela diversidade permite ampliar a experiência formativa do estudante, ao associar a área da memória à história, sempre articulando a sua história de vida e o cotidiano social. Dessa forma, compreende-se que, ao longo do processo, os estudantes vão se reconhecendo a partir do passado daqueles indivíduos que chegaram ao local antes deles, ou seja, o próprio patrimônio histórico-cultural daquele determinado espaço (Otto, 2015).

Ao promover o contato direto com os bens culturais e as memórias de uma sociedade, os educadores contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes historicamente, assim leva a possibilidade de compreender porque determinados bens são patrimonializados e outros não, o que está envolvido nessas escolhas.

Para que esse pleito se realize, o Educador Patrimonial precisa estar com suas percepções bem aguçadas, abrindo novos horizontes no universo cultural buscando, através de seu planejamento, organizar atividades que envolvam o contato com as comunidades, com os sujeitos históricos mantenedores de suas tradições. Um contato que precisa ser sensível e respeitoso para que ambas as partes sejam favorecidas em uma experiência rica de trocas. Olhar o outro como quem o abraça em sua existência, em sua humanidade e sua herança na diversidade dos povos. Esse exercício é fundamental para que as hierarquias sejam desconstruídas e conhecimentos plurais dialógicos emanem desse encontro (Mello; Zarbato, 2022, p. 215).

O sentimento de pertencimento e de identidade dos estudantes é fortalecido quando se trabalha a História em uma perspectiva contextualizada, buscando o respeito pela diversidade das culturas e estimulando o diálogo intercultural. É necessário vivenciar e analisar os vestígios materiais e imateriais da História, no intuito de ampliar o conhecimento e preservação das diferentes culturas. Ao promover a sensibilização dos educandos sobre os elementos sociais e culturais que formam a comunidade, é fundamental educar o olhar desses indivíduos, por meio de ações contínuas, nas quais a escola é um lugar de formação elementar para que isso aconteça. Nesse cenário, é tarefa da escola e do professor construir espaços de diálogo que favoreçam a preservação e a construção de narrativas plurais sobre a relação dos estudantes com objetos, monumentos e manifestações sociais e culturais (Damasceno, 2023).

Por meio do patrimônio material e imaterial existente na sociedade, tais como prédios históricos, festas e costumes culturais e entre outros, permite-se a preservação da memória e da identidade de um determinado território. Esse processo de preservação da cultura de um povo é importante para as gerações futuras conhecerem as tradições de seus antepassados. A definição de um patrimônio nem sempre decorre de um consenso e de identidades. Muitas vezes resulta em conflitos e pode também permitir pensar a alteridade.

A memória é a base da identidade e é fundamental para a construção da história local. É por meio dessas memórias, escritas ou recuperadas pela oralidade dos indivíduos, que existem os “lugares das memórias”, expostos por meio de monumentos, praças, edifícios públicos ou privados e entre outros, conforme destaca Bittencourt (2008).

As dificuldades quanto à questão de temporalidade no ensino de História podem ser superadas quando o estudante se percebe sujeito do processo histórico, estabelecendo diferentes relações entre passado e presente (Tonon; Lima, 2016, p. 193). Ao explorar os

elementos patrimoniais e a memória local, os estudantes são incentivados a compreender a importância de refletir sobre o passado e a valorizar a diversidade cultural de sua comunidade.

Para que o professor penetre no campo da memória histórica ele deve fazer a história do tempo presente, ou seja, trabalhar com os regimes de historicidades, aqueles em que passado, presente e futuro se entrecruzam. Na dialética temporal os acontecimentos vão sendo decifrados e podemos analisar a sociedade, entre outras formas, por meio da história local (Tonon; Lima; 2016, p. 194).

A preservação da memória e do patrimônio local contribui para o enriquecimento cultural e turístico de uma região. Por meio da valorização dos bens culturais e históricos, é possível promover o desenvolvimento sustentável e o turismo cultural, gerando emprego e renda para a comunidade local. Nesse sentido, Bittencourt (2008, p. 168) aponta que a “[...] a memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores quanto para o ensino”. O patrimônio faz a ligação entre grupos sociais, através dos símbolos, e as memórias coletivas compartilhadas evocam o sentimento de pertencimento.

O Distrito de Marcílio Dias em Canoinhas é um lugar cheio de história e memórias que são preservadas por meio de seu patrimônio cultural. Um exemplo disso é a Escola de Educação Básica Manoel da Silva Quadros, que em seus muros retrata a história local através de pinturas que valorizam a arquitetura de madeira característica da região.

Figura 8 – EEB Prof Manoel da Silva Quadros



Fonte: Fátima Santos, Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Essas pinturas no muro da escola não são apenas uma forma de decorar o ambiente, mas também uma maneira de preservar a memória e o patrimônio cultural da comunidade. As pinturas contam a história das casas de madeira que um dia dominaram a paisagem, mostrando como era a arquitetura local. As pinturas da escola me despertaram a motivação para trabalhar com o tema desta dissertação, relacionado às casas de madeiras da comunidade com Ensino de História, patrimônio cultural e história local, e toda a exploração das reservas florestais no início do século XX na região. Um detalhe bem interessante ao analisar as imagens é que se nota que nas pinturas quase não vemos a presença de árvores, pois as arquiteturas em parte estão sozinhas na paisagem. Assim, há uma ausência do mundo natural nas imagens, conforme ilustra a Figura 8.

Concluídas em setembro de 2023, a restauração das obras pintadas no muro da escola que são do artista Francisco Martins, retratam antigas edificações do nosso Distrito no muro da EEB Prof. Manoel da Silva Quadros. As imagens foram encomendadas em 2016 pela gestão escolar do centenário da escola. São imagens do Salão Metzger, das duas antigas igrejinhas de madeira, a Luterana e a Católica, da estação ferroviária, da casa de escamas, do casarão dos Olsen e da antiga escola em estilo enxaimel, observadas Figura 9.

Um detalhe bem interessante ao analisar as Figuras 8 e 9 é que nas pinturas não vemos a presença de árvores, pois as arquiteturas estão sozinhas na paisagem. Assim, há uma ausência do mundo natural nas imagens. Essas pinturas mantêm viva a história local do Distrito de Marcílio Dias, pois a comunidade EEB Prof Manoel da Silva Quadros está contribuindo para a valorização do patrimônio cultural do Distrito, destacando que a escola é centenária, fundada em 1917 para atender a demanda da Colônia São Bernardo, que mais tarde veio a ser denominada de Distrito de Marcílio Dias.

Fundada em Canoinhas no distrito de Marcílio Dias, “A Sociedade São Bernardo” teve como iniciativa o engenheiro ferroviário Oscar de Castilho. O imigrante alemão João Moelle mais tarde foi o primeiro professor da escola até 1935. Extinta em 1952, mais tarde a sociedade escolar foi transformada na Escola de Educação Básica Manuel da Silva Quadros (Tokarski, 2002, p. 145).

Essas imagens no muro não apenas embelezam o espaço, mas também ensinam os estudantes e a comunidade sobre a importância de conhecer e preservar a história e a cultura de sua região. O patrimônio cultural de um lugar é fundamental para a construção da identidade e da memória coletiva de uma comunidade.

As imagens representam a história, a arquitetura e a paisagem do início do século XX do Distrito de Marcílio Dias, portanto, torna-se um registro histórico e social de uma época e

de uma sociedade que explorava a madeira. As imagens não simplesmente reproduzem a realidade, mas a reinterpretam por meio de uma linguagem única e singular. Para Burke (2017), as imagens nos permitem “imaginar o passado de forma mais vívida”.

Figura 9 – EEB Prof Manuel da Silva Quadros



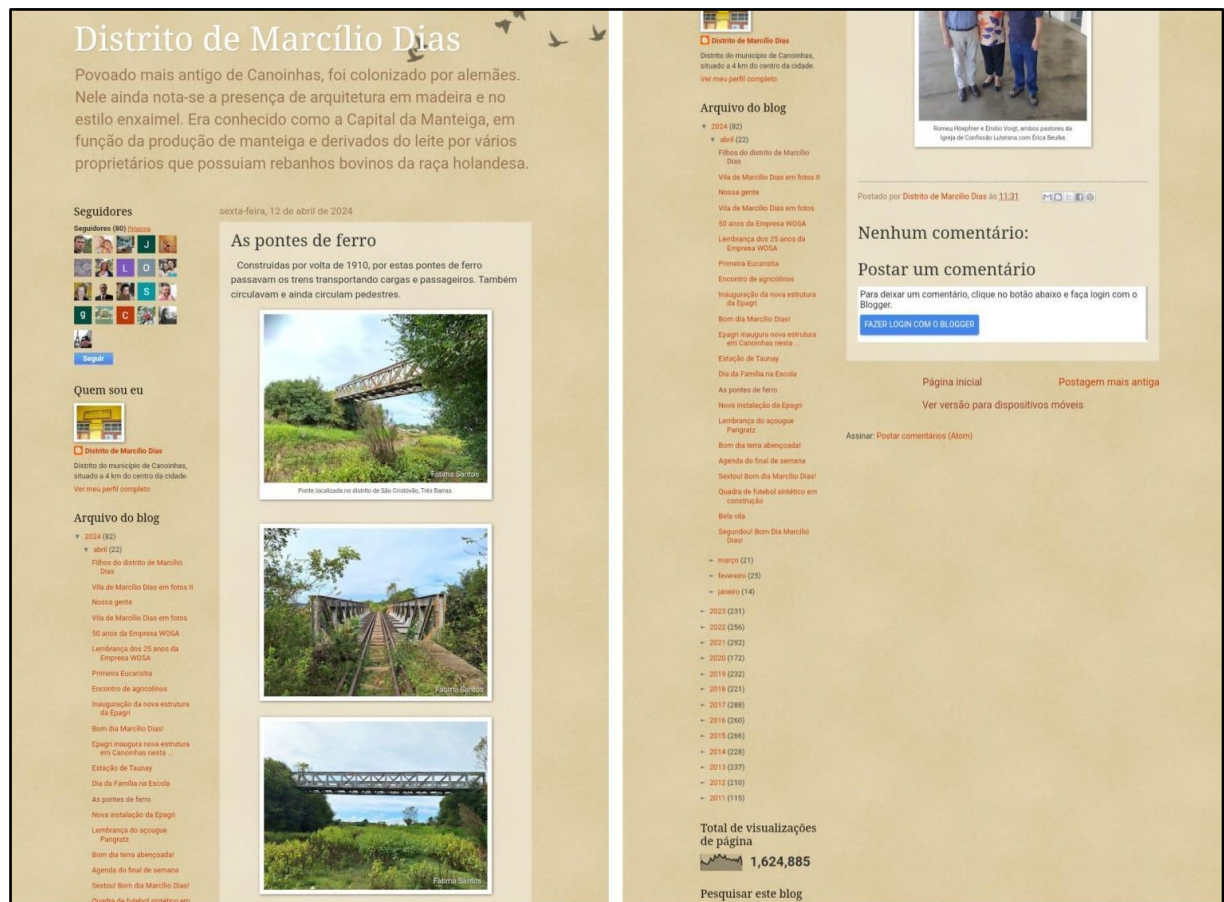
Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Para rememorar sua história local, a comunidade do Distrito de Marcílio Dias também conta com um blog que está atualmente com 1.627.802 acessos. O blog Distrito de Marcílio Dias (Figura 10) foi criado em 2011 pela professora e fotógrafa Fátima Santos, moradora do local. No blog há fotografias antigas que rememoram à história e textos produzidos por memorialistas, historiadores e escritores locais, além de divulgar imagens atuais do Distrito. Quando o blog fez dez anos, Fátima Santos contou sobre a criação que

partiu da Escola:

A ideia surgiu da professora de Língua Portuguesa de EEB Prof. Manoel da Silva Quadros, Marilde Salomon Ruppel que sugeriu a criação de um blog para que eu, professora de Artes Fátima Santos, divulgasse as fotos que tirava do distrito de Marcílio Dias. A partir daí, começamos a pesquisar fotos antigas, junto aos atuais e ex-moradores. Lembro que, com uma semana da criação, o blog já contava com 800 visualizações. Atualmente, o blog conta com mais de 660 mil visualizações. (Santos, 2021).

Figura 10 – Blog “Distrito de Marcílio Dias”



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Ao olhar para a história local e para o patrimônio cultural do Distrito de Marcílio Dias, pode-se compreender melhor as transformações pelas quais a região passou e refletir sobre o papel da madeira na construção da comunidade e a transformação desse meio ambiente no decorrer do século XX.

É importante destacar que a arquitetura de madeira está presente em diversos pontos, como nos casarões, na estação ferroviária, no antigo salão de dança, na casa dos operários e nas residências dos funcionários de altos cargos da antiga empresa Wiegando Olsen SA., que

explorou a madeira desde o início até meados do século XX.

Assim, a preservação e conservação das casas de madeira no Distrito de Marcílio Dias em Canoinhas são fundamentais para manter viva a tradição e a identidade arquitetônica da região. Poucas dessas estruturas históricas foram restauradas e adaptadas para uso contemporâneo, demonstrando a relevância contínua das casas de madeira na arquitetura moderna. Essas casas podem estabelecer uma conexão com a própria vivência, para dar um novo significado aos espaços que cercam os estudantes, seja no seu bairro ou na cidade. É importante reconhecer que essa significância histórica está intrinsecamente ligada às relações afetivas que permeiam a construção de memórias individuais ou coletivas, em diferentes níveis de intensidade (Soares, 2022).

Por meio da mudança de significados, pode-se construir novos e contínuos estudos históricos sobre os monumentos, construções ou espaços físicos ao longo desse processo. Os sujeitos sociais também se transformam ao longo dessas ações de ressignificação em uma determinada sociedade e tempo histórico (Soares, 2022).

As casas de madeira presentes na paisagem de Canoinhas e na região do Contestado são significativas e representam não apenas um exemplo de arquitetura tradicional, mas também a prosperidade de uma época e o testemunho da relação entre o homem e a natureza. Ao reconhecer a importância dessas estruturas e promover sua preservação, é possível manter viva uma parte importante da história e da cultura da comunidade, ao mesmo tempo em que se promove a sustentabilidade. Atualmente, em tempos de construção de alvenaria e concreto, as casas de madeira fazem lembrar de um passado distante e possibilitam dar densidade temporal às vivências na cidade.

3 PAISAGEM, HISTÓRIA AMBIENTAL, CICLO DA MADEIRA E O ENSINO DE HISTÓRIA

Este capítulo propõe uma discussão sobre os conceitos de paisagem e paisagem cultural, explorando a paisagem, entendida como a interação entre o ambiente natural e as atividades humanas que refletem a História Ambiental, bem como destaca a importância que o ensino de História inclua a História Ambiental na perspectiva do Antropoceno. O segundo tópico do capítulo relata o ciclo da madeira na região do Planalto Norte catarinense, incluindo a ação desenfreada sobre a floresta de uma empresa estrangeira capitalista na primeira metade do século XX, como também de empresas locais. Já o último tópico destaca a importância para o ensino de História do patrimônio constituído em edificações de madeira na região do Distrito de Marílio Dias, decorrente da exploração da madeira no século XX.

3.1 PAISAGEM CULTURAL E HISTÓRIA AMBIENTAL

O conceito de paisagem nos remete automaticamente a pensar em geografia e ecologia, e raramente em incorporá-lo no componente curricular da História dentro do processo de ensino. No entanto, na História, apesar de alguns estudos temáticos utilizarem o conceito, ele não tem recebido a devida atenção, resultando em uma confusão frequente com o conceito de ecossistema e de geografia. Dessa forma, surgem vários questionamentos em relação à paisagem e ao ensino de paisagem cultural na história, especialmente porque não vinculamos a história ambiental à aprendizagem de ensino de História. O principal objetivo da primeira parte deste capítulo é realizar uma análise historiográfica do uso do conceito de paisagem cultural a partir da história ambiental, além de explorar as interconexões com outras áreas do conhecimento de ensino.

A paisagem é um elemento fundamental na categoria de análise geográfica, permitindo-nos explorar e compreender o espaço de forma mais detalhada. Ela é composta por todos os elementos que podemos perceber e interpretar através dos nossos sentidos em um local específico. As paisagens estão em constante transformação e alteração, seja devido a mudanças climáticas ou outras ações de exploração do ser humano. A paisagem pode abrigar vestígios de diferentes épocas, proporcionando uma visão do passado e do presente. A abordagem geográfica adotada por diversos ecólogos da paisagem destaca as complexas interações entre o homem e o ambiente, abrangendo escalas espaciais e temporais

significativas. Suas formas usuais de representar as unidades de paisagem são o ecossistema, a cobertura vegetal ou o uso e a ocupação do território (Leonídio, 2009).

A História Ambiental, ao considerar a dimensão temporal e espacial da existência humana, destaca a importância da interação entre paisagem e meio ambiente para a vida no planeta, transcendendo fronteiras disciplinares, tornando-se um termo amplamente adotado em diversas áreas do conhecimento (Lopes, 2013, p. 54). Lopes faz uma análise do conceito de paisagem na perspectiva de Anne Cauquelin⁵, destacando-a como elemento das artes visuais empregado na construção da ideia de paisagem como um conjunto de valores organizados pela visão.

Cauquelin destaca que sempre se espera algo da paisagem, por isso são estabelecidas formas simbólicas, as quais dobradas no interior das imagens renascentistas imprimiam uma proposta que dava suporte à estrutura da natureza, ou seja, são as significações e aspirações sobre o mundo natural que produziram as estruturas que seriam observadas sob as grossas molduras do período renascentista. (Lopes, 2013, p. 55).

Os argumentos apresentados por Cauquelin são fundamentais para a reflexão sobre as interpretações do conceito de paisagem feitas pela Geografia e pela História. Ao longo do século XIX, a paisagem tem sido empregada pela Geografia como uma ferramenta essencial para a análise das interações entre sociedade e natureza em um espaço específico (Lopes, 2013).

Para Donald Worster (1991), historiador ambiental, no momento em que os geógrafos se ocuparam dessas forças, eles ofereceram muito à nova história, em termos de informação. Os geógrafos desempenharam um papel de nos alertar sobre a mudança em relação à nossa interação com o ambiente, pois nossa situação não é mais a de sermos moldados pelo ambiente. Ao contrário do que se pensa, atualmente somos os principais agentes de transformação, assumindo a moldagem, o que pode resultar em consequências desastrosas.

Ainda segundo Worster (1991), podemos interpretar a paisagem ao nosso redor como um tipo de documento histórico.

⁵Anne Cauquelin é filósofa e artista visual, além de romancista e ensaísta. Em sua busca de capturar e esclarecer a arte contemporânea e seu contexto, elaborou pesquisas de visão panorâmica, principalmente dos regimes da arte e suas mudanças do moderno ao contemporâneo. É doutora e professora emérita em filosofia estética na Université de Picardie e Université Paris

No último século pesquisadores das duas disciplinas entraram muitas vezes nos territórios uns dos outros e descobriram muitas semelhanças de temperamento. Os geógrafos, tal como os historiadores, tendem a ser mais descritivos do que analíticos. Elegendo os lugares, ao invés das épocas, como o seu ponto focal, eles mapearam a distribuição das coisas, tal como os historiadores narram sequências de eventos (Worster, 1991, p. 213).

De acordo com Sauer (1998), as paisagens podem ser divididas em dois tipos distintos: as paisagens naturais, consideradas “virgens” e praticamente intocadas pela ação humana, e as paisagens culturais, que são moldadas pela presença do homem e avaliadas através das marcas deixadas por ele. A paisagem cultural é construída a partir das ações do homem. Quando a cultura se transforma pode haver uma sucessão de novas paisagens culturais. É importante destacar que a paisagem natural é o local em que o homem se mostra na natureza como agente que modifica e transforma algo (Sauer, 1998).

A materialidade e a imaterialidade possuem uma relação de oposição que é expressa na paisagem e cultural. Isso acontece por meio de cultura implícita ou explícita que esteve sempre articulada e integrada ao conceito de paisagem. Esse diálogo é feito na área de Geografia Humana, entre geógrafos e antropólogos de forma constante (Name, 2010).

A paisagem é “[...] tudo aquilo que nossa visão alcança [...]”. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (Santos, 1988, p. 61).

A dimensão temporal, em particular, mostra como as paisagens são tanto um construto material que comunica informação como são um texto histórico. Paisagens incorporam princípios fundamentais de organização das formas e estruturas das atividades das pessoas. Processos de mudança comportamental ao longo do tempo e do espaço sempre resultam em uma paisagem em constante mutação. Assim, paisagens são produtos de processos culturais (Kormikiari, 2014, p. 7).

Assim, a paisagem cultural torna-se um conceito central na elaboração das práticas pedagógicas de História e Geografia por meio de um estudo interdisciplinar no qual a história local e a identidade cultural de uma população são abordadas em conjunto. Analisando a paisagem cultural, são estudadas em conjunto as mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas que ocorreram ao longo do tempo na sociedade em que vivemos.

A paisagem cultural pode ser entendida como fundamental na construção da memória de um lugar. Ela representa tudo o que torna um local único, englobando a natureza e o ambiente físico, as influências humanas e as manifestações culturais expressas no local. Ela seria, de certa forma, a “assinatura” de uma determinada comunidade, pois é por meio da paisagem cultural que a história, bem como os valores e tradições de uma comunidade, podem

ser compreendidos. Esse conceito é uma mistura de artefatos naturais e artificiais que representam a interação das pessoas e do meio ambiente no tempo. Isso inclui desde monumentos históricos e arquitetônicos a práticas culturais e modos de vida tradicionais.

A paisagem é um elemento que conta a história de grupos humanos que ocuparam determinados territórios. E também é um produto das relações existentes na sociedade que culminaram na construção de diferentes simbologias, espaços de interações entre aquilo que é simbólico ou material (Ribeiro, 2007). Dessa forma, Priori e Paixão (2015) entendem que a paisagem não é uma natureza intocável, mas sim uma natureza que foi transformada pelo homem, ou seja, um resultado da interação humana que resultou em diversas mudanças físicas, ecológicas, sociais e culturais.

A paisagem cultural pode ser definida como a interação entre os seres humanos e o meio ambiente em que vivem. Assim, cada paisagem cultural de um lugar é única, refletindo a diversidade das tradições locais.

A significação e a autenticidade das paisagens culturais envolvem também elementos que se relacionam com a dimensão imaterial do patrimônio, dependendo frequentemente da continuidade e da vitalidade de sistemas tradicionais de cultura e de produção, que criaram ao longo do tempo padrões característicos de uso da terra e um sentido de lugar. Hoje, muitos desses usos tradicionais da terra – e os produtos a eles relacionados –, que eram largamente aceitos sem muita reflexão, correm o perigo de ser desestabilizados e destruídos (Castriota, 2010 p. 23).

A paisagem cultural é uma combinação de elementos naturais e construídos pelo ser humano ao longo do tempo na formação e transformação de seu local, e ela não se restringe a apenas aspectos físicos, tais como construções e monumentos, mas também abrange elementos imateriais, como valores e tradições culturais. A paisagem cultural pode ser considerada um patrimônio coletivo, que deve ser preservado e valorizado como parte integrante cultural de uma sociedade. Por esse motivo, as Paisagens Culturais são apontadas pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) como parte da memória coletiva da humanidade. Sua tipologia envolve desde paisagens criadas intencionalmente (como jardins e parques), até paisagens sem evidência material (Costa; Serres, 2016, p. 168).

Desse modo, quando se preserva a paisagem cultural, torna-se possível resguardar a diversidade cultural e também o processo de consolidação da memória de uma determinada comunidade ou território. A valorização dessa paisagem cultural é necessária para ampliar o sentimento de pertencimento e reconhecimento dos indivíduos como parte daquele local, além de promover o desenvolvimento sustentável da região, principalmente no que concerne à

preservação das tradições e costumes culturais e dos saberes que foram transmitidos de uma geração para outra.

Com a realização da Convenção do Patrimônio Mundial, em 1992, um marco histórico primordial, observa-se um avanço ao se reconhecer e proteger paisagens culturais, conferindo-lhes um status de patrimônio independente. Isso as posicionou como uma categoria distinta dentro do Patrimônio Cultural Mundial. Com o aumento da conscientização ambiental no final do século XX, aliado ao crescente movimento em prol do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável, houve uma valorização global da relação equilibrada entre o ser humano e o meio ambiente.

A consolidação da noção de Paisagem Cultural como uma categoria de bem patrimonial independente no Brasil ocorreu a partir da Portaria Iphan n. 127, de 2009, quando o Iphan adotou oficialmente o termo “Paisagem Cultural Brasileira”.

Esta portaria vem a se somar aos instrumentos de proteção patrimoniais já usuais proporcionando meios para a salvaguarda de extensas porções territoriais dotadas de valor cultural e ambiental. Com base em princípios de sustentabilidade, ela propõe o estabelecimento de um pacto entre a iniciativa pública e privada, e a sociedade civil para a gestão compartilhada da paisagem que venha a ser protegida pela chancela (Vasconcelos, 2012, p. 53).

Porém, a noção de paisagem associada ao patrimônio brasileiro surge já no anteprojeto de Mário de Andrade, cujo entendimento de patrimônio vinculava-se à ideia de arte como fruto do trabalho humano (Costa; Serres, 2016, p. 169).

É fundamental ressaltar que a paisagem tem sido um tema relevante no campo do patrimônio no Brasil desde a década de 1930, quando foram estabelecidas as primeiras marcos legais de preservação do patrimônio cultural nacional. Portanto, é essencial compreender as diferentes interpretações de paisagem ao longo do tempo (Pereira, 2018).

Para Vasconcelos (2012), no estudo das paisagens culturais é importante compreender que a paisagem é algo vivo que se transforma, também é dinâmica, constantemente influenciada por fatores naturais, como o clima, a umidade, o regime de chuva e até mesmo o equilíbrio da cadeia alimentar, e em outros elementos físicos. É também por meio da ação humana que se desenvolve em um determinado contexto cultural.

Dessa forma, pode-se afirmar que a paisagem cultural é considerada um patrimônio cultural por causa da sua natureza híbrida. Analisa-se as características da paisagem por meio da cultura material, imaterial e da sua utilidade e relação entre os espaços naturais e os sujeitos (Dalonso, 2016).

No Brasil, a ideia de conservar uma paisagem cultural ainda está ligada à interação entre o homem e o ambiente natural. Essa relação demanda também a ação conjunta de órgãos responsáveis e o envolvimento das comunidades em que aquela determinada paisagem está localizada. Em síntese, quando a paisagem local é reconhecida pela comunidade, observa-se um papel fundamental no desenvolvimento turístico e econômico daquela região. Dessa maneira, é importante analisar o conceito de paisagem cultural e patrimônio como interdependentes, com um papel de relevância na preservação da história e identidade de um povo na sociedade. Considerando-se as paisagens como resultantes de processos sociais, pode-se inferir que o legado a ser deixado depende da forma como as sociedades vão construindo, simultaneamente as relações sociais, suas conformações urbanas e regionais (Pimenta; Pimenta, 2017, p. 65).

Portanto, a paisagem, entendida como a interação entre o ambiente natural e as atividades humanas, reflete a História Ambiental de um lugar. No caso da Guerra do Contestado, a paisagem da região foi profundamente alterada. Dessa maneira, é fundamental que o ensino de História inclua a História Ambiental, proporcionando uma visão mais abrangente e contextualizada do passado e do presente. Assim, para entender o passado e o presente de maneira mais apropriada e contextualizada, é muito necessário que, aliado a à História, a História Ambiental seja incluída no currículo. Portanto, a História Ambiental é um campo emergente de estudo do passado, dedicado a estudar as interações entre os seres humanos e o mundo que os cerca ao longo do tempo. A História Ambiental é agora um campo de pesquisa amplo e variado. A cada ano, milhares de estudiosos contribuem com pesquisas sobre as várias interações entre as sociedades humanas e o mundo natural.

Para Pádua (2010), a produção atual em um nível global é resultado da realidade florestal e rural, urbana e industrial, e também dialoga com uma gama de fatores e acontecimentos econômicos, políticos, sociais e culturais. Nesse aspecto, a História Ambiental é institucionalizada a partir da demanda dos indivíduos e das relações de convivência na sociedade que visualizam a utilização de seus recursos naturais em meio a um processo de transformação e também de degradação, e do rápido desenvolvimento da economia capitalista (Sevilha, 2023).

Desse modo, para a História Ambiental, a vida humana é condicionada pelo ambiente e vice-versa. Diferentemente do que foi estabelecido pela modernidade, de que o ambiente é um fator que limita a vida humana, e o homem seria responsável, por meio de suas faculdades da razão, de se libertar e emancipar-se do jugo imposto pelo ambiente (Lopes;

Viana Júnior, 2020).

Nesse sentido, destaca-se a importância de que antes de estudar e analisar a História Ambiental de uma determinada localidade, convém conhecer primeiramente os aspectos que a contextualizam, tais como a sua história, cultura e modos de vida, entre outros elementos necessários para analisar os sujeitos que ocupam ou ocuparam esse lugar (Almeida, 2020). Já o historiador ambiental Donald Worster (2002) define que:

Assim, definida etimologicamente, a História Ambiental lida com o papel e o lugar da natureza na vida humana. Ela estuda todas as interações que as sociedades do passado tiveram com o mundo não humano, o mundo que não criamos em nenhum sentido primário. O ambiente tecnológico, o conjunto de coisas que as pessoas produziram, que pode ser tão onipresente a ponto de constituir um tipo de “segunda natureza” em torno dela, também é parte deste estudo, mas no sentido muito específico em que a tecnologia é um produto da cultura humana assim como condicionada pelo ambiente não-humano (Worster, 2002, p. 25).

Nesse sentido, é preciso analisar de que maneira o homem, por meio da degradação excessiva dos recursos naturais, da poluição, das mudanças climáticas e da depleção da biodiversidade, tem afetado os ecossistemas. Utilizando uma linguagem não formal, é aí que se percebe a importância de repensar o nosso comportamento e de encontrar alternativas sustentáveis que garantam a sobrevivência do meio ambiente e que a humanidade possa prosperar nas gerações futuras. Assim, a paisagem cultural torna-se um conceito central na elaboração das práticas pedagógicas de História e Geografia por meio de um estudo interdisciplinar no qual a história local e a identidade cultural de uma população são abordadas em conjunto. Analisando a paisagem cultural, são estudadas em conjunto as mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas que ocorreram ao longo do tempo na sociedade em que vivemos. Daí surge o termo adotado por historiadores ambientais, o Antropoceno, uma nova era geológica onde a marca do comportamento humano na Terra é o fator distintivo.

O Antropoceno se baseia no pressuposto de que a humanidade recentemente se tornou um condicionante para transformações globais na circulação de água, no clima, na produtividade biológica, na biodiversidade, nos ciclos biogeoquímicos, nos padrões de sedimentação e na utilização global de terras e mares. Compreender o Antropoceno como regime de historicidade significa perceber que a aceleração no ritmo de apropriação dos recursos atinge a vida de todos e tem como resultado uma nova forma de conceber o tempo (Lopes; Viana júnior, 2020, p. 9).

O modo antropocêntrico de ensinar a Natureza é reflexo das bases filosóficas do século XVII e, desde então, a Natureza é assimilada como estando a serviço do Homem, o que

influenciou e edificou profundamente a educação moderna, ensinando como se o homem não fizesse parte dela, ensinando aos educandos sobre a “utilidade” dos animais e outros seres vivos (Santos; Souza, 2021, p. 228).

3.2 HISTÓRIA AMBIENTAL E O ENSINO DE HISTÓRIA

A finalidade da História Ambiental é promover processos de investigação das interações entre os seres humanos e o ambiente natural, buscando analisar como as sociedades utilizaram os recursos naturais disponíveis e quais transformações ocorreram a partir desse uso. Quando o professor compreende e incorpora em sua prática docente essa perspectiva, ele promove uma reflexão crítica das consequências das ações humanas sobre o meio ambiente e a compreensão da necessidade da preservação da biodiversidade e do ecossistema. A história de interação com a natureza não é apenas uma crônica sobre como diferentes formações sociais se apropriaram e destruíram os recursos naturais (Carvalho, 2010).

Quando se pensa a narrativa da relação com a natureza, é preciso refletir para além de como as sociedades se apropriaram e esgotaram os recursos naturais. Nesse processo da expansão do capitalismo, destaca-se a transformação do mundo natural em marcadores, considerando uma variedade de interações interpessoais. Assim, compreende-se que a História Ambiental abre novas possibilidades de estudos tanto para o campo da historiografia, como para a análise de problemas e modelos antigos de desenvolvimento que foram historicamente construídos e que acabam por impossibilitar a análise da relação entre os sujeitos sociais e o meio ambiente (Gomes; Silva, 2018).

Ao analisar a história ambiental, ressalta-se a importância de compreender como a ação humana transformou a natureza e como as sociedades lidaram com os recursos naturais, as mudanças no ambiente e desenvolvimento local, regional ou global e como a ação humana se refletiu no ambiente. O desenvolvimento de uma consciência histórica é importante para a preservação do meio ecológico e um alerta das consequências negativas caso ela não seja desenvolvida e trabalhada. O homem produz a sua própria consciência histórica por meio da interpretação da experiência e da intenção, considerando aquilo que ele é e como pode agir sobre a realidade na qual está inserido (Arruda, 2006).

Apesar do aumento expressivo de informações sobre os impactos ambientais e o reconhecimento, por parte da sociedade, de que esse é um tema indispensável para a formação de cidadãos críticos, a história ensinada tem tido certa dificuldade em incorporar o debate sobre o meio ambiente, deixando assim, de ampliar a compreensão sobre o passado (Kettle, 2017, p. 54).

A integração da história ambiental no currículo escolar possibilita uma educação mais contextualizada e significativa, estimulando a reflexão sobre as relações entre sociedade e natureza. Ainda referenciando Kettle (2017), ele defende a importância de discutir o papel dos elementos naturais como agentes históricos, enriquecendo e ampliando a narrativa histórica. Dessa forma, ao incluir a dimensão ambiental no conteúdo das aulas, é possível superar visões simplistas do processo de construção do conhecimento, que muitas vezes tendem a separar humanos e natureza (Kettle, 2017, p. 59). Diante desse cenário, é possível explorar diferentes abordagens no ensino de História em relação ao debate ambiental. Já Souza (2015) destaca a importância de contextualizar historicamente o conceito de natureza, considerando que ele é histórico e transforma-se ao longo do uso do espaço em determinado período da história. Dessa forma, o professor de História deve estar atento a essa história, discutindo esse assunto em sala de aula e ressaltando a importância da preservação da natureza em meio à crise do uso desses recursos naturais, haja vista que são finitos e podem acabar algum dia.

Ao considerar as interações entre o ser humano e a natureza, tendo em vista o cotidiano local dos estudantes, pode-se promover uma reflexão crítica sobre o assunto. Contudo, não se pode negligenciar os conteúdos tradicionais da disciplina de História. Dessa forma, é necessário equilibrar a discussão e o trabalho pedagógico relacionado à História Ambiental e aos conteúdos do currículo já previamente estabelecidos. Dessa maneira, a problematização desses temas é fundamental para analisar como o modelo de desenvolvimento vigente impactou diretamente essa interação entre o homem e a natureza.

Não se pode falar de História Ambiental sem falar de História Agrária, haja vista sua articulação com a Antropologia e outras ciências. Dessa forma, compreende-se a necessidade de olhar para a relação humana com as florestas (Gerhardt, 2014). Por meio do estudo da história ambiental, os estudantes e os professores podem analisar aspectos como a relação entre o ser humano e o meio ambiente ao longo do tempo, bem como as transformações e impactos causados por essas interações.

Porém, a história ambiental vai além da análise de eventos passados, pois passa a historicizar temas relacionados ao meio ambiente. Assim, a consciência histórica ambiental não deve ser apenas remetida ao passado ou à análise desse passado. A consciência histórica é

um elemento de estruturação do conhecimento histórico. É também um meio de analisar o presente e fazer previsões para o futuro que podem se concretizar ou não. Em síntese, é um conceito complexo que integra os conhecimentos relacionados ao passado como meio de compreender o presente e intervir no futuro (Rüsen, 2016, p. 14).

A lição da corrente ambiental é um apelo à ação no sentido de que temos, desde agora, que reexaminar as mudanças climáticas, a biodiversidade em sua conservação e as providências que devem ser elaboradas para alocar o desenvolvimento sustentável e a gestão sábia dos recursos naturais disponíveis.

O termo “sustentabilidade” passou a ser banalizado por muitos indivíduos, utilizado para expressar ideias de continuidade, durabilidade ou perenidade, sempre relacionado ao futuro. Na perspectiva de Veiga (2019), a evolução desse termo ainda leva tempo para ser compreendida. Ainda não há uma resposta científica definitiva sobre a sustentabilidade ambiental. Até os anos 1970, a sustentabilidade era um conceito limitado à biologia populacional, utilizado em pesquisas sobre manejo da pesca e florestas, no entanto, é crucial adotar práticas inteligentes para garantir a disponibilidade de recursos, como demonstrado no caso da pesca (Veiga, 2012, p. 18).

Para Veiga (2012), ainda hoje é evidente a necessidade de práticas sustentáveis para garantir a disponibilidade de recursos naturais no futuro. E é evidente que ainda não existe uma resposta científica definitiva para essa questão. Assim, fatores como a influência da urbanização das cidades e o impacto das tecnologias modernas devem ser objetos de análise no que se relaciona ao processo de degradação ambiental.

Dessa forma, para Carvalho (2010), os professores de História ainda não estão preparados para o debate ambiental de determinados problemas que perpassam os temas transversais. É preciso investir em uma formação continuada que trate especificamente dessa questão.

Portanto a história ambiental e o debate sobre meio ambiente é deixado de lado, ou acaba em componentes curriculares de disciplinas como Geografia e Biologia, assim como ocorre com o conceito de paisagem relatado no primeiro tópico deste capítulo. Nesse contexto de consciência histórica e história ambiental, destaca-se a ligação ao ciclo da madeira na região do Planalto Norte catarinense e à transformação da paisagem, já que o corte de árvores para a produção de materiais de construção, móveis e papel no século passado teve impactos significativos no meio ambiente.

As madeiras deixaram uma marca na paisagem da região do Contestado. A exploração da madeira transformou a paisagem natural de araucárias e outras espécies vegetais, criando um novo cenário marcado pela presença das atividades madeiras. Para Pereira (2018), a paisagem carrega diferentes marcas do tempo que expressam a relação entre homem e natureza, e também a produção histórica e social que acontece a partir de uma materialidade que possui seu próprio tempo: a natureza.

Assim, a transformação da paisagem a partir da Guerra do Contestado (1912 -1916) pode ser um elo entre o ensino de História e a História Ambiental. Após essa guerra, Canoinhas alcançou uma fase de grande desenvolvimento, sendo que o município teve sua economia reativada pelo extrativismo vegetal da erva-mate e da madeira. Esse ciclo durou até meados de 1930, quando a economia ervateira entrou em franca decadência, como já afirmado neste estudo.

Toda essa exploração das florestas da região do Contestado no início do século XX atraiu investimentos de empresas estrangeiras devido à grande oferta de matéria-prima, e uma delas foi a *Southern Brazil Lumber And Colonization Company*, que se estabeleceu na localidade dando início à exploração da madeira em grande escala na região de Canoinhas. Para esse fim, o governo brasileiro estabeleceu um contrato com a *Brazil Railway Company*, empresa responsável pela construção do caminho da estrada de ferro que cortava o Planalto Norte de Santa Catarina. A construção da linha férrea modificou a vida das populações por onde ela passou, levando valor monetário para as terras. Contudo, também levou problemas sociais, que culminaram no surgimento do movimento do Contestado, entre os anos de 1912 e 1916, na região fronteira entre os estados do Paraná e de Santa Catarina (Tomporoski, 2011, p. 2).

3.3 A INDÚSTRIA MADEIREIRA E A PAISAGEM NA REGIÃO DO CONTESTADO

As madeiras transformaram a paisagem da região do Contestado e a exploração criou um cenário marcado pela presença das atividades das madeiras, principalmente com a exploração da mata nativa com espécies de *Araucaria angustifolia*, a Canela lageana (*Ocotea pulchella*), a Imbuia (*Ocotea porosa*), o Xaxim (*Dicksonia sellowiana*) a Bracatinga (*Mimosa scabrella*), a Erva-mate (*Ilex paraguariensis*) e o Butiá (*Butia eriospatha*). A atividade madeira intensa baseada na exploração da *Araucária angustifolia* começou na década de 1870 no Planalto de Curitiba, Paraná, para onde houve migração das serrarias para as florestas

primárias do Sul do Brasil e transformações tecnológicas nas indústrias e nos meios de transporte (Nodari, Carvalho; 2010, p. 707). O processo da indústria de exploração madeireira na região da araucária ocorreu em três fases:

1ª Fase 1870 e 1910, a indústria madeireira no Paraná era dominada por serrarias pequenas e tecnologicamente limitadas. 2ª Fase 1910 e 1940, houve um aumento significativo na produção madeireira, com melhorias técnicas e preocupações com a exploração desenfreada. 3ª Fase 1940 a 1970, a produção intensiva levou ao esgotamento dos pinhais em várias regiões, com o surgimento de indústrias maiores e a substituição da araucária pelo pinus (Nodari; Carvalho, 2010, p. 707).

O processo de desmatamento da região do Contestado, principalmente da floresta com araucária, ocorreu a partir do final do século XIX. Antes desse período, compreende-se que a floresta sofreu poucas alterações, devido à falta da presença humana, se comparada à degradação que aconteceu no século XX (Carvalho, 2010, p. 71).

A presença humana transformou a paisagem natural da Região do Contestado desde a chegada dos primeiros habitantes caçadores-coletores, cujos vestígios no oeste catarinense datam de aproximadamente 12 mil anos atrás. O modo de vida e cultura dos primeiros povos ainda são objeto de investigação, mas já foram identificadas fases distintas de ondas migratórias de povos étnicos e culturalmente distintos (Witte, 2023, p. 247).

Portanto, a paisagem da região do Contestado, anteriormente habitada por indígenas e caboclos, foi alterada com o desmatamento para a exploração da madeira a partir do final do século XIX, principalmente com a chegada dos imigrantes europeus, que trouxeram novas técnicas agrícolas para região e formas de organização social, o que contribuiu para o surgimento de novas comunidades e para a diversificação da economia local.

O fluxo de imigração para as colônias do Contestado cresceu muito, a maioria com imigrantes europeus e descendentes de imigrantes egressos das colônias velhas do Rio Grande do Sul, do Sul do Paraná e do Sul e Norte/Nordeste de Santa Catarina. Foram estas levas humanas que desbravaram as florestas e começaram a gerar riquezas. Ao longo das diversas linhas (travessões ou caminhos rurais) construíram capelas e abriram escolas primárias. Além da exploração da erva-mate e das madeiras de pinho e de lei, implantaram culturas agrícolas e, na pecuária, desenvolveram a suinocultura (Thomé, 2006, p. 297).

A exploração da madeira e da erva-mate na região do Contestado teve um impacto significativo na imigração de diversas comunidades para a área. Com a farta existência de madeira, os imigrantes europeus construíram as primeiras edificações (Tokarski, 2023).

Figura 11 – Extração e beneficiamento de madeira no Planalto Catarinense



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Para Silveira, a região era pouco urbanizada, rica em madeira nobre dos pinheirais e no chamado “ouro-verde”, a erva-mate, produto muito valorizado (Silveira, 2023).

Contudo, os conflitos territoriais e disputas entre os estados de Paraná e Santa Catarina deixaram marcas na região, principalmente mudanças na paisagem devido à chegada de imigrantes e empresas madeireiras estrangeiras.

Era uma terra contestada, não apenas entre os interesses políticos dos dois estados, mas também reivindicada por lideranças políticas locais como “coronéis” fazendeiros; cobiçada por grupos empresariais nacionais e estrangeiros, interessados em loteamento e extrativismo; e ocupada pelos indígenas e caboclos que lá viviam desde tempos imemoriais (Silveira, 2023, p. 166).

As ferrovias foram consideradas, na época, como um fator de desenvolvimento, viabilização e incremento às atividades econômicas, considerando que possibilitaram a circulação de mercadorias e trabalhadores, provocando transformações na paisagem natural (Marino, 2023).

Para esse fim, o governo brasileiro estabeleceu um contrato com a *Brazil Railway Company*, empresa responsável pela construção do caminho da estrada de ferro que cortava o Planalto Norte de Santa Catarina, que recebeu a concessão para exploração da madeira de 15 km de cada lado da ferrovia. As terras podiam ser utilizadas por um período de 50 anos. A concessão foi dada por meio do Decreto n. 3.974, de 27 de março de 1901, assinado pelo então presidente da República, Manuel Ferraz de Campos Sales (Tokarski, 2002).

Toda essa exploração do início do século XX das florestas da região do Contestado atraiu investimentos de empresas estrangeiras, aliada à grande oferta de matéria-prima. A

empresa *Southern Brazil Lumber And Colonization Company* de forma pioneira se estabeleceu na região dando início à exploração da madeira na região de Canoinhas. A abundância do pinheiro, da imbuia e de outras espécies de madeira-de-lei na região fez com que em 1907 entrasse nos planos da *Brazil Railway Company* a constituição de outra companhia, destinada à exploração madeireira e à colonização das terras (Thomé, 2006, p. 231). Portanto, foi criada a maior serraria da América do Sul, com suas instalações ao lado da estação ferroviária. Nesse sentido, a empresa promoveu mudanças que permitiram que a população sertaneja se rebelasse contra, por meio do movimento do Contestado, pois as atividades econômicas engendradas a partir dessa expansão capitalista, alteraram drasticamente a paisagem, talvez de forma irreversível (Carvalho, 2006).

A ampliação da capacidade de promover grandes alterações na paisagem foi impactante. Além disso, a valorização e mercantilização da propriedade da terra, a colonização intensificada, a imposição de novos hábitos e costumes – trazidos pela ‘racionalidade’ do capital – que afetaram o modo de vida da população local, produziram ingentes alterações. Pode-se destacar ainda a expulsão e/ou extermínio da população indígena e a devastação da Floresta Ombrófila Mista (Tomporski, 2023, p. 224).

Para Tomporski (2023), a devastação causada pela *Lumber Company* atingiu níveis nunca imagináveis. Com acesso a vastas extensões de terra, seja por concessão ou por meios duvidosos, a empresa aproveitou seu poder econômico e sua influência política para explorar sem limites a paisagem da região, especialmente a Mata de Araucárias.

A região em que aconteceu o Contestado não conhecia a devastação causada pela expansão capitalista com a chegada das trilhas da estrada de ferro e também a instalação das serrarias da *Southern Brazil Lumber & Colonization Company* (Thomé, 2006).

Figura 12 – Exploração da araucária



Fonte: MUPA (2024).

Figura 13 – Árvores cortadas do Planalto catarinense viravam tábuas em serraria em Três Barras, SC



Fonte: Agência Senado (2016).

A serraria *Lumber* na região enfrentou desafios significativos com a Guerra do Contestado e mais tarde devido à conjuntura econômica internacional, incluindo a queda da Bolsa de 1929 e a mudança na política nacional com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. Com a estatização da empresa por Vargas, nos anos 1940, e a solicitação de concordata, a *Lumber* demitiu centenas de funcionários e passou para a administração do Ministério da Guerra, em 1943, quando a serraria já estava sob controle da União.

Em estado falimentar, a “Brazil Railway” e suas subsidiárias, incluindo a “Southern Brazil Lumber & Colonization Company”, instalada em Três Barras, foram incorporadas ao patrimônio nacional. A incorporação foi dada através do Decreto-lei 2.073, assinado pelo presidente da República Getúlio Vargas, e ratificado pelo Decreto Lei 4.436. As dívidas deixadas pelas empresas eram, em valores da época, de Cr\$152 milhões e 983 mil (Tokarski, 2002, p. 65).

Com a falência da *Lumber* na década de 1940, marcou-se o início de uma nova era na história de Canoinhas, período em que surgiram outras empresas madeireiras na região, algumas das quais seguem atuantes nos dias de hoje. Em 1940, o município compreendia o Distrito-Sede de Canoinhas, mais os de Três Barras, Colônia Vieira, Paula Pereira e Papanduva, e nessa região existiam 54 serrarias (Thomé, 1995, p. 195). O ciclo da madeira em Canoinhas impactou de forma significativa a economia e a paisagem local. A atividade madeireira se tornou uma das principais fontes de renda para a cidade, desempenhando um papel significativo em seu desenvolvimento.

Na mesma década surgiram diversas empresas em Canoinhas, como a empresa Procopiak e Cia Ltda. e a Fuck e a Zaniolo e Cia., que se destacaram na produção de madeira compensada e esquadrias. A Madeireira Olsen S.A. também se consolidou como uma das maiores potências madeireiras da região (Nascimento, 2009).

Em 1942 surgiu a Empresa Irmãos Procopiak e Cia Ltda, que foi a primeira indústria produtora de madeira compensada no sul do Brasil. Outra empresa que surgiu foi a Fuck, em 1943, que pode ser considerada uma evolução das serrarias iniciadas por Francisco N. Fuck e da casa de comércio de Jacob Bernardo Fuck Jr., isto devido a romper o paradigma de somente serrar toras em tábuas e vigotes e iniciar uma fábrica de esquadrias, portas e janelas. No período, foi criada a Zaniolo e Cia. A madeireira Olsen S. A., com uma longa trajetória de êxitos foi também, na década de 1940, instalada no distrito canoinhense de Marcílio Dias, que viu se consolidar uma das maiores potências madeireiras (Nascimento, 2009, p. 45).

O fechamento das atividades da *Lumber* na década de 1950 resultou em uma fase de estagnação econômica em Três Barras, na época ainda Distrito de Canoinhas. No entanto, a instalação de outra empresa estrangeira, a Rigesa, subsidiária da *MeadWestvaco Corporation*, que na mesma época trouxe esperança para a economia local, com o projeto de cultivo de *Pinus Elliottii* para uma futura fábrica de papel. No ano de 1960, Três Barras foi desmembrada de Canoinhas e em 23 de janeiro de 1961 foi instalado o novo município.

Para dar início às atividades, inicialmente foram 1.016 hectares, que serviram de base para as operações florestais. A Divisão Florestal foi totalmente finalizada em 1958, iniciando com plantações de araucárias, porém, o lento crescimento dessa espécie levou no ano de 1964 à busca de outras opções, como o *Pinus tarda* e o *Pinus elliottii*, oriundos de sementes importadas dos Estados Unidos (Lima; 2019, p. 88).

Com o plantio de pinus ocorre uma mudança de paisagem na região de Canoinhas e de todo o Planalto Norte. Esse não é um fenômeno único da região do Contestado, mas de diversas regiões do mundo, resultante de uma série de fatores econômicos que impactam diretamente o meio ambiente. A inserção de espécies exóticas, como o pinus, em ecossistemas naturais é um exemplo marcante dessa mudança na paisagem. O pinus é uma árvore de crescimento rápido que se adaptou à região devido ao clima subtropical e úmido, tendo sido amplamente cultivado em áreas antes ocupadas por vegetação nativa, como a floresta de araucária.

As novas experiências trouxeram esperança para os madeireiros, mas ficou claro que a madeira estava ficando escassa. Era hora de encontrar novas alternativas para não deixar a indústria falir por falta de matéria-prima. O pinus viria a ser o grande alavancador do processo de transformação da indústria madeireira na região (Nascimento, 2009, p. 57).

Durante setenta anos, a Região do Contestado foi cenário de um fenômeno econômico que ficará marcado na história de Santa Catarina como um dos mais importantes do século XX: a produção de madeira a partir da extração do pinheiro (*Araucaria angustifolia*) e, em menor escala, da imbuia (*Ocotea porosa*). Dominante em todo o planalto catarinense, a Floresta da Araucária recebeu o impacto da ação humana e foi arrasada de 1920 a 1990 para sustento da economia regional e estadual

(Thomé, 1995, p. 3).

Assim, toda essa estrutura produtiva e econômica caracterizou o desenvolvimento urbano no município de Canoinhas. Em síntese, a paisagem urbana foi modificada pela quantidade elevada de edificações em madeira presentes até os dias atuais no município (Adimari; Tomporoski, 2019).

No entanto, as mudanças na paisagem causadas pela exploração da madeira permaneceram visíveis na região, tanto pela degradação das reservas vegetais quanto pelo surgimento de edifícios feitos de madeira. Essas construções específicas se tornaram parte do patrimônio cultural e da paisagem da região, representando as demandas por habitação e instalações fabris daquele período.

3.4 AS CONSTRUÇÕES DE MADEIRA NA PAISAGEM DE MARCÍLIO DIAS

A paisagem urbana é um reflexo da história e da memória de uma cidade. As edificações de madeira, em particular, desempenham um papel importante nesse cenário, pois carregam consigo uma carga histórica e cultural significativa. A cidade é o lugar onde se inscreve a história do urbano e que preserva a memória do seu repertório coletivo (Costa, 2008).

As edificações de madeira, por exemplo, são parte integrante da paisagem urbana em muitas cidades de Santa Catarina, principalmente no Planalto Norte. Essas construções históricas carregam consigo a memória de uma época passada, representando a arquitetura e o estilo de vida de um determinado período do fazer operário (ou do fazer carpinteiro) do início do século XX.

A identificação do sujeito com a paisagem é explicitada pela relação cognitiva, onde a construção da memória do lugar, é representada pelas atividades cotidianas onde se produz formas de espaço culturalmente construídas. Cada indivíduo apreende o entorno, utilizando diversos registros de atividade cognitiva, construindo uma relação paisagem-memória que se manifesta em recortes territoriais (Costa, 2008, p. 152).

A madeira é um tipo de material utilizado desde os primórdios da humanidade para a fabricação de edificações, móveis e outros objetos. É um material utilizado por diversas culturas ao redor do mundo e tem um valor cultural significativo, servindo para diversos projetos e também para a manutenção da identidade cultural de um determinado território. Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), cada sociedade tem

sistemas de cultura únicos, nos quais convivem diversas simbologias que são conflitantes, harmônicas, criadas e incorporadas em diversos contextos sociais, seja no âmbito público quanto privado.

Dessa forma, para Cardoso e Melo (2015), o patrimônio em todas as suas dimensões é compreendido como o resultado da interação humana levada de uma geração para outra. Como exemplo disso, cita-se os edifícios históricos, na perspectiva material, já na perspectiva imaterial, destaca-se as tradições para fazer determinado objeto ou às técnicas para pinturas ou outras manifestações culturais.

Reconhecer, valorizar e resguardar o patrimônio cultural é proteger a identidade, a expressão da própria cultura. Como expressam Adimari e Tomporoski (2019, p. 505), “[...] o patrimônio cultural é um símbolo material ou imaterial importante para a formação da identidade de um território”. Todos os objetos criados e utilizados pelo homem em seu processo de socialização têm seu valor cultural, sendo simbolizados e valorizados de forma especial por dada sociedade, pois retratam a complexidade estrutural da época e, por conta disso, carecem ser protegidos. O mesmo se aplica às edificações históricas construídas em dadas sociedades.

No Brasil, “a cultura dos povos indígenas tinha forte relação com a forma de construir e morar, resultado direto dos materiais disponíveis nas florestas para a construção dos abrigos” (Branco, 1993 *apud* Pscheidt; Melo Jr., 2021, p. 84). A madeira foi originalmente utilizada pelos índios nas edificações e na construção dos seus meios de transporte. Com a chegada dos portugueses, a nova população continuou a utilizar a madeira para construir suas cidades. Porém, utilizando uma mistura de formas européias e técnicas indígenas locais. Pode-se então compreender porque existe tanta mistura dos estilos arquitetônicos durante o período colonial (Somensi, 2004).

Outro aspecto importante que ajuda a historicizar e compreender essa cultura construtiva de acordo com Souza (2013), a mecanização da indústria madeireira, no fim do século XIX, possibilitou a execução das casas de madeira como as conhecemos hoje, com a utilização de elementos bitolados, como tábuas, vigas, barrotes e ripas. Assim, a mecanização das serrarias, aliada à disponibilidade e custo acessível da madeira, proporcionou a formação de uma arquitetura característica do sul do Brasil.

Durante muito tempo, a madeira apresentou um papel relevante na construção civil e na indústria moveleira. Esse recurso apresentou uma utilização útil, porém essa utilização não foi regulada, causando uma degradação das florestas por conta da ação humana, que

aconteceu de forma predatória (Cordeiro; Júnior, 2017), como se sucedeu no Distrito de Marcílio Dias, que teve sua cultura, seu espaço, marcados pela indústria madeireira, onde atualmente existe um conjunto de edificações em madeira de qualidade e singularidade que em parte foram preservadas pela ausência de pressão do setor imobiliário sobre a localidade (Bogo, 2018).

Dessa forma, pode-se concluir que existe uma relação entre as cidades fundadas com o ciclo da madeira, no que corresponde à antiga área de floresta de araucárias, área que foi degradada com a exploração intensiva da floresta (Serraglio, 2012). A madeira foi o principal fator para o desenvolvimento econômico de Canoinhas e região durante o século XX, e está representada ainda hoje nas edificações, tanto particulares como públicas.

Por essa razão, a mesma madeira, fruto do desenvolvimento econômico, fomentou o desenvolvimento social e alterou a paisagem da região, conferindo uma originalidade no contexto arquitetônico, construindo um patrimônio cultural. O município de Canoinhas, principalmente o Distrito de Marcílio Dias, possui registros materiais das primeiras ocupações em madeira dos imigrantes datadas do início do século XX. Para Zani (2013), o domínio da técnica de trabalhar a madeira permite a criação de um projeto arquitetônico rico e singular, considerando que o município já dispunha desses recursos materiais e imateriais (daqueles que já sabiam trabalhar com a madeira).

A técnica tradicional do Planalto Norte tem origem na tradição artesanal europeia que foi trazida pelos imigrantes a partir de 1849. O processo migratório continuou nos séculos XIX e XX, assim como o intercâmbio de técnicas. A origem da profissão dos mestres artífices carpinteiros na região se deu através do aprendizado com um artífice específico na localidade e também na igreja, onde eram ensinadas as técnicas construtivas para os colonos e caboclos (Adamari, 2019, p. 88).

A preferência pela madeira como material construtivo desde o início da história da sua construção parece indicar a existência de uma afinidade especial entre os mestres carpinteiros, as espécies de madeira da região e o seu emprego tecnológico. Assim, o uso específico escolhido para cada espécie nos permite entender que os construtores possuíam o conhecimento sobre a madeira que estava disponível na floresta (Pscheidt; Melo Jr., 2021).

Nessa perspectiva, a pesquisa sobre o uso histórico da madeira é um meio fundamental para analisar as relações entre a floresta e os sujeitos sociais, no intuito de melhor compreender os aspectos culturais resultantes dessa interação (Melo Jr., 2012). A utilização da madeira na construção de casas e edifícios variou conforme cada civilização e tempo histórico. Cada clima, terreno e cultura foram fatores fundamentais para se delimitar a

técnica para o trabalho da construção de edifícios em madeira (Meirelles, 2007).

Nesse contexto, o patrimônio, assim como a sua preservação e valorização, tem um papel fundamental no registro da memória e na valorização das várias identidades de determinado território. A memória é que fornece elementos de preservação do passado, e estímulo para resgatá-lo e refazê-lo, buscando identificar os fatores presentes no processo de construção da identidade cultural (Souza, 2013).

Assim, a preservação do patrimônio arquitetônico integra um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento cultural de um determinado território, pois reverbera em sua formação sociocultural. O patrimônio arquitetônico é o conjunto de bens materiais que permitem a preservação da história de um povo e sua relação com o meio onde estão inseridos, sendo o legado herdado do passado e transmitido às novas gerações (Rocha, 2012). Parte-se do fato de que a construção de madeira reforça e caracteriza o patrimônio arquitetônico que faz parte da paisagem urbana.

Destaco aqui algumas edificações históricas de Canoinhas. Primeiramente temos a estação ferroviária de Marcílio Dias, que no tempo presente é o chamado Complexo Turístico e Cultural de Marcílio, formado por três edificações: a estação de passageiros, o terminal de cargas e o restaurante.

O Complexo reúne edificações construídas com duas técnicas construtivas: estrutura autônoma de madeira, terminal de passageiros e o restaurante, além de uma edificação de alvenaria autoportante, que é o edifício de cargas; todos restaurados em 2021 pelo Iphan. Atualmente, essas edificações são utilizadas pela comunidade; e a estação é o museu Orty Machado, que foi transferido do centro para o Complexo, que pode ser observado na Figura 14.

O Iphan começou a patrimonializar os bens relacionados a RFFSA (Rede Ferroviária Federal) amparando-se na Lei n. 11.483/2007, que instituiu a preservação dos mesmos. Assim, destaca Prochnow (2014):

Quando, a partir da extinção da RFFSA, a instituição recebeu a incumbência de preservar a memória ferroviária, deparou-se não somente com a questão da quantidade dos bens e da falta de inventários regionais sobre eles, mas enfrentou a preocupação na execução da lei no sentido de como aferir a memória ferroviária sobre esses bens. Perante a preocupação de primeira ordem em inventariar e proceder à preservação do universo desses bens, o problema da construção de conhecimento sobre o conceito não foi abordado nem criticado pelo órgão, ao menos não publicamente. A patrimonialização dos bens ferroviários partiu da admissão de que a memória ferroviária equivalia ao patrimônio ferroviário e, assim, que o patrimônio ferroviário era a própria memória ferroviária, um valor intrínseco e imanente (Prochnow, 2014, p. 14).

Figura 14 – Complexo Turístico e Cultural de Marcílio Dias



Fonte: Fátima Santos, Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

A estação ferroviária de Marcílio Dias, o restaurante da estação e o armazém de carga e descarga, todos restaurados em 2021 pelo Iphan e atualmente conhecidos como Complexo Turístico Cultural de Marcílio Dias, é um local que abriga o Museu Histórico-Cultural da cidade. Já o antigo restaurante da estação em madeira encontra-se em funcionamento desde 2022. Por meio de um processo de licitação, um microempresário da comunidade teve a concessão, abriu um café e organiza eventos no estabelecimento. Já o armazém da estação é utilizado para eventos culturais pela prefeitura.

Figura 15 – Complexo cultural de Marcílio Dias antes e depois da restauração do Iphan



Fonte: Fátima Santos, Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Ainda na comunidade de Marcílio Dias, encontra-se outra edificação de madeira, tombada pelo Iphan em 2006 e restaurada em 2009, conhecida como a casa de escama. A casa é toda feita de madeiras cortadas que dão a aparência de pequenas escamas de peixe que cobrem a casa. O estilo da casa é único, pois externamente a casa imita escamas, feitas em madeira, conforme ilustrado na Figura 16.

A casa de escama e a estação são os únicos patrimônios tombados da cidade e encontram-se no Distrito de Marcílio Dias. Além desses dois patrimônios culturais tombados e restaurados no Distrito, encontram-se outros casarões de madeira do início do século XX, entre eles o Bar e Salão *Metzger*, que era considerado um dos comércios mais tradicionais e antigos de Canoinhas. Foi construído na década de 1930 pelo descendente de alemães Bernardo Metzger, que nasceu pujante e determinado em colaborar com serviços e entretenimento na época (Tomporski *et al.*, 2019). O casarão funcionou como bar, restaurante, salão de festas, cinema e hotel.

Figura 16 – Casa de Escamas



Fonte: Fátima Santos, Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

De acordo com o historiador Antônio Mafra (2019), muitos viajantes, principalmente os que vinham do litoral catarinense ou de Curitiba, não se arriscaram a percorrer o trajeto à noite e pernoitavam em Marcílio Dias. De acordo com o autor citado, os viajantes realizavam os seus negócios e, quando retornavam, também preferiam aguardar o trem, pernoitando em Marcílio Dias. Para atender esses clientes, foi construído o Hotel Gobbi, outro hotel mais tarde adquirido por João Jantsch e o Hotel Metzger.

O salão *Metzger* tem dois andares e foi construído totalmente em madeira, essa da empresa Wiegando Olsen. As paredes da edificação são duplas e de fechamento com tábuas horizontais. O estilo da edificação é em forma bangalô, sua técnica construtiva, mas em análise preliminar é uma adaptação ao sistema *balloon frame*. O interior do salão é uma imponente construção em madeira e que preserva diversos artigos e características históricas, e uma das maiores relíquias preservadas no interior do prédio são propagandas de empresas da região pintadas à mão. As Figuras 17 e 18 trazem imagens do salão Metzger.

Figura 17 – Salão Metzger



Fonte: elaborada pelo autor (2023).

Figura 18 – Interior do salão Metzger



Fonte: elaborada pelo autor (2023).

O Distrito de Marcílio Dias ainda conta com a memória da elite a casa que pertenceu à família de Bernardo Olsen, empresário da madeira Wiegando Olsen SA., responsável pela exploração de madeira do Distrito, ilustrada nas Figuras 19, 20, 21 e 22.

Figura 19 – Casa da Família Olsen



Fonte: Fátima Santos, Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Figura 20 – Casa de madeira da empresa Wiegando Olsen para os gerentes



Fonte: Fátima Santos, Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Figura 21 – Casa de operário da empresa Wiegando Olsen



Fonte: Fátima Santos, Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Figura 22 – Casa branca de madeira da Família Finta e Amarela da Família Teodoroski



Fonte: Fátima Santos, Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

A partir de 1920, surgiu em Marcílio Dias um ciclo econômico ligado à exploração da madeira, com a instalação de empresas como a Wiegando Olsen S.A. Esse período viu o aumento da atividade madeireira sem critérios de manejo florestal, o que, em conjunto com a escassez de matéria-prima e a falta de regulamentações ambientais, levou ao declínio da exploração na região. Isso resultou na retração do Distrito, que dependia fortemente da indústria madeireira para sua geração de renda. Assim a araucária, quase desaparecida enquanto floresta, está presente na paisagem na forma da madeira, que serviu para construção de cidades inteiras, fato que fica claro quando se analisam os primeiros registros fotográficos daquelas paisagens urbanas (Serraglio, 2012, p. 268).

A relação entre paisagem e memória é um elemento fundante para que se efetive na prática a preservação e valorização da identidade histórica e cultural de um determinado território. As edificações de madeira possuem um valor significativo, não somente por causa da arquitetura, mas como uma fonte de memórias e narrativas que enriquecem a experiência. Dessa forma, a memória vivida é memória vivida é ativa, viva e incorporada no social; são memórias necessárias para construir futuros locais diferenciados em um mundo global (Costa, 2018).

Assim, a transformação da paisagem urbana é um fenômeno natural que caracteriza a evolução e o desenvolvimento das cidades. Um dos principais indicadores que possibilita observar as fases e épocas de um território são as marcas e vestígios arquitetônicos.

No Distrito de Marcílio Dias, a preservação da arquitetura de madeira constitui um patrimônio cultural de alta relevância que remete à memória e à história da localidade. É certo que essas residências, construídas de madeira, caracterizam elementos que marcaram uma época, tomando como base a madeira como matéria-prima acessível e abundante na época em que a região possuía uma reserva florestal. Muitas dessas casas foram erguidas no início do século XX e representam não apenas a técnica construtiva da época, mas também a forma de vida e os costumes dos antigos moradores da região.

A partir do que foi exposto até aqui, compreende-se que a preservação e valorização da arquitetura de madeira no Distrito de Marcílio Dias é essencial para manter viva a história e a cultura local. Essas construções de madeira que foram preservadas ao longo dos séculos são testemunhos materiais das práticas e modos de vida do operário da madeira, da estrada de ferro, proporcionando aos estudantes uma conexão direta com o passado.

Quando o professor de História, auxiliado por técnicas pedagogicamente investigativas, está ensinando a paisagem junto com as estruturas de madeira, ele está treinando os estudantes de maneira geral e holística. Nesse caso, os estudantes estão em posição de viver o passado local em um ambiente altamente sensorial e imersivo, o que ajuda a provocar sua curiosidade, pensamento crítico e capacidade de desenvolver pensamento histórico. Uma ótima atividade para provocar curiosidade é um roteiro. Esse roteiro pode ser sobre as casas de madeira, sobre a paisagem nas ruas no bairro.

Desse modo, os estudantes podem, pelo exercício de habilidades de observação e análise dos referidos atributos, desenvolver um conhecimento não apenas dos eventos e pessoas do passado, mas também das mudanças sociais, econômicas e culturais que influenciaram a paisagem ao longo da história por meio do caminhar sobre o bairro e de um olhar sobre casas. Consequentemente, o estudo da paisagem, incluindo-a como parte do currículo de história, pode levar à valorização e preservação do patrimônio cultural, assim sendo, um roteiro é uma excelente prática dessa observação, compreensão e historicização da paisagem e da transformação sobre a cidade.

4 AS CASAS, UM ROTEIRO E MEMÓRIAS: O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA HISTÓRIA DO DISTRITO DE MARCÍLIO DIAS

O terceiro capítulo, intitulado *Uma casa, um roteiro e várias memórias do ensino de História através da história do Distrito de Marcílio Dias*, apresenta uma abordagem por meio de um roteiro e de um material em forma de e-book para o ensino da história do Distrito de Marcílio Dias, com base em dados do Blog do Distrito de Marcílio Dias. Esse roteiro proporciona aos estudantes a oportunidade única de explorar a arquitetura e o estilo de vida dos moradores, contribuindo para a preservação da memória e da identidade cultural local. Explorar esse roteiro é embarcar em uma jornada rica em significados, que nos conecta de forma profunda à identidade e às raízes do local.

4.1 O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA HISTÓRIA DO DISTRITO DE MARCÍLIO DIAS

O Distrito de Marcílio Dias, a 4 km do centro da cidade de Canoinhas, é um local rico em história local, patrimônio cultural e memória. As primeiras arquiteturas e estruturas saíram de florestas locais, de enormes araucárias, imbuías, cedros, entre outras espécies vegetais, abrindo o caminho para estradas de ferro, símbolos do imperialismo e capitalismo no final do século XIX e início do século XX. Em seguida, chegou o trem, a estação, as empresas madeireiras e o povoamento, com as construções feitas com a riqueza local daquela época: a madeira.

As casas de madeira e a arquitetura tradicional presentes em Marcílio Dias são uma verdadeira aula de história local e patrimônio cultural, contando a trajetória e as transformações pelas quais a região passou ao decorrer do século XX.

Um roteiro cultural passando pelas casas e arquiteturas do Distrito de Marcílio Dias em Canoinhas é uma oportunidade para estudantes e visitantes aprenderem, por meio da arquitetura, a história local. Ao observar as arquiteturas que permanecem de pé e as que foram demolidas, a memória do lugar se torna palpável, possibilitando uma reflexão sobre as mudanças vivenciadas ao longo do tempo. Essa imersão nas construções e arquiteturas locais é uma oportunidade única para entender e valorizar o patrimônio cultural de Marcílio Dias.

No entanto, não são as grandes edificações presentes na cidade que formaram o roteiro e sim a vivências e memória do poeta. Foram os documentos que construíram o trajeto, que conta com locais de edificações já demolidas. Por conseguinte, mobiliza-se por meio de narrativas, elementos da trajetória do poeta para que sejam visibilizadas as experiências em seu contexto histórico e problematizadas as ausências dessas experiências em narrativas oficiais da cidade Visani 202008, p. 42).

As casas de madeira, com suas características únicas e peculiares, transportam para o passado, onde é possível imaginar a vida cotidiana dos moradores da região em tempos remotos. Cada detalhe arquitetônico conta uma história, revelando as influências culturais e os modos de vida de épocas passadas. Além disso, o patrimônio cultural presente no Distrito de Marcílio Dias é de extrema importância para a preservação da memória da região. As casas de madeira e a arquitetura tradicional são parte integrante da identidade local, representando um legado cultural que deve ser valorizado e preservado. Por meio de um roteiro cultural passando pelas casas e arquitetura do Distrito, é possível conhecer e apreciar esse patrimônio, permitindo que as futuras gerações também tenham acesso a essa parte importante da história de Canoinhas.

Assim, a ideia de um roteiro cultural transitando pelas casas de madeira e outras arquiteturas do Distrito de Marcílio Dias não é somente uma oportunidade de apreciar a grandiosidade e o valor histórico dessas construções, mas também uma forma de reconhecer e valorizar o patrimônio cultural local. É por meio desse contato com a história e a arquitetura tradicional que podemos fortalecer nossa identidade cultural e preservar a memória dos antepassados que construíram essas casas com técnicas que utilizam a madeira como principal matéria-prima para suas moradias, independentemente das classes sociais.

Diante disso, o Ensino de História pode fomentar o posicionamento crítico frente a situações de injustiças nos diversos contextos sociais. O desenvolvimento do pensamento histórico conecta o passado e o presente, relacionando-os e possibilitando que os estudantes percebam as narrativas históricas que a cidade sente e omite (Deretti, 2020, p. 51).

Desse modo, é essencial para Ensino de História que esses locais sejam incluídos como roteiros culturais, turísticos e pedagógicos, permitindo que tanto estudantes quanto comunidade e visitantes tenham a oportunidade de conhecer e apreciar essa parte importante da história e do patrimônio cultural local, além de salientar a singularidade de cada indivíduo, incluindo seus interesses, expectativas e história, e, conseqüentemente, permitindo compreender sua relação com a cidade, com os bens culturais e com os sujeitos (Silva; Delgado, 2014, p. 73). Ensinar na/pela cidade envolve diversas possibilidades metodológicas de ensino e aprendizagem, sendo necessárias ações que visem reflexões sobre o olhar para os

espaços da cidade, sobre a forma como a cidade e seus espaços estão inseridos em nosso cotidiano (Deretti, 2020, p. 52).

4.2 UMA CASA, UM ROTEIRO E MEMÓRIAS

No decorrer da pesquisa desta dissertação, foram consultadas e utilizadas como fontes várias informações do Blog Distrito de Marcílio Dias. A fim de preservar suas raízes, a comunidade do Distrito de Marcílio Dias criou um blog, que registra atualmente (04/2025) 1.874,327 visualizações. O blog foi fundado em 2011 pela professora e fotógrafa Fátima Santos, residente do local e apresenta uma coleção de fotos históricas que recontam e rememoram a trajetória da região, além de textos elaborados por memorialistas, historiadores e autores locais. O espaço também serve para compartilhar imagens recentes do Distrito. Durante o processo de qualificação da dissertação, foi exposta a ideia de um roteiro para as casas de madeira do Distrito de Marcílio Dias. No primeiro momento, no mês de novembro de 2024, entrei em contato com Fátima Santos, responsável pelo Blog Distrito de Marcílio Dias. Foi agendada uma conversa na estação ferroviária, onde foram apresentados o projeto e a ideia de roteiro pelo Distrito, destacando as arquiteturas de madeira da localidade. Em conversa com Fátima Santos, foram selecionadas algumas arquiteturas para o roteiro e realizada a elaboração do material didático em forma de e-book. Para isso, foram escolhidas 18 paradas para pesquisa do roteiro, e o projeto foi aplicado na Escola de Educação Básica Professor Manoel da Silva Quadros, localizada na comunidade.

A escolha das construções foi realizada a partir de um diálogo entre este pesquisador e Fátima Santos, que foram pensando e escolhendo as arquiteturas que rememoram o cotidiano das famílias no Distrito e o trabalho na madeireira, entre outros aspectos, tendo sido selecionadas 18 paradas:

- 1) Estação Ferroviária de Marcílio Dias
- 2) Antiga Empresa Wiegando Olsen
- 3) Ponte de Ferro
- 4) Casas de operários da empresa Olsen
- 5) Casas dos funcionários da diretoria e da firma Wiegando Olsen
- 6) Estádio Wiegando Olsen
- 7) Casarão Olsen

- 8) Salão Metzger “Coringa”
- 9) Casa da Família Finta e Theodorovicz
- 10) Casa da Família Pazda “Casa de Escama”
- 11) Casa da Família Froehner
- 12) Casa da Família Ferreira
- 13) Jardim de Infância Marguet Olsen
- 14) EEB Professor Manoel da Silva Quadros
- 15) Casa da Família Aguiar
- 16) Casa da Família Jarschel
- 17) Casa da Família Baukat
- 18) Casa da Família Ruppel

Figura 23 – Prof. Jefferson e Fátima Santos na Estação Ferroviária discutindo o roteiro



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

A professora Fátima Santos propôs fazer um vídeo para o Blog Distrito de Marcílio Dias explicando o que seria o projeto de trabalho de dissertação para comunidade e a

importância para história local e para o patrimônio cultural. Tal vídeo foi gravado na estação ferroviária e publicado em novembro de 2024) no Blog. No dia seguinte, fomos até as escolhas das paradas do roteiro para a visitação.

Figura 24 - Blog Distrito de Marcílio Dias



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

4.2.1 A elaboração do roteiro

Para elaboração do roteiro das paradas, eu já tinha em mente a seleção de alguns lugares, então a pesquisa foi feita no blog do Distrito e em jornais locais. A procura de dados já começou em setembro de 2024, após a definição do que seria o produto. Também tive outros encontros com a administradora do blog no decorrer de 2024, o primeiro em abril e o segundo em maio, para elaboração dos dois capítulos anteriores.

No encontro que ocorreu em novembro de 2024, Fátima Santos pediu para acrescentar a ponte ferroviária no roteiro. Destaquei a ela que o projeto era sobre as construções de madeira e a Escola, mas acabei atendendo o seu pedido devido a seu empenho para meu trabalho de dissertação e para o produto final, já que foi por meio do blog que tive acesso a quase todo conteúdo da minha pesquisa.

Foi desenvolvido um e-book através do blog para o roteiro das 18 paradas, que apresenta a história e a memória de cada construção, além de placas informativas com QR Code para instalar nas paradas, e que a leitura de cada código direciona ao blog do Distrito de Marcílio Dias. Para montagem do material do roteiro e o e-book, utilizei o Canva como ferramenta. Confesso que aprendi a utilizar o aplicativo em cada seleção, pois nunca o havia utilizado. O resultado foi um e-book com 57 páginas intitulado *Uma casa, um roteiro e várias memórias o ensino de através história do Distrito de Marcílio Dias*, cuja capa é apresentada na Figura 25.

Figura 25 – Capa do e-book

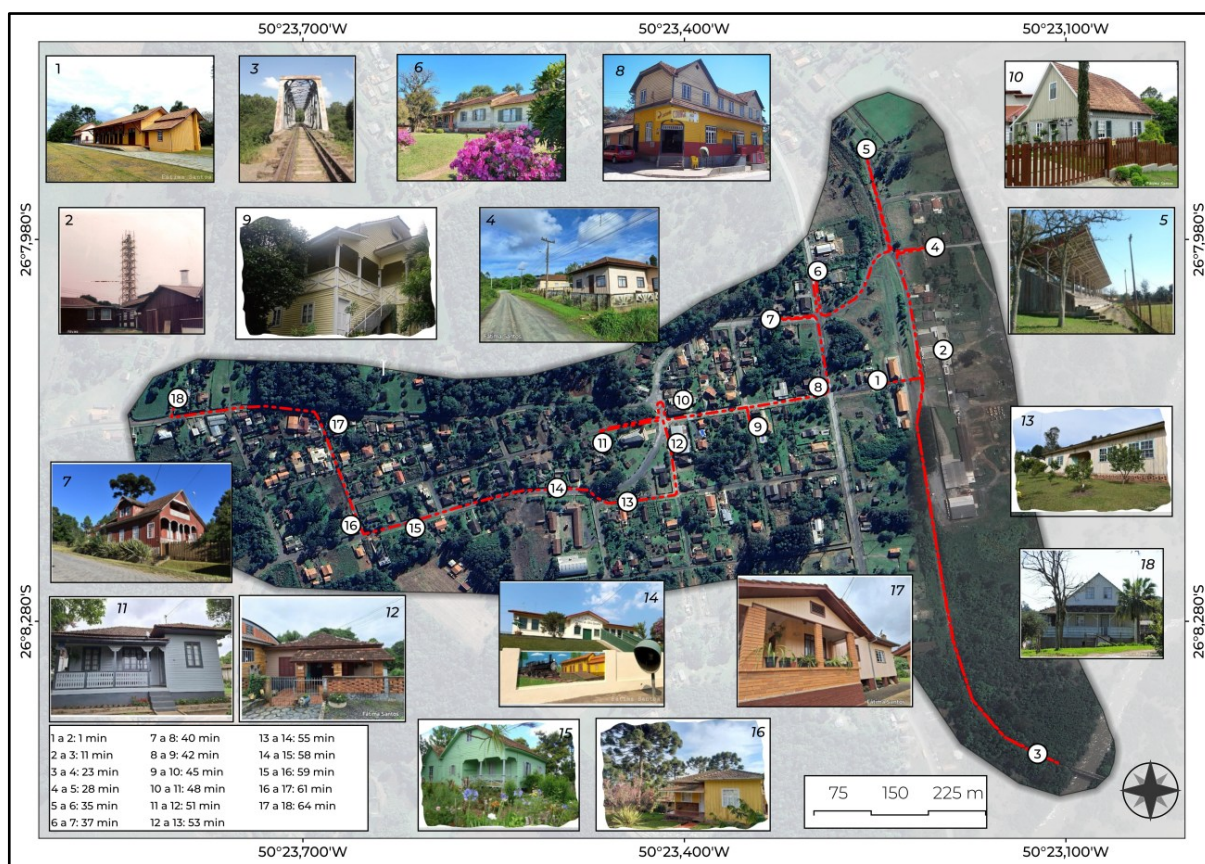


Fonte: elaborada pelo autor (2025).

Cada página do e-book conta com informações sobre as construções e com fotografias retiradas do blog, além de informações retiradas de jornais locais, entres eles o Correio do Norte e o Jmais Notícias. Após a apresentação das 18 paradas, o material conta com três planos de aulas: um para Anos Iniciais do Ensino Fundamental, outro para Anos Finais e um último para o Ensino Médio. As atividades dos planos foram pensadas para trabalhar a partir do patrimônio cultural e da história local.

Também foi elaborado um mapa (Figura 26) do percurso realizado com os estudantes, destacando o tempo entre paradas.

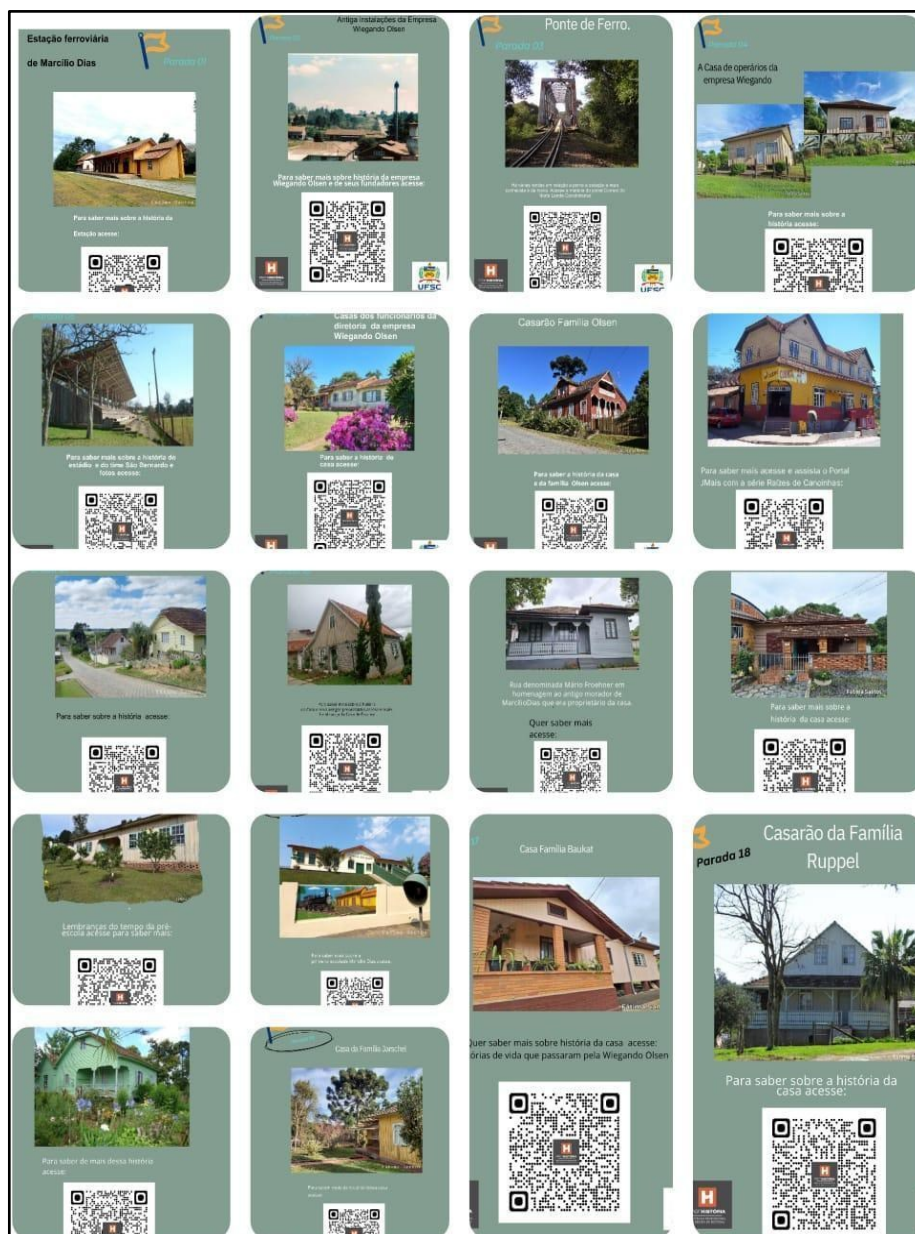
Figura 26 – Mapa do roteiro



Legenda das numerações: 1-Estação Ferroviária de Marcílio Dias; 2-Antiga Empresa Wiegando Olsen; 3-Ponte de Ferro; 4-Casas de operários da Empresa Olsen; 5-Casas dos funcionários da diretoria e da Firma Wiegando Olsen; 6-Estádio Wiegando Olsen; 7-Casarão Olsen; 8-Salão Metzger “Coringa”; 9-Casa Família Finta e Theodorovizd; 10-Casa da Família Pazda “Casa de escama”; 11-Casa da Família Froehner; 12-Casa da Família Ferreira; 13-Jardim de Infância Marguet Olsen; 14-EEB Professor Manoel da Silva Quadros; 15-Casa Família Aguiar; 16-Casa Família Jarschel; 17-Casa da Família Baukat; 18-Casa da Família Ruppel.

Fonte: elaborada pelo autor (2025).

Figura 27 – Placas do roteiro com QR Code



Fonte: elaborada pelo autor (2025).

O segundo passo foi na Escola Educação Básica Professor Manoel da Silva Quadros, onde estive em contato durante todo ano de 2024 com o diretor tratando sobre a temática de pesquisa e sobre a aplicação do produto de dissertação no mês de novembro. Houve intenção de minha parte em realizar a intervenção de roteiro para o início de dezembro de 2024, porém o diretor me orientou que seria mais adequado realizar as atividades no início do ano letivo de 2025, devido a alguns fatores, entre eles a efetivação de uma professora de História na chamada do concurso estadual de 2024. Segundo o diretor, seria melhor para a escola uma professora efetiva de história participar do processo de roteiro com estudantes na comunidade.

A Escola Professor Manoel da Silva Quadros conta com 240 alunos de Ensino Fundamental e Médio, divididos entre a sede, que fica no Distrito de Marcílio Dias, e a localidade de Rio do Pinho, que fica a 25 km da escola. A escola conta com poucos estudantes na sede, onde funciona o Ensino Médio: 07 estudantes na 1ª série, 11 na 2ª série e 09 na 3ª série, estudando no período matutino.

Em meados de fevereiro de 2025 entrei em contato com a professora de História Sabrina, efetivada a partir de 2025 na escola, e fizemos uma reunião via Google Meet, na qual apresentei o roteiro e tivemos uma conversa de 1 hora. Na reunião definimos a aplicação do projeto, que ficou para os dias 07 e 14 de março. No dia 07 haveria uma apresentação sobre o projeto aos estudantes do Ensino Médio escolhidos pela professora Sabrina para a aplicação e planejamento do roteiro, tendo sido passado o arquivo do roteiro para a professora e a atividade para executar após o roteiro.

No dia 07 de março conheci a professora Sabrina de forma presencial e ela me apresentou as turmas, reunindo todos os alunos na sala de informática para eu poder ter uma conversa com eles sobre a história local, os patrimônios culturais do Distrito de Marcílio Dias e a história ambiental. Todos os estudantes já sabiam que eu falaria sobre as casas de madeira, pois a professora de História já havia apresentado o material a eles, como também o vídeo com minha explicação na rede social da Fátima Santos e no blog. Foram 60 minutos de fala e combinados dentro da aula de História junto a professora como faríamos o percurso. A professora Sabrina providenciou as autorizações junto à gestão da escola e elas foram distribuídas para assinatura dos pais para aula do roteiro que ocorreria no dia 14 de março de 2025.

Figura 28 – Conversa e apresentação do tema de dissertação



Fonte: elaborada pelo autor (2025).

No início da conversa com os estudantes, foram apresentadas as imagens da floresta de araucária doséculo XX, a atuação da serraria *Lumber* na região e o tema Guerra Sertaneja do Contestado, abordando a ação capitalista que promoveu uma transformação significativa na paisagem local e destacando outras empresas conhecidas pela comunidade daquele período, entre elas a madeireira Wiegando Olsen cujas atividades moldaram todo um cenário, especialmente pela exploração de espécies nativas como a araucária, canela, imbuia, xaxim, bracatinga, erva-mate e butiá. Foi destacado para os estudantes que os impactos da exploração madeireira na paisagem regional são evidentes até hoje, tanto pela degradação das reservas vegetais quanto pela presença das casas de madeira. Essas construções particulares se tornaram parte do patrimônio cultural e visual da região, refletindo as necessidades de habitação e produção daquela época. Por fim, tivemos uma conversa sobre as atividades atuais da região e a presença do pinus na paisagem.

No dia 14 de março, foi combinado que haveria a saída da EEB Prof. Manoel da Silva Quadros às 10h da manhã. A professora Fátima Santos pediu para acompanhar as turmas durante o percurso do roteiro. Em um primeiro momento, Fátima pediu para conversar com os estudantes, falando sobre o blog e sobre a importância da história e do patrimônio cultural local. Foi uma conversa de cerca de 10 minutos.

Sendo assim, iniciamos o percurso do roteiro a partir da Escola, que é a Parada 14, onde combinamos com os estudantes que a última parada seria a estação. O roteiro tem em média uma duração de 64 minutos, como foi calculado no mapa. Também combinamos com os estudantes para eles ajudarem a levar e a colocar as placas feitas em forma de banner de dimensões 30 cm por 40 cm, que foram parafusados em estacas de madeira de 90 cm de comprimento e colocados em frente às casas selecionadas para o roteiro. Partimos às 10 horas e 25 minutos para a caminhada de campo.

Parada 14 EEB Professor Manoel da Silva Quadros: a princípio, o roteiro teria início na estação ferroviária, no entanto, o tempo tomado na primeira fala atrasou o percurso, diante disso, em consenso com a professora Sabrina e com a Fátima Santos, o percurso foi iniciado a partir da Escola. Destaco que em cada parada havia uma explicação de minha parte e da parte da Fátima justificando a escolha do roteiro. A escola foi escolhida devido à sua importância para a comunidade, por ser uma escola centenária e pelas pinturas das casas em seu muro destacarem e valorizarem a história e patrimônio cultural local.

Figura 29 – EEB Professor Manoel da Silva Quadros



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Parada 15 Casa da Família Aguiar e Noermberg: o percurso da escola até a casa da família Aguiar e Noermberg dura três minutos de caminhada no máximo. Em frente à casa foi relatado que ela pertencia a João e Sofia Noermberg e que foi construída em 1938, onde o casal morou e criou quatro filhos, e que a arquitetura da casa é de parede dupla.

Figura 30 – Frente da Casa Aguiar e Noermberg



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Parada 16 Casa Família Jarschel: A parada seguinte foi quase na frente da casa da Família Jarschel. Os proprietários da casa eram Erberth Arno Jarschel e Edeltraudt Hauffe Jarschel. Erberth era carpinteiro na empresa Wiegando Olsen e a casa também é de parede dupla. Hoje ninguém mora em casa, mas a família toda limpa e faz a manutenção da casa.

Figura 31 – Casa da Família Jarschel



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Parada 17 Casa da família Baukat: a parada fica na esquina seguinte da anterior e foi a casa de Else Baukat, parteira conhecida pelos quase 500 partos que fez durante sua vida, inclusive Fátima Santos relatou aos estudantes que Else Baukat foi quem realizou seu parto. Atualmente moram na casa Rodolfo Baukat, o filho mais novo, com a sua esposa, Margarida Baukat. No momento em que passamos pela casa a senhora Margarida Baukat estava em frente à casa e quis uma foto sua, pois sabia que iria para o blog do Distrito de Marcílio Dias. Dona Margarida nos presenteou com um livro da história de sua sogra, Else Baukat.

Figura 32 – Casa da Família Baukat



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Figura 33 – Estudantes com a Família Baukat



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Parada 18 Casa da Família Ruppel: a parada 18 foi o Casarão da Família Ruppel, onde morou o casal Durval e Silvia Ruppel, tendo adquirido o imóvel da família Goestemeyer nos anos 1970. Foi narrado aos estudantes que tanto no blog quanto no e-book tem a história das duas famílias, e que o próprio QR Code direciona às histórias.

Figura 34 – Casa da Família Ruppel



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Parada 11 Casa Família Froehner: a rua onde fica a casa é denominada Mário Froehner, em homenagem ao antigo morador de Marcílio Dias que era filho de Rodolfo e Leopoldina Froehner, antigos proprietários da casa. Hoje quem mora nessa residência é Rita Froehner, que fez toda a restauração da casa herdada. A casa é de parede dupla e fomos recepcionados pela família, que indicou o local onde queria a placa.

Figura 35 – Casa da Família Froehner



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Parada 13 Jardim de Infância Marguet Olsen: o Jardim de Infância Marguet Olsen foi doado pela empresa Wiegando Olsen e administrado pela Escola Professor Manuel da Silva Quadros. Hoje o Jardim está fechado, porém, a estrutura está em boas condições. Fomos até o local e anexamos a placa em frente ao local.

Figura 36 – O Jardim de Infância Marguet Olsen



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Figura 37 – Placa do Jardim de Infância Marguet Olsen



Fonte: elaborada pelo autor (2025).

Parada 12 Casa da família Ferreira: a casa tem mais de 70 anos, pertencia à empresa Wiegando Olsen e sediava famílias de funcionários. A família de Orlando Ferreira e Francisca Aparecida Ferreira reside no local há 34 anos. Foi relatado aos estudantes sobre a venda das casas para os funcionários da empresa Olsen. O senhor Orlando Ferreira nos recebeu e também indicou onde iria a placa.

Figura 38 – Casa da Família Ferreira



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Parada 10 Casa de Escama: a Casa de Escama foi tombada pelo Iphan em 2006 e restaurada em 2009. A casa com o terreno era de Alzira Piermann e foi comprada pela família Pazda. O atual proprietário é Marcelo Müller Pazda e sua esposa, Carla, abriu o portão para os estudantes entrarem e pediu para a professora de História Sabrina Mello agendar uma visita.

Figura 39 – Casa de Escama



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Figura 40 – Casa de Escama



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Parada 09 Casas das Famílias Finta e Finta Theodorovicz: nessa parada ficam as Casas das Famílias Finta e Finta Theodorovicz, que fica na frente da Casa de Escama. Nesse momento, para estudantes com celular e uso de internet foi pedido para acessar o QR Code, pois até o momento não havíamos realizado o acesso que redireciona ao blog do Distrito.

Figura 41 – Casa Finta Theodorovicz



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Parada 08 O Salão Metzger: o Bar do Coringa, ou Salão Metzger, foi construído em 1935 pelo descendente de alemães Bernardo Metzger. Hoje o salão está fechado. Foi relatado que a edificação foi um hotel, e que tinha cinema e danceteria aos finais de semana, movimentando a vila. Fátima Santos falou sobre as pinturas nas paredes do salão de propagandas antigas.

Figura 42 – Salão Metzger



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Parada 07 Casa Família Olsen: nosso tempo estava curto e faltavam apenas 15 minutos para finalizar o roteiro, então fomos até a casa dos antigos proprietários da empresa Wiegando Olsen. A máquina fotográfica da Fátima ficou sem bateria, pois foram tiradas muitas fotos durante o percurso. O Casarão Olsen mantém a cor original marrom, como eram todas as construções da empresa na época: barracões, casas dos operários e estádio. O casarão é centenário e apenas colocamos a placa e fizemos a leitura do texto do QR Code.

Figura 43– Casarão Olsen



Fonte: elaborada pelo autor (2025).

Parada 06 Casas dos funcionários da diretoria e da Firma Wiegando Olsen: a casa tem aproximadamente 80 anos e foi construída para gerentes de empresas, onde alguns moram há anos com suas famílias. Nessa parada a atual proprietária, a senhora Sandra Rech da Silva, nos atendeu e pediu para colocar as placas dentro do pátio da casa.

Figura 44 – Casa de Gerentes



Fonte: elaborada pelo autor (2025).

Parada 05 Estádio Wiegando Olsen: a arquibancada do Estádio Wiegando Olsen era toda de madeira e foi demolida por medida de segurança. As madeiras dessa construção estavam apodrecendo e trazendo perigo para as pessoas que ainda utilizavam o local. A princípio, a diretoria da Associação São Bernardo pensou em restaurar, mas, devido às exigências da lei, as autoridades competentes não permitem mais este tipo de arquibancada, a única solução foi a demolição. A Parada do Estádio Wiegando Olsen entrou no roteiro

atendendo a um pedido da Fátima Santos, como foi o caso da Ponte de Ferro. A placa com o QR Code foi colocada no campo do estádio, em um lugar reservado à memória no campo. Foi pedido para estudantes acessarem o QR Code que direciona à história do time da empresa, que teve destaque estadual.

Figura 45 – Estádio Olsen



Fonte: elaborada pelo autor (2025).

Parada 04 As casas de operários da empresa Wiegando Olsen na Rua Emílio Seidel: a casa é de Dalvino Bradenburg, que tem aproximadamente 70 anos e que trabalhou durante 30 anos na empresa Olsen. A casa foi comprada pelo funcionário e atualmente a propriedade é de sua filha, Lucimara Brandenburg, que pediu para aparecer na foto.

Figura 46 – Casa da Família Bradenburg



Fonte: Fátima Santos (2025).

Parada 01 Estação Ferroviária, Parada 02 Antigo espaço da Empresa Wiegando Olsen e Parada 03 Ponte de Ferro: destaco aqui que uma parada é na frente da outra e a fala com os estudantes foi ocorreu na Estação Ferroviária, com nosso tempo já finalizando, pois já eram 11h 20min. Foi destacada a importância da empresa e da Estação Ferroviária para o Distrito, tendo surgido primeiro a Estação e em seguida a empresa, dando início ao povoamento do Distrito de Marcílio Dias. Foram fixadas placas na frente da antiga empresa e na Estação, e foi indicado onde fica a Ponte. Sobre a visita à ponte, combinamos, ainda na escola, que não iríamos fazer isso, que apenas iríamos fazer a leitura do QR Code referente a ela. A placa da ponte foi colocada após a dispensa dos estudantes, pois já está muito próximo do final do período de terminar a aula.

Figura 47 – Placa estação



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Figura 48 – Estação



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Figura 49 – Antiga empresa Wiegando Olsen



Fonte: Blog Distrito de Marcílio Dias (2025).

Figura 50 – Ponte de ferro



Fonte: elaborada pelo autor (2025).

Após a finalização do trajeto, houve um agradecimento aos envolvidos e combinamos com a professora e com as turmas o que seria exposto no próximo tópico. Destaco aqui o envolvimento da professora de História tanto no roteiro apresentado como em conhecer a comunidade local onde ela recém havia chegado, além de seu empenho em realizar atividades com os estudantes. Para um melhor enriquecimento da atividade de roteiro, a escola ganhou uma visita ao interior da Casa de Escama e do Salão do Metzger.

4.3 ATIVIDADE PÓS-ROTEIRO

Após o roteiro, no material disponível no e-book, há três planos de aula: um para os Anos Iniciais, outro para as séries finais do Ensino Fundamental e um plano para o Ensino Médio. Em conversa que aconteceu com a professora Sabrina, via Google Meet, foi acordado que a turma que realizaria o roteiro seria do Ensino Médio e o plano teria duas atividades, uma com a leitura de um texto da professora local Carolina Carvalho, que é umas das pessoas responsáveis pelo tombamento e restauração da Estação, e outra atividade explicando o passo a passo de como realizar um documentário. A sugestão foi de que os estudantes realizassem atividades envolvendo casas e espaços que não estivessem presentes no roteiro.

Figura 51 – Plano de aula pós-roteiro

PLANO DE AULA	
Escola:	
Professor:	
Área(s) de Conhecimento:	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Componentes Curriculares:	História
Turma(s):	1ª série
Período:	
Nº de Aulas:	6
Objeto(s) de conhecimento em estudo	
- História Local e Patrimônio Cultural	
Habilidade(s) selecionada(s)	
(EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.	
Expectativas de aprendizagem (objetivos)	
Realizar o roteiro com os estudantes no Distrito de Marçílio Dias. Conhecer a História Local e seus Patrimônios Culturais	
Instrumento(s) avaliativo(s) utilizados	
* Atividades em sala de aula * Participação em sala de aula * Registro no caderno * Coerência e concordância na exposição de ideias	
Sequência didática	
Experiências de ensino e aprendizagem	Recursos necessários
História Local e Patrimônio Cultural Durante a aula, serão explorados conceitos essenciais relacionados ao patrimônio cultural, abrangendo definições, tipos de patrimônio material e imaterial e exemplos de bens culturais da comunidade local. Além disso, serão promovidas discussões sobre a importância da preservação e os desafios enfrentados na conservação do patrimônio cultural, juntamente com atividades práticas que incentivem a pesquisa e a reflexão crítica dos estudantes sobre seu local.	Slides, Quadro negro, Mapas, Filme, Internet, Computador
Recuperação paralela (aprendizagem)	

* Atividades em sala de aula
 * Participação em sala de aula
 * Registro no caderno
 * Capacidade de articulação dos conhecimentos

Adaptações e observações

Referências

Desiderio, Denise. Como fazer um documentário com seus alunos em 7 passos. 2018 Disponível em: <https://professorwfl.blogspot.com/2018/01/como-fazer-um-documentario-com-seus.html> acesso 04 de fevereiro de 2025.

BLOG MARCÍLIO DIAS. Disponível em: <http://marciliodiasdistrito.blogspot.com>. Acesso em: 15 jan. 2025.

Atividade

1. Após roteiro vamos ler o texto da professora Carolina Carvalho que fala sobre estação ferroviária de Marçílio Dias responder as questões

Fonte: elaborada pelo autor (2025).

Foi definido que durante a aula seriam explorados conceitos essenciais relacionados ao patrimônio cultural, abrangendo definições, tipos de patrimônio material e imaterial e exemplos de bens culturais da comunidade local. Além disso, seriam promovidas discussões sobre a importância da preservação e os desafios enfrentados na conservação do patrimônio cultural, além de atividades práticas que incentivem a pesquisa e a reflexão crítica dos estudantes sobre seu local.

Figura 52 – Atividade pós-roteiro



VAMOS FALAR SOBRE PATRIMÔNIO?

Patrimônio é tudo aquilo que nos pertence. "Temos coisa" não se pertence a um indivíduo, a uma instituição, a um lugar, uma coisa ou uma comunidade. Se assunto com sua importância, em vez, deve ser preservado por representar uma riqueza cultural para comunidade e para a humanidade.

Patrimônio Histórico-Cultural

O patrimônio histórico-cultural do respeito a tudo aquilo que é produto material ou imaterial, seja um bem ou um grupo de pessoas, como cultura de uma sociedade. A importância de preservar o Patrimônio Histórico está associada à identificação de um membro cultural, considerando que é por meio da memória que nos orientamos para compreender o passado, o planejamento de um determinado grupo social, uma cidade ou mesmo uma região. O respeito da memória também contribui para formação da identidade, elemento de valor, e é compreendido a respeito da situação sociocultural de um povo.

Patrimônio Tombado

O tombamento é um conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de PRESERVAR por meio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, artístico e também de valor cívico para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados.

PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO

A proteção do patrimônio cultural não visa entregar o bem à disposição da vontade da administração pública. Pelo contrário, a lei tem o dever primordial de proteger o bem de todo o povo, não apenas o que o tombamento jurídico lhe confere para certo.

É uma obrigação imposta tanto ao Poder Público quanto à sociedade, por meio da qual deve a Constituição Federal em seu art. 216, § 1º, 2º, 3º, 4º e 5º, e 30, II. Ademais, destaca a preservação do patrimônio cultural brasileiro de um direito fundamental e eficaz, não sendo simplesmente administrável pelo Estado e não é bem.

Carvalho, Carolina. Vamos falar sobre Patrimônio? Disponível: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2024/02/vamos-falar-sobre-patrimonio.html>

cesse o texto completo abaixo:



62/69 Qual é a importância do patrimônio cultural para a identidade de uma comunidade?

2. Existe alguma lenda ou história interessante associada ao Estação ferroviária I de Marcílio Dias? Relate um dessas lendas.

3. Quais medidas são tomadas para preservar as casas de madeira e o patrimônio cultural de Marcílio Dias?

4. Que tipo de impacto o turismo pode ter na valorização do patrimônio cultural de um lugar como Marcílio Dias?

5. Quais são as principais histórias locais que eu posso descobrir durante este roteiro?

2. Documentário sobre História local e Patrimônio cultural

Que tal fazermos um documentário super bacana sobre a nossa comunidade? Vamos nos organizar em grupos e realizar pesquisas no laboratório de informática, investigar mais sobre a região e conferir o blog do distrito de Marcílio Dias. Vamos dividir os temas, escolher os locais e planejar as entrevistas. Vai ser de mais!

Vamos ver um pequeno vídeo explicando como fazer um documentário

Fonte: elaborada pelo autor (2025).

Figura 53 – Atividade pós-roteiro

63/69



Acesse o vídeo : <https://www.youtube.com/watch?v=QhAcwsEit14>



Após uma animada discussão, os estudantes estão prontos para abraçar suas novas funções com entusiasmo! É importante lembrar a todos que devem fazer o melhor uso de seus talentos e habilidades. Para tornar nosso projeto realidade, vamos dividir as tarefas da seguinte forma:

- Os Filmares serão responsáveis por operar as câmeras ou celulares;
- Os Roteiristas irão escrever um guia para a equipe, detalhando cada cena e questão a ser abordada no documentário;
- Os Pesquisadores ficarão encarregados de esclarecer conceitos, encontrar pessoas para entrevistar e locais para filmar;

- Os Editores farão a mágica da edição, deixando os vídeos intrigantes e cativantes para o público, não esquecendo da trilha sonora e do trailer.

E, finalmente, após tanto esforço e dedicação, os vocês merecem uma bela cerimônia de lançamento! Vamos convidar professores, familiares e toda a equipe escolar para prestigiar o resultado final. Afinal, todo mundo merece um pouco de reconhecimento, não é mesmo?

Fonte: elaborada pelo autor (2025).

Em conversa, via aplicativos WhatsApp, realizada no dia 21 de março de 2024 com a professora Sabrina, ela relatou que uma turma da 1ª série ficou de fazer a filmagem do coringa, a 2ª série decidiu fazer uma atividade sobre as casas que não estão no roteiro e 3ª série abordaria as igrejas luterana e católica.

Destaco aqui que essas são sugestões de atividade, e que o professor pode alterá-las e realizá-las de acordo com a realidade e o tempo disponível.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do Mestrado Profissional em ensino de História eu comecei a planejar a metodologia da minha dissertação, focando no patrimônio cultural e na história local. Foi na disciplina de História Local, História do Ensino de História e no Seminário de Pesquisa que me deparei com textos que me levaram para o tema desta dissertação. Decidi, então, explorar a história local do Distrito de Marcílio Dias, destacando as casas de madeira como patrimônio cultural e envolvendo também a história ambiental.

Ao pensar em como abordar questões desse tema no contexto educacional, veio-me à mente a imagem da Escola Professor Manuel da Silva Quadros, com suas pinturas das casas de madeira encomendadas para comemorar o centenário do local, em 2017. Associei essas pinturas à valorização do patrimônio cultural por parte da comunidade escolar, que se identifica com a arquitetura de madeira e orgulha-se de sua história local e de um passado próspero e bem diferente da realidade atual.

Pensando na metodologia em Ensino de História, veio-me à mente o blog do Distrito de Marcílio Dias como ferramenta pedagógica para sala de aula. Percebi que o blog era uma fonte rica em informações sobre a localidade, graças às memórias compartilhadas pelos moradores, demonstrando o orgulho em sua história, e acabei contando com a ajuda de Fátima Santos, responsável pelo blog. Em março de 2024 dei início às pesquisas e a colaboração de Fátima Santos foi fundamental para a finalização deste estudo. Outro detalhe que chamou a minha atenção foi que o blog é um produto criado na escola e que alcançou toda a comunidade e a cidade.

Esta dissertação, a princípio, havia sido intitulada de *Os ciclos da madeira e transformação da paisagem: um olhar sobre o patrimônio cultural e a história local do Distrito de Marcílio Dias*. Dois capítulos foram escritos e na qualificação um membro da banca fez a seguinte pergunta: cadê as casas no título? Além disso, durante o III Congresso Nacional do ProfHistória um professor ouvinte me perguntou sobre as casas no título e fez um comentário sobre o fato de que a paisagem e história ambiental eram plano de fundo, e que as casas eram o destaque do trabalho de dissertação. Os conselhos foram ouvidos e acolhidos, e assim chegamos ao título atual: *“Da floresta às Casas”: transformação da paisagem e Ensino de História do Distrito de Marcílio Dias*. Outro conselho no momento de qualificação foi a respeito do produto, sobre o qual eu ainda estava em dúvidas, e a banca foi fundamental para minha escolha do roteiro e do material presente no terceiro capítulo.

O primeiro capítulo, sobre os estudos da história local e do patrimônio cultural, foi de grande importância, pois foi analisado o processo de ocupação e formação de Canoinhas e do Distrito de Marcílio Dias, incluindo elementos históricos, como a chegada dos imigrantes e a estrutura social e econômica da região, baseada na exploração de madeira e erva-mate, além da discussão de conceitos, como o Ensino de História e o patrimônio cultural, bem como os conceitos de patrimônio no Brasil. Destaco a importância de se abordar a identidade territorial e o uso do patrimônio cultural do Distrito de Marcílio Dias como símbolos de proteção e conscientização, voltados para a prática do ensino da história local. Considero que, ao trazer o Estudo de História para o contexto local, é possível estabelecer uma conexão mais próxima entre os estudantes e o conteúdo estudado.

O segundo capítulo inicia com uma reflexão sobre os conceitos de paisagem e paisagem cultural, abordando a interação entre o ambiente natural e as atividades humanas que refletem a História Ambiental. Foi abordado o ciclo da madeira na região do Planalto Norte, evidenciando a ação nociva sobre a floresta por parte de uma empresa estrangeira capitalista e de empresas locais durante a primeira metade do século XX. Por fim, destaco a relevância para o Ensino de História do patrimônio representado pelas edificações de madeira no Distrito de Marcílio Dias, fruto da exploração madeireira no século XX. Também destaco a importância de incluir a História Ambiental no ensino de História, especialmente na perspectiva do antropoceno. Confesso que as questões ambientais pouco entravam em minhas aulas de História antes do mestrado, ou se entravam, era de forma isolada e no contexto de Revolução Industrial. Tanto esta dissertação quanto o processo do mestrado foram importantes para essa reciclagem pela qual passei durante a pós-graduação.

Por fim, os dois primeiros capítulos foram necessários para o produto final, que é o roteiro das casas. Para elaboração do roteiro e do e-book, contei muito com blog do Distrito de Marcílio Dias e com o contato com Fátima Santos, que foi de grande importância para a finalização deste trabalho.

Enquanto professor da Educação Básica durante 18 anos, posso afirmar que todo o processo de desenvolvimento do roteiro e do material me proporcionou uma nova perspectiva em relação às metodologias pedagógicas aplicadas em sala de aula. Desde do período da graduação em História não tive mais contato com a pesquisa por meio de fontes documentais, agora em grande parte digitais, e reviver isso é gratificante. O contato com a comunidade por meio das mídias sociais, como o próprio blog e o Facebook, facilitou a conclusão desta dissertação. O vídeo em que a Fátima Santos pediu para falar sobre o projeto de dissertação

foi importante para o acolhimento recebido dos moradores de Marcílio Dias. No momento da prática do roteiro, em que os estudantes estavam colocando as placas, não tenho palavras para descrever aqui sobre como foi esse acolhimento. Não esperava que houvesse tanta repercussão do trabalho feito em Marcílio Dias, ao ponto de receber moção de parabenização da Câmara de Vereadores de Canoinhas. Sobre a divulgação do roteiro do Distrito por Fátima Santos nas redes sociais eu também não esperava tantos comentários de parabenização.

Enfim, as experiências de campo, como o roteiro, mostram que a solução para a educação vai além do conhecimento de sala de aula, envolvendo a ação prática que denominamos “educação fora dos muros”. Desse modo, é necessário um diálogo entre professores, estudantes e a comunidade, pois é por meio dessa interação que surge a oportunidade de aplicar na prática o conhecimento adquirido em sala de aula, destacando a relevância da história local do patrimônio cultural na construção da identidade e no processo de formação.

Ao abordar as casas de madeira como ponto de partida para a análise de ensino de história, os estudantes são incentivados a contemplar a sociedade em que estão inseridos, as mudanças urbanas ao longo dos anos e a relevância de manter viva a memória local. Essa abordagem fornece uma visão mais tangível e real do local, aproximando os estudantes do meio ambiente em que os acontecimentos se refletiram. As perspectivas futuras desse trabalho podem ser bastante promissoras. Por meio de visitas guiadas do roteiro ou acesso ao e-book e as placas os estudantes podem aprofundar seu entendimento sobre a região e contribuir para a preservação de seu legado cultural. Essa metodologia também pode ser expandida e aplicada em outras comunidades, incentivando a valorização e o ensino da história local em diversos cenários.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

ADIMARI, C. W.; TOMPOROSKI, A. A. A identidade territorial no patrimônio arquitetônico em Canoinhas. **Geosul**, Florianópolis, v. 34, n. 73, p. 497-521, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/1982-5153.2019v34n73p497/41832>. Acesso em: 24 mar. 2024.

ADIMARI, Cinthia Wambier. **O patrimônio arquitetônico e suas possibilidades pedagógicas para fomentar o desenvolvimento regional em Canoinhas SC 2019**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Contestado, Canoinhas, 2019.

AGÊNCIA SENADO. **Há 100 anos, o fim da sangrenta Guerra do Contestado**. 4 jul. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-100-anos-o-fim-da-sangrenta-guerra-do-contestado>. Acesso em: 17 jan. 2025.

AINDA os festejos do jubileu de ouro da firma Olsen. **Correio do Norte**, Canoinhas, Edição 1365, 10 abr. 1976. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/correiodonortecanoinhas/1976/CDN19761365.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2024.

ALENCAR, C. P. de. **Trilhando memórias: reflexões acerca das identidades dos trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré**. 2012. Dissertação (Mestrado Profissional) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/estrada_de_ferro.pdf. Acesso em: 24 mar. 2024.

ALMEIDA, F. V. de. **Aprendizagem histórica ambiental: a relação entre história local e o território ambiental do Rio Lontra como estratégia de ensino de História no Colégio Estadual Rui Barbosa - Araguaína-TO**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em ensino de História) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em ensino de História, Araguaína, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/2097>. Acesso em: 08 jun. 2024.

ARRUDA, G. Consciência histórica, Ensino de História e educação ambiental. **História & Ensino**, v. 12, p. 113-122, 2006. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11724>. Acesso em: 8 jun. 2024.

ASSIS, T. C. de; PINTO, S.L. de A. O Ensino de História local como estratégia pedagógica. **Itinerarius Reflections**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 01–18, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/56626>. Acesso em: 3 mar. 2024.

BITTENCOURT, C. M. F. **ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

BLOG DISTRITO DE MARCÍLIO DIAS. 2025. Disponível em: <http://marciliodiasdistrito.blogspot.com>. Acesso em: 15 jan. 2024.

BOGO, A. J. Arquitetura em madeira em Santa Catarina. Patrimônio histórico e tipologia habitacional atual. **Arquitetos**, São Paulo, ano 18, n. 208.02, Vitruvius, set. 2017. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.208/6717>. Acesso em: 23 abr. 2025.

BRASIL, Presidência da República. **Lei n. 601, de 18 de setembro de 1850**, Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/10601-1850.htm. Acesso em: 24 mar. 2024.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**; traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CANOINHAS 100 anos: terra lavrada por muitas mãos. **Jornal Correio do Norte**, Canoinhas, Edição Especial, 12 set. 2011. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/correiodonortecanoinhas/2011/CDNRevista100anos.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2025.

CARDOSO, P. F.; MELO, A. Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 133, p. 1059-1075, out.-dez., 2015.

CARVALHO, E. História Ambiental e o ensino de História: uma difícil aproximação. In: FANAIA, J. E. de A. CEREZER, O. M.; RIBEIRO, R. R. (org.). **Escrita da História**. Mato Grosso: Editora da UNEMAT, 2010a. p. 209-219.

CARVALHO, M. M. X. de. **Uma grande empresa em meio à floresta: a história da devastação da floresta com araucária e a *Southern Brazil Lumber and Colonization* (1870-1970)**. 2010b. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93507>. Acesso em: 24 mar. 2024

CARVALHO, M. M. X. de. **O desmatamento das florestas de araucária e o Médio Vale do Iguaçu: uma história de riqueza madeireira e colonizações**. 2006. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30370244.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2024.

CASTRIOTA, L. B. Paisagem cultural e patrimônio: desafios e perspectivas. In: CASTRIOTA, L. B. (org.). **1 Colóquio Ibero-americano: paisagem cultural, patrimônio e projeto Belo Horizonte-MG**. Belo Horizonte: Iphan, 2010. p. 193-212. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/anaispaisagemculturalweb_2.pdf. Acesso em: 8 jun. 2024.

CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **Revista História Hoje**, v. 7, n. 13, p. 272-292, jan./jun. 2018

CERRI, L. F. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da História. **Revista de História Regional**, v. 6, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2133>. Acesso em: 25 mar. 2024.

CORDEIRO JÚNIOR, C. R.; SILVA, W. C. R.; SOARES, T. M. L. O uso da madeira na construção civil. **Projectos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 79-93, 2017. Disponível em: <https://revistas.unisam.edu.br/index.php/projectus/article/view/278/112>. Acesso em: 24 mar. 2024.

COSTA NETO, T. S. da; NASCIMENTO, F. de A. de S. Ensino de História local nas escolas públicas brasileiras: uma análise bibliográfica. **Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI**, Teresina, v. 6, n. 2, jul./dez. 2017.

COSTA, Francine. **O Contestado (1912-1916) revisitado**: narrativas possíveis para o Ensino de História. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/431275/2/Francine%20Costa.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2025.

COSTA, L. de C. N.; SERRES, J. C. P. Memória, identidade e paisagem cultural: interfaces na constituição do patrimônio brasileiro. **Patrimônio e Memória**, v. 12, n. 1, p. 158-178, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://portalojs.assis.unesp.br/index.php/pem/article/download/3464/2723>. Acesso em: 23 abr. 2025.

COSTA, O. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e Cultura**, n. 15, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/7731>. Acesso em: 8 jun. 2024.

DALONSO, F. **Gestão da Paisagem Cultural Serra Dona Francisca**: possibilidades e limites. 2016. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região do Joinville, Joinville, 2016.

DAMASCENO, V. L. **História local e educação patrimonial**: a feira livre de Bragança do Pará como espaço de aprendizagem histórica. Dissertação (Mestrado Profissional em ensino de História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

DERETTI, V. **Ensinar História na cidade**: uma proposta de Educação Patrimonial para Guaramirim/SC. Dissertação (Mestrado Profissional em ensino de História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em ensino de História, Florianópolis, 2020.

DONNER, S. C. história local: discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil. *In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA*, 11. 2012. Rio Grande, RS. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH- RS, 2012. Disponível em: https://eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1342993293_ARQUIVO_HistoriaLocalBrasileMundotexto2012.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.

DRUMMOND, J. A. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 199-197, 1991.

FERRINI, J. E. **O encontro entre ensino de História e patrimônio cultural: uma proposta a partir da Educação de Jovens e Adultos (Santo André-SP)**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em ensino de História) – ProfHistória, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/59558/JULIANA%20ESPERANCA%20FERRINI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 jan. 2024.

FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. de C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GERHARDT, M. História ambiental, colonização e genealogia. **História: Debates e Tendências**, v. 14, n. 1, p. 124-140, jan./jun. 2014.

GOMES, J. D. M. da C.; SILVA, A. A. A história ambiental como campo historiográfico e sua oferta como disciplina nos cursos de graduação em História em Goiás no ano de 2018. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável GUAJU**, Matinhos, v. 7, n. 1, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/gaju/article/view/79384/44426>. Acesso em: 8 jun. 2024.

GRUNOW, R. A. dos S. **Pelas trilhas do planalto norte catarinense: colonização européia em bela vista do sul, terra contestada. diálogos entre história oral, memória e o Ensino de História**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em ensino de História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/238623>. Acesso em: 25 mar. 2024.

HORA, J. F. da; PORTO, V. C. Patrimônio cultural, arqueologia pública e educação patrimonial: multivocalidade e interdisciplinaridade. **VEREDAS: Revista Interdisciplinar de Humanidades**, v. 3, n. 6, p. 141-156, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unisa.br/index.php/veredas/article/view/57>. Acesso em: 18 jul. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022**. Inovações e impactos nos sistemas de informações estatísticas e geográficas do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidade e Estados 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/canoinhas.html>. Acesso em: 15 jan. 2025.

JELIN, Elisabeth. **Los trabajos de la memoria**. Buenos Aires: Siglo XXI Editora Iberoamericana; Nueva York: Social Science Research Council, 2002.

KETTLE, W. A Perspectiva ambiental e o ensino de História na Amazônia: Experiências no município de Ananindeua. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, v. 4, n. 6, jan/dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistadolhiste/article/view/84884>. Acesso em: 8 jun. 2024.

KORMIKIARI, M. C. N. 2014. **Arqueologia da paisagem**. São Paulo: Labeca – MAE/USP. Disponível: http://labeca.mae.usp.br/media/filer_public/2014/07/16/kormikiari_arqueologia_paisagem.pdf. Acesso em: 23 abr. 2025.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

LEONÍDIO, A. O conceito de paisagem em História. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – HISTÓRIA E ÉTICA, 25, 2009, Fortaleza, CE. **Anais [...]**. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772007_dcacb4e4f2186f8900d8418e289e1930.pdf. Acesso em: 8 jun. 2024.

LIMA, M. As diferentes concepções de ensino e aprendizagem no Ensino de História. **Fronteiras**, v. 11, n. 20, p. 43-57, jul./dez. 2009.

LIMA, Maria. Consciência Histórica e Educação Histórica: diferentes noções, muitos caminhos. In: MAGALHÃES; Marcelo de Souza et al. **Ensino de História: usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

LIMA, R. Memória Histórica: a cidade de Três Barras-SC na perspectiva biográfica (1900-1990). **Boletim de Geografia**, v. 37, n. 1, p. 81-100, 2019.

LOPES, A. R. S.; VIANA JUNIOR, M. M. O antropoceno como regime de historicidade. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 12, n. 23, p. 9-24, 2020.

LOPES, A. R. S. A natureza do risco: paisagem e risco na análise dos desastres socioambientais. **Esbocos: histórias em contextos globais**, v. 20, n. 30, p. 52-66, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2013v20n30p52>. Acesso em: 23 abr. 2025.

MACHADO, P. P., DAROSSO, F. P. A política de acesso à terra no Brasil Imperial e a compra de terras devolutas no planalto da província de Santa Catarina. **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica**, v. 34, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/25023/20271>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MAFRA, A. D. **100 anos da sociedade escolar São Bernardo: aspectos da colonização germânica em território contestado, estação Canoinhas (atual Marcílio Dias) da estrada de ferro São Paulo/Rio Grande.** São Bento do Sul, SC: Ed. do Autor, 2019.

MARINO, C. E. C. Percival Farquhar: uma trajetória de embates. In: RODRIGUES, R. R. *et al.* (org.). **A Guerra Santa do Contestado Tintim por Tintim.** São Paulo: Letra e Voz, 2023. p. 158-165. Disponível em: <https://paulopinheiro.paginas.ufsc.br/files/2023/07/A-Guerra-Santa-do-Contestado-Tintim-por-Tintim-ebook.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2024.

MEIRELLES, C. R. M. *et al.* Considerações sobre o uso da madeira no Brasil em construções habitacionais. In: FÓRUM DE PESQUISA FAU.MACKENZIE, 3., 2007, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Mackenzie, 2007. p. 1-6.

MELLO, J. C. de; ZARBATO, J. A. M. Memória, patrimônio cultural e processos educativos: Diálogos e reflexões históricas. **Saeculum**, v. 27, n. 46, p. 212–221, jan./jun. 2022., 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/63264>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MELO JÚNIOR, J. C. F. Aspectos anatômicos de madeiras históricas do período colonial do nordeste de Santa Catarina: elementos para conservação do patrimônio cultural. **Revista Confluências Culturais**, v. 1, p. 70-84, 2012.

MELO, V. L. B. e. **história local: contribuições para pensar, fazer e ensinar.** João Pessoa, PB: Editora da UFPB, 2015.

MILANI, M. L. Identidade sócio-cultural do planalto norte catarinense: uma realidade (in) visível. **Revista Científica Ciência em Curso**, v. 2, n. 2, p. 125-131, 2014.

MINAYO, M. C. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEIRO, Karina Jacob. **ensino de História e patrimônio histórico: um estudo sobre os saberes dos/as alunos/as sobre a estação ferroviária de Ourinhos.** 2022. 191f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2022.

MUPA. Museu Paranaense. 2024. Disponível em: <https://www.museuparanaense.pr.gov.br>. Acesso em: 30 dez. 2024.

NAME, Leo. Conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, v. 6, n. 2, p. 163-186, dez. 2010.

NASCIMENTO, C. D. do. **Desenvolvimento do setor madeireiro no município de Canoinhas (SC), período de 1940 a 2007.** 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade do Contestado, Canoinhas, 2009. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp085716.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024.

NODARI, E. S.; CARVALHO, M. M. X. de. As fases da exploração madeireira na floresta com araucária e os progressivos avanços da indústria madeireira sobre as florestas primárias (1870-1970). *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA AMBIENTAL E MIGRAÇÕES, 2010, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: 13-15 set. 2010.

NORA, P.; AUN KHOURY, Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 25 mar. 2024.

ORIÁ, R. Memória e ensino de História. *In*: BITTENCOURT, C. (org.). **O Saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2017.

OTTO, C. Memória e patrimônio no ensino da história local para os anos iniciais da educação básica. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), 38., 2015, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, SC, 2015. Disponível em: https://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1426447203_ARQUIVO_ArtigoparaAnpuh2015.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.

PÁDUA, J. A. As bases teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

PAIM, E. A.; PICOLLI, V. **Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios**. Londrina: História & Ensino, 2007.

PELEGRI, S. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**, v. 26, n. 51, 2006.

PEREIRA, D. C. **Paisagem como patrimônio: entre potencialidades e desafios para a implementação da Chancela da Paisagem Cultural Brasileira**, 2018. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Danilo_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20PEP_Vfinal_corrigina%20%20\(2\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Danilo_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20PEP_Vfinal_corrigina%20%20(2).pdf). Acesso em: 8 jun. 2024.

PEREIRA, J. S. ORIÁ, R. Desafios teórico-metodológicos da relação Educação e Patrimônio. **RESGATE**, v. 20, n. 23, jan./jul. 2012.

PIMENTA, M. de C. A.; PIMENTA, L. F. Paisagem e diversidades culturais como perspectiva de construção social. *In*: CASTRIOTA, L. B. (org.). **1º Colóquio Ibero-americano: paisagem cultural, patrimônio e projeto** Belo Horizonte-MG. Belo Horizonte: Iphan, 2017. p. 213-233. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/anaispaisagemculturalweb_2.pdf. Acesso em: 8 jun. 2024.

PORTAL DE TURISMO DE CANOINHAS. **Estação Ferroviária de Marcílio Dias**. 17 jan. 2020. Disponível em: <https://turismo.pmc.sc.gov.br/post-17666/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

PRIORI, A. A.; PAIXÃO, L. A. da. A paisagem como fonte histórica e como produtora de memória. **História Revista**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 158-167, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/31759>. Acesso em: 8 jun. 2024.

PROCHNOW, L. N. **O Iphan e o patrimônio ferroviário: a memória ferroviária como instrumento de preservação**. 2014. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Disserta%2B%C2%BA%2B%C3%BAo%20Lucas%20Neves%20Prochnow.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024

PSCHEIDT, W. J.; MELO JÚNIOR, J. C. F. O uso cultural da madeira na arquitetura: técnicas construtivas tradicionais e as madeiras empregadas nas construções históricas. *In*: PEREIRA, P. H.M. (org.). **Arquitetura e urbanismo: compromisso histórico com a multidisciplinaridade**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2021. p. 80-91.

RÊGO, N. C. B. do. **Ensino de História e consciência histórica através de oficinas para uma educação patrimonial no Colégio Militar do Recife**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em ensino de História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2020. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/701505>. Acesso em: 25 mar. 2024.

RIBAS, C. C. C.; FONSECA, R. C. V. da. **Manual de metodologia**. Curitiba: OPET, 2008. Disponível em: https://www.opet.com.br/storage/app/media/MANUAL_DE_MET_Jun_2011.pdf. Acesso: 14 jul. 2024.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: Iphan, 2007.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, E. A. L. de P.; BAZZANELLA, S. L.; MARCHESAN, J. Aspectos sócio-históricos e antropológicos e suas relações com a Economia no território da cidadania do planalto norte catarinense. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 9, n. 21, 16 dez. 2019. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/12908>. Acesso em: 8 jun. 2024.

ROCHA, T. S. F. Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de educação patrimonial do MAEA-UFJF. *In*: ENCONTRO REGIONAL (ANPUH - MG), 18., 2012, Mariana, MG. **Anais [...]**. Mariana, MG: Anpuh - MG, 2012. p. 1-12. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/24/1340766055_ARQUIVO_Artigo-Anpuh.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.

RODRIGUES, F. **Marcílio Dias nos corações: a história de um vilarejo**. União da Vitória (PR): UNIUV, 2013.

RÜSEN, J. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**, v. 1, n. 2, p. 7-16, dez. 2006. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/279/285>. Acesso em: 25 mar. 2024.

RÜSEN, J. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. **Revista Propuesta Educativa**, ano 4, n. 7, p. 27-36, out. 1992. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1172513/mod_resource/content/1/Jorn%20Rusen%20e%20o%20Ensino%20de%20Hist%C3%B3ria.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 1988.

SANTOS, T. M. M.; SOUZA, B. I. de. Sociedade e natureza: interpretações, reflexos na educação ambiental no Brasil e a necessidade do devir. **RevBEA - Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 16, n. 4, p. 267-286, 2021.

SAUER, C.O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 (1995). p. 12-74.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar História**. 2. ed. São Paulo: Editora Scipione, 2009. Coleção Pensamento e Ação em Sala de aula.

SERRAGLIO, J. P. **O som das serras paisagem e arquivo em Três Barras - SC**. 2012. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/100564>. Acesso em: 25 mar. 2024

SEVILHA, F. História Ambiental e História Pública: perspectivas para (re)acender o diálogo no Brasil. **Revista Brasileira de História**, v. 43, n. 93, p. 311-331, maio 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/cwf7FYhsH5NL3LZVLJcJL4B/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 jun. 2024.

SILVA, A. R. da. **Educação patrimonial no ensino de História**: a feira livre como espaço de aprendizagem histórica em Colinas do Tocantins. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em ensino de História) – Programa de Pós-Graduação em ensino de História, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/1734>. Acesso em: 25 mar. 2024.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, M. M. da. História Oral e Patrimônio Cultural no Sul da Ilha de Santa Catarina: experiências formativas do pibid história. *In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL*, 13., 2016, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. p. 1-17. Disponível em https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1463178917_ARQUIVO_TextocompletoeventoNacionaldeHistoriaOral2016.pdf. Acesso em: 31 jul. 2016.

SILVA, M. M.; DELGADO, A. F.. Ensino de História e Educação Patrimonial: experiências de Ensino e Pesquisa na Educação Básica. *In: GIL, C. Z.; TRINDADE, R. T. (org.). Patrimônio Cultural e Ensino de História*. Porto Alegre: Bestiário, 2014.

SILVEIRA, M. F. O processo de limites do Contestado no Supremo Tribunal Federal. *In: RODRIGUES, R. R. et al. (org.). A Guerra Santa do Contestado Tintim por Tintim*. São Paulo: Letra e Voz, 2023. p. 166-173. Disponível em: <https://paulopinheiro.paginas.ufsc.br/files/2023/07/A-Guerra-Santa-do-Contestado-Tintim-por-Tintim-ebook.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2024.

SILVEIRA, M. R. A importância econômica das ferrovias para o Brasil. **Revista dos Transportes Públicos – ANTP**, ano 24, 2002. Disponível: http://files-server.antp.org.br/_5dotSystem/download/dcmDocument/2013/01/10/C340F07B-3A87-4592-861D-4880B0300C99.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.

SOARES, R.G. **Ressignificando a história local em sala de aula: uma proposta de guia didático voltado para construção de diálogos históricos entre espaços e tempos**. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em ensino de História - ProfHistória) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/50016>. Acesso em: 8 jun. 2024.

SOMENSI, E. C. **Industrialização da madeira em construções residenciais**. 2004. TCC (Graduação em Arquitetura) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219057>. Acesso em: 25 mar. 2024.

SOUZA, F. das C. S. História e meio ambiente: um diálogo possível e necessário. **Perspectiva**, v. 39, n. 148, p. 123-132, dez. 2015.

SOUZA, V. S. Arquitetura em madeira: identidade e relação cultural. **Revista Thêma et Scientia**, v. 3, n. 2, jul./dez. 2013.

THOMÉ, N. **O ciclo da madeira**. Caçador: Universal, 1995.

THOMÉ, N. **A formação do homem do Contestado e a educação escolar** – República Velha. 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

TOKARSKI, F. As gentes da Europa no planalto norte catarinense. *In: RODRIGUES, R. R. et al. (org.). A Guerra Santa do Contestado Tintim por Tintim*. São Paulo: Letra e Voz, 2023. p. 174-181. Disponível em: <https://paulopinheiro.paginas.ufsc.br/files/2023/07/A-Guerra-Santa-do-Contestado-Tintim-por-Tintim-ebook.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2024.

TOKARSKI, F. **Cronografia do Contestado**: apontamentos históricos da Região do Contestado e do Sul do Paraná. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002. v. 1.

TOMPOROSKI, A. A. Entre o patrão e o coronel: a atuação da Lumber Company e as disputas políticas no pós-Contestado, 1917-1920. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH*, 26., São Paulo, 2011. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011, p. 1-14. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308143852_ARQUIVO_TEXTODEFINITIVOALEXANDREASSISTOMPOROSKI.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.

TOMPOROSKI, A. A. *et al.* (org.). **Canoinhas em dados socioeconômicos: 2019/2020**. Mafra, SC: Editora da UnC, 2019. Disponível em: https://uni-contestado-site.s3.amazonaws.com/site/biblioteca/ebook/CANOINHAS_EM_DADOS_SOCIOECONOMICOS_2019_2020.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.

TOMPOROSKI, A. A. **O polvo e seus tentáculos**: a Southern Brazil Lumber And Colonization Company e as transformações impingidas ao planalto contestado, 1910-1940. 2013. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

TOMPOROSKI, A. Da seiva ao sangue: a história da lumber company. *In: RODRIGUES, R. R. et al. (org.). A Guerra Santa do Contestado Tintim por Tintim*. São Paulo: Letra e Voz, 2023. p. 220-228. Disponível em: <https://paulopinheiro.paginas.ufsc.br/files/2023/07/A-Guerra-Santa-do-Contestado-Tintim-por-Tintim-ebook.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2024.

TONON, E.; LIMA, S. R. Guerra do Contestado e ensino de História: sobre os ataques de sertanejos no município de Canoinhas (1914-1916). **Revista História Hoje**, v. 5, n. 10, p. 180-202, 2016. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/263>. Acesso em: 26 abr. 2024

TORRES NETO, D. P. **Cidade, história e memória**: educação patrimonial em São Bento do Una - PE. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em ensino de História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432156>. Acesso em: 25 mar. 2024.

VALENTINI, D. J. **Da cidade santa à corte celeste**: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado. 3 ed. Caçador, SC: Editora da UnC, 2003.

VASCONCELOS, M. C. de A. as fragilidades e potencialidades da chancela da paisagem cultural brasileira. **Revista CPC**, n. 13, p. 51-73, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15689/17263>. Acesso em: 8 jun. 2024.

VEIGA, J. E. da. **Meio ambiente & desenvolvimento**. 4. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012. Série Meio Ambiente v. 5.

VEIGA, J. E. da. **Sustentabilidade**: a legitimação de um novo valor. 3 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019.

VISIANE, M. S. P. **Construindo visibilidades na cidade de São José/SC**: uma proposta de Ensino de História e patrimônio cultural dos povos africanos e afrodescendentes. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em ensino de História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2020.

WITTE, G. A tecnologia sustentável das construções caboclas. In: RODRIGUES, R. R. *et al.* (org.). **A Guerra Santa do Contestado Tintim por Tintim**. São Paulo: Letra e Voz, 2023. p. 247-255. Disponível em: <https://paulopinheiro.paginas.ufsc.br/files/2023/07/A-Guerra-Santa-do-Contestado-Tintim-por-Tintim-ebook.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2024.

WORSTER, D. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. **Ambiente & Sociedade**, v. 5, n. 2, ago-dez. 2002.

WORSTER, D. Para fazer História Ambiental. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

ZANI, A. C. **Arquitetura em madeira**. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em: https://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/arquitetura%20em%20madeira_digital.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.

APÊNDICE A – E-book “Uma casa, um roteiro e várias memórias: o ensino de através
história do Distrito de Marcílio Dias”



Copyright ©2025

Produção

Jefferson Chagas

Orientação

Prof^o Dr^o Alfredo Ricardo Lopes

Projeto gráfico e diagramação

ND Editorial

Fotografia

Fátima Santos

Revisão

ND Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C429u Chagas, Jefferson.
Uma casa, um roteiro e memórias: o ensino de História através do Distrito de Marcílio Dias / Jefferson Chagas-- São Paulo: SP: Edição autoral, 2025. 69 p.; 14x21 cm.

ISBN 978-65-83570-13-0
Contém dados biográficos

1. História / Ensino. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 981

Índices para catálogo sistemático:

1. História / Ensino – CDD 981
2. Literatura brasileira – CDD B869

Ronaldo da Mota Vieira – Bibliotecário – CRB – 8 / 9124

Produto de Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Ciências da Educação/ Programa de Pós Graduação em Ensino de História- ProfHistória/ Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória



Apresentação



Prezadas professoras, prezados professores e estudantes,

A proposta deste material é um roteiro das arquiteturas do distrito de Marcílio Dias, em especial as construções de madeira. A temática surge por meio da pesquisa de dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Prof. História, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, intitulada “De Floresta a Casas: a Transformação da Paisagem e o Ensino de História do Distrito de Marcílio Dias”.

No Distrito de Marcílio Dias, a preservação da arquitetura de madeira é um importante patrimônio cultural que reflete a memória e a história da região. As casas construídas com esse material representam elementos marcantes de uma época em que a madeira era abundante, sendo utilizada como matéria-prima acessível devido às vastas reservas florestais da região. Com a maioria dessas residências erguidas no início do século XX, elas não apenas demonstram a técnica construtiva da época, mas também revelam o estilo de vida e os costumes dos antigos moradores locais.

Assim, a proposta deste material não se limita apenas ao roteiro, mas também busca abordar a história e o patrimônio cultural local do Distrito de Marcílio Dias. Através da indústria madeireira, é possível observar a transformação da paisagem urbana do município por meio das construções arquitetônicas

de madeira ainda presentes. Esse cenário proporciona uma oportunidade única para analisar e refletir sobre o processo de exploração dos recursos naturais e as mudanças na paisagem da região do Contestado. Além disso, permite uma imersão na história local e em seu patrimônio cultural, incentivando a abordagem desse tema em sala de aula. Dessa forma, os estudantes da educação básica podem aprender sobre a história de sua comunidade e desenvolver uma compreensão histórica das transformações ao seu redor.

Conhecer a história local e os patrimônios culturais da região é essencial ao ensinar História, pois contribui para fortalecer o senso de identidade e pertencimento. Assim, professores e estudantes podem organizar seus conhecimentos históricos de maneira mais eficaz, refletindo sobre a construção da história de sua comunidade e preservando sua memória. As construções de madeira, por exemplo, são testemunhas da história local e podem ser utilizadas como recursos pedagógicos no ensino de História.

O roteiro foi elaborado com textos e atividades, onde cada elemento contribui de maneira significativa para a temática principal. Foram selecionadas 18 paradas para o roteiro. Ao final, o material inclui três atividades com plano de aula para os anos iniciais do Ensino Fundamental, anos finais e Ensino Médio.

Espero que aproveitem o roteiro e o material.

Sumário

O Roteiro.....	8
Parada 01 - Estação Ferroviária de Marcílio Dias.....	11
Parada 02 - Antiga Empresa Wiegando Olsen.....	14
Parada 03 - Ponte de Ferro De Floresta a Casas.....	15
Parada 04 - Casas de Operários da Empresa Olsen.....	17
Parada 05 - Estádio Wiegando Olsen	18
Parada 06 - Casas dos Funcionários da Diretoria e da Firma Wiegando Olsen	19
Parada 07 - Casarão Olsen.....	21
Parada 08 - Salão Metzger “Coringa”	22
Parada 09 - Casa da Família Finta e Finta Theodorovicz.....	25
Parada 10 - Casa da Família Pazda (“Casa de Escama”).....	26
Parada 11 - Casa da Família Froehner.....	27
Parada 12 - Casa da Família Ferreira.....	28
Parada 13 - Jardim de Infância Marguet Olsen.....	31
Parada 14 - EEB Professor Manoel da Silva Quadros.....	32
Parada 15 - Casa da Família Aguiar.....	35
Parada 16 - Casa da Família Jarschel.....	36
Parada 17 - Casa da Família Baukat.....	38
Parada 18 - Casa da Família Ruppel.....	39
Atividade pos roteiro.....	42



ROTEIRO

O roteiro de correção da pesquisa de dissertação foi consultado e utilizado como fontes várias informações do Blog de Marcílio Dias. A fim de preservar suas raízes, a comunidade do distrito de Marcílio Dias obteve o blog que registra atualmente 1.627.802 visualizações. Foi fundado em 2011 pela professora e fotógrafa Fátima Santos, residente do local, e o blog Distrito de Marcílio Dias apresenta uma coletânea de fotos históricas que reconstituem a trajetória da região, além de textos elaborados por memorialistas, historiadores e autores locais. O espaço também serve para compartilhar imagens recentes do distrito. Durante o processo de qualificação da dissertação, foi exposta a ideia de um roteiro sobre as casas de madeira do Distrito de Marcílio Dias. Em seguida, foi marcado um encontro com a professora Fátima Santos para relatar a ideia do roteiro

e a escolha das casas e outras arquiteturas que estão presentes nesse roteiro. As escolhas das construções foram um diálogo entre a pesquisadora Fátima Santos e foram escolhidas 18 paradas que são:

1. Estação Ferroviária de Marcílio Dias
2. Antiga Empresa Wiegando Olsen
3. Ponte de Ferro
4. Casas de Operários da Empresa Olsen
5. Casas dos Funcionários da Diretoria e da Firma Wiegando Olsen
6. Estádio Wiegando Olsen
7. Casarão Olsen
8. Salão Metzger “Coringa”
9. Casa da Família Finta e Theodorow
10. Casa da Família Pazda “Casa de Escama”
11. Casa da Família Froehner
12. Casa da Família Ferreira
13. Jardim de Infância Marguet Olsen
14. EEB Professor Manoel da Silva Quadros
15. Casa da Família Aguiar
16. Casa da Família Jarschel
17. Casa da Família Baukat
18. Casa da Família Ruppel







Em 1955, o casal Wando e Jurema Skudlarek posou para uma foto ao lado de uma bicicleta, nas proximidades da plataforma da estação do distrito de Marcílio Dias. Quase sete décadas depois, em 2024, concordaram em recriar a foto para o Blog de Marcílio Dias. Seu Wando, que já foi agente da estação, agora com 91 anos, e sua esposa Jurema Skudlarek, de 85 anos.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Memórias de Wando Skudlarek, antigo funcionário da estação de Marcílio Dias: Uma História de Amor à Ferrovia e de Superação



Estação de Marcílio Dias antes e depois da restauração



A Estação Ferroviária de Canoinhas, em Santa Catarina, é um conjunto de edificações que foi oficialmente tombado pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, conforme o Decreto de Tombamento: Lei nº 11.483/07 e a Portaria IPHAN nº 407/2010. Reconhecida como Complexo Turístico e Cultural de Marcílio Dias, a estação iniciou o processo de restauração em 2019, sendo concluído em 2021 e inaugurada em 12 de setembro.

VAMOS FALAR SOBRE PATRIMÔNIO? Acesse o texto disponível do blog de Marcílio Dias da professora Carolina Carrvalho.



Antiga instalações da Empresa Wiegando Olsen

Localizada em frente à estação, a empresa Wiegando Olsen foi inaugurada em março de 1926. Com uma chaminé e um penacho de fumaça, o apito festivo de um velho assinalava o início das atividades industriais de Wiegando Olsen, um de seus sete filhos, em substituição à olaria do velho Bernardo. Era o início de uma pequena serraria (Correio do Norte, 1976).

Portanto, no decorrer dos anos 1930, foram construídas as casas dos funcionários, o comércio, o estádio de futebol e a própria empresa, que eram construções arquitetônicas de madeira retirada da região. A empresa Wiegando Olsen encerrou suas atividades nos anos 1990. Hoje, o local abriga outra empresa, Souza e Souza Portas e Madeiras.



Foto do final dos anos 80



Fotos aéreas da Empresa Wiegando Olsen nos anos 70. Amadeireira, e o pátio ferroviário e a vila



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Para saber mais sobre história da empresa Wiegando Olsen e de seus fundadores acesse:



Comemoração de 25 anos da empresa Wiegando Olsen reportagem Jornal Correio do Norte





Ponte de Ferro.



No caminho até a ponte de ferro sobre o rio Canoinhas, podemos apreciar a paisagem local e também notar a sua transformação.

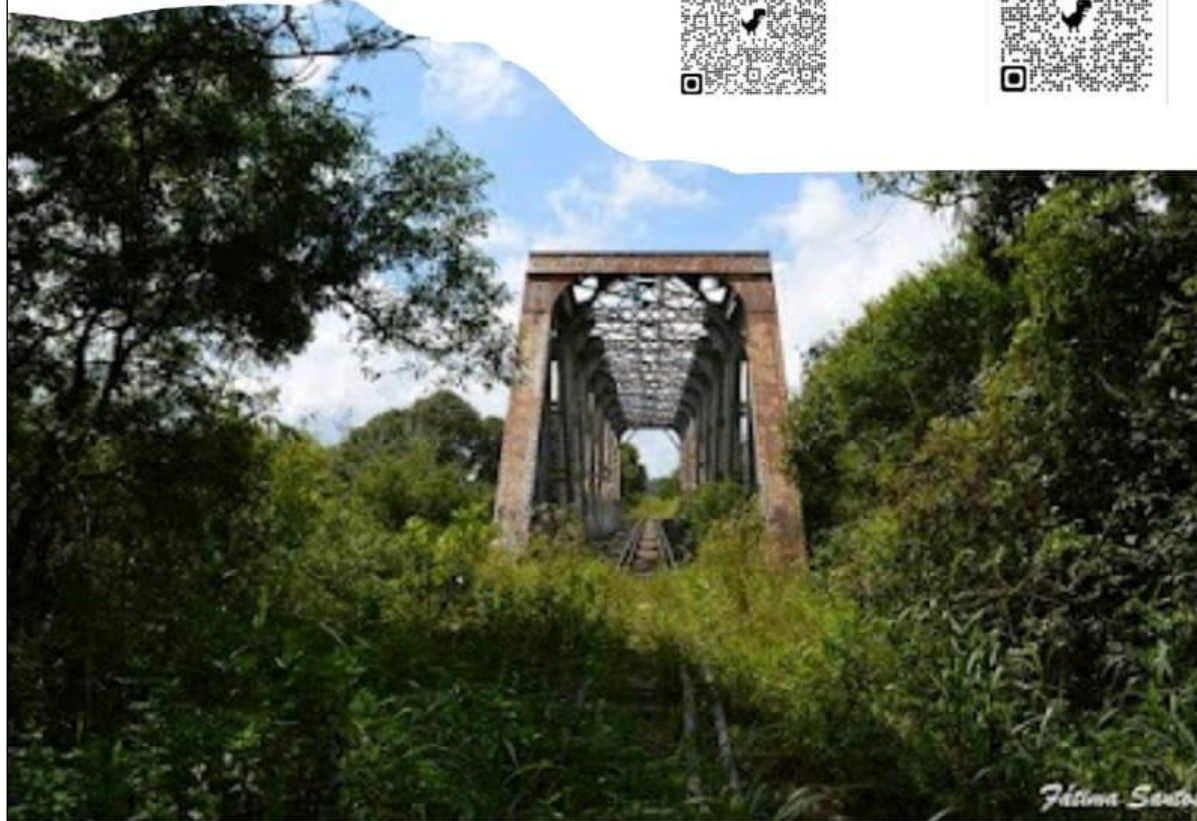
Há várias lendas em relação à ponte e à estação, e a mais conhecida é a da noiva. Acesse a matéria do jornal Correio do Norte: "Lenda Canoinhense".

o Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Dica de livro
Caminhos Depois da Ponte", VI livro da médica e escritora local Adair Dittrich.



Fátima Santos



De Floresta a Casa:

No distrito de Marcílio Dias, a arquitetura de madeira existente constitui um patrimônio cultural de alta relevância que remete à memória e história da localidade. É certo que essas residências, construídas de madeira, caracterizam elementos que marcaram uma época, tomando como base a madeira como matéria-prima acessível e abundante, em uma época em que a região possuía vastas reservas florestais. Muitas dessas casas foram erguidas no início do século XX e representam não apenas a técnica construtiva da época, mas também a forma de vida e os costumes dos antigos moradores da região. Não é só no distrito de Marcílio Dias que estão presentes as casas de madeira, mas em todo o município de Canoinhas, SC.

As vilas foram criadas para abrigar os operários próximos às empresas, com o material em abundância na época: a madeira. Assim, não foi diferente em Marcílio Dias, com casas de operários, casas de gerentes, salão de festas e estádio de futebol.

explore



A Casa de operários da empresa Wiegando Olsen
na Rua Emílio Seidel



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Conheça um pouco mais sobre a história dos operários da empresa Wiegando Olsen. Acesse o texto do blog Distrito de Marcílio Dias: Emílio Seidel, que faz parte da nossa história.



Muitos trabalhadores moravam em casas pertencentes à empresa (hoje, ainda há várias dessas casas que foram adquiridas pelos ex-funcionários), como essas duas da imagem, que ficam na Rua Emílio Seidel.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

A casa de Dalvino Brandenburg tem aproximadamente 70 anos. Dalvino Brandenburg trabalhou durante 30 anos na empresa Olsen. Atualmente, a propriedade pertence à sua filha Lucimara Brandenburg.

A Casa de operários da empresa Wiegando Olsen
na Rua Emílio Seidel



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Conheça um pouco mais sobre a história dos operários da empresa Wiegando Olsen. Acesse o texto do blog Distrito de Marcílio Dias: Emílio Seidel, que faz parte da nossa história.



Muitos trabalhadores moravam em casas pertencentes à empresa (hoje, ainda há várias dessas casas que foram adquiridas pelos ex-funcionários), como essas duas da imagem, que ficam na Rua Emílio Seidel.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

A casa de Dalvino Brandenburg tem aproximadamente 70 anos. Dalvino Brandenburg trabalhou durante 30 anos na empresa Olsen. Atualmente, a propriedade pertence à sua filha Lucimara Brandenburg.



Parada 05

Estádio Wiegando Olsen



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

O Estádio Wiegando Olsen, no distrito de Marcílio Dias, era utilizado pelo São Bernardo (fundado em 13/10/1947), que chegou à Segunda Divisão profissional catarinense na década de 1980. Também era utilizado para as festas da empresa.

Para saber mais sobre a história do Time São Bernardo e fotos, acesse:



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



18

Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

A arquibancada do Estádio Wiegando Olsen foi demolida por medida de segurança. As madeiras dessa construção estavam apodrecendo e representavam perigo para as pessoas que ainda utilizavam o local. A princípio, a diretoria da Associação São Bernardo pensou em restaurá-la, mas, devido às exigências da lei, as autoridades competentes não permitem mais esse tipo de arquibancada. A única solução foi a demolição.



Casas dos funcionários da diretoria e da Firma Wiegando Olsen.

A casa tem aproximadamente 80 anos.

Ela foi construída para os gerentes da empresa, e alguns moraram lá com suas famílias, entre eles:

Amauri Kamisk
Jaime Muehlbauer
Adevalzir Machado, chefe de expedições da empresa
Valdir Rodrigues, encarregado de produção.

Desde 2000, a família de Rodrigo Silva mora na residência. Rodrigo trabalhou como preparador de pedidos na empresa. Seus pais também trabalharam na firma Olsen: Elizabet Jarchel da Silva e Amilto da Silva, caseiro da casa Olsen.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Na segunda casa da rua
M, Maria Olsen residi-
ram as famílias de:

Luci Sarda
Emilio Sabokta
Luiz Carlos Correi
Simone Reck

Todos trabalhavam na
firma.
Atualmente, ninguém
mora na casa, que foi a
leilão em 2024.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Casarão Família Olsen



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Parada 07

O Casarão Olsen mantém a cor original marrom, como todas as construções da empresa na época: barracões, casas dos operários e estádio.

BERNARD OLSEN

Com a inauguração da ferrovia em 1913, muitos empresários resolveram investir ao redor das estações em busca de lucros com a venda de lotes coloniais, erva-mate e madeira. Bernard, nacionalizado para Bernardo Olsen, já realizava negócios com erva-mate em Canoinhas desde 1909. Ele conhecia bem o potencial econômico da região. Após o término da Guerra do Contestado, adquiriu, ao redor da Estação Canoinhas da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, uma área de 790 alqueires e iniciou a Colônia São Bernardo. Mais tarde, ampliou seu patrimônio adquirindo grandes áreas de terras em Taunay e Major Vieira. (Texto do professor Antônio Mafra, da UnC, retirado do blog Distrito de Marcílio Dias).

Para ler o texto
Complexo sobre
o Bernad Olsen
acesse:



Bernard Olsen

Por volta de 1920, ele foi residir em Marcílio Dias, acompanhado de sua esposa Maria e seus filhos Francisco Waldemiro, Wiegando, Elfriede, Luiza, Emílio Líbero e Rodolpho. Deixou em Rio Negrinho, cuidando dos seus negócios, além do irmão Georg Johannes Adolf, ou Adolfo Olsen, como era conhecido, e seu filho Luís Bernardo. Na Colônia São Bernardo, estação de Canoinhas, instalou um comércio de secos e molhados e depósito de erva-mate, ao lado norte da atual casa da família Olsen.

Salão Metzger



Parada 08



Fotografia do Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Bar do Coringa O Salão Metzger, foi construído em 1935, pelo descendente de alemães, Bernardo Metzger



Foto Blog do Distrito de Marçílio Dias.

Construído em 1935, próximo à estação ferroviária da vila de Marçílio Dias, o edifício de dois andares em madeira foi idealizado pelo comerciante Bernardo Metzger. Inicialmente, o local abrigava uma diversidade de espaços, como uma casa comercial, sala de sinuca, salão de baile, salão de festas, pensão e a residência do próprio proprietário. O salão, com seu mezanino e 'varandas' ao redor, lembra os antigos saloons norte-americanos e ainda preserva as antigas peças publicitárias pintadas no início da década de 1960.



Foto Blog do Distrito de Marçílio Dias.

O salão Metzger tem dois andares e foi construído totalmente em madeira, material da empresa Wiegando Olsen. As paredes da edificação são duplas, com tábuas horizontais. O estilo da edificação é em forma de bangalô, e sua técnica construtiva é uma adaptação ao sistema balloon frame. O interior do salão é uma imponente construção em madeira e preserva diversos artigos e características históricas. Uma das maiores relíquias preservadas no interior do prédio são as propagandas de empresas da região, pintadas à mão.

Estas imagens foram registradas no interior do salão do Coringa, antigo Salão Metzger de Marçílio Dias. Nas paredes do salão, foram pintadas, em 1965, propagandas de indústrias e estabelecimentos comerciais da época. Observem estas fotos da cerveja Nó de Pinho.

Pinturas no interior do Salão Metzger

Vejam fotos dessas pinturas realizadas em 1965. Eram propagandas de empresas e casas

Acesse e assista o Portal JMais com a série Raízes de Canoinhas: No Salão do Coringa. Portal JMais



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Em 2021, com 85 anos de história, o Bar do Coringa fecha as portas em Marcílio Dias. Para saber mais, acesse o vídeo da reportagem do Jmais Notícias.





Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Parada 09

Casas das Famílias Finta e Finta Teodorovicz

Casas Finta e Finta Teodorovicz



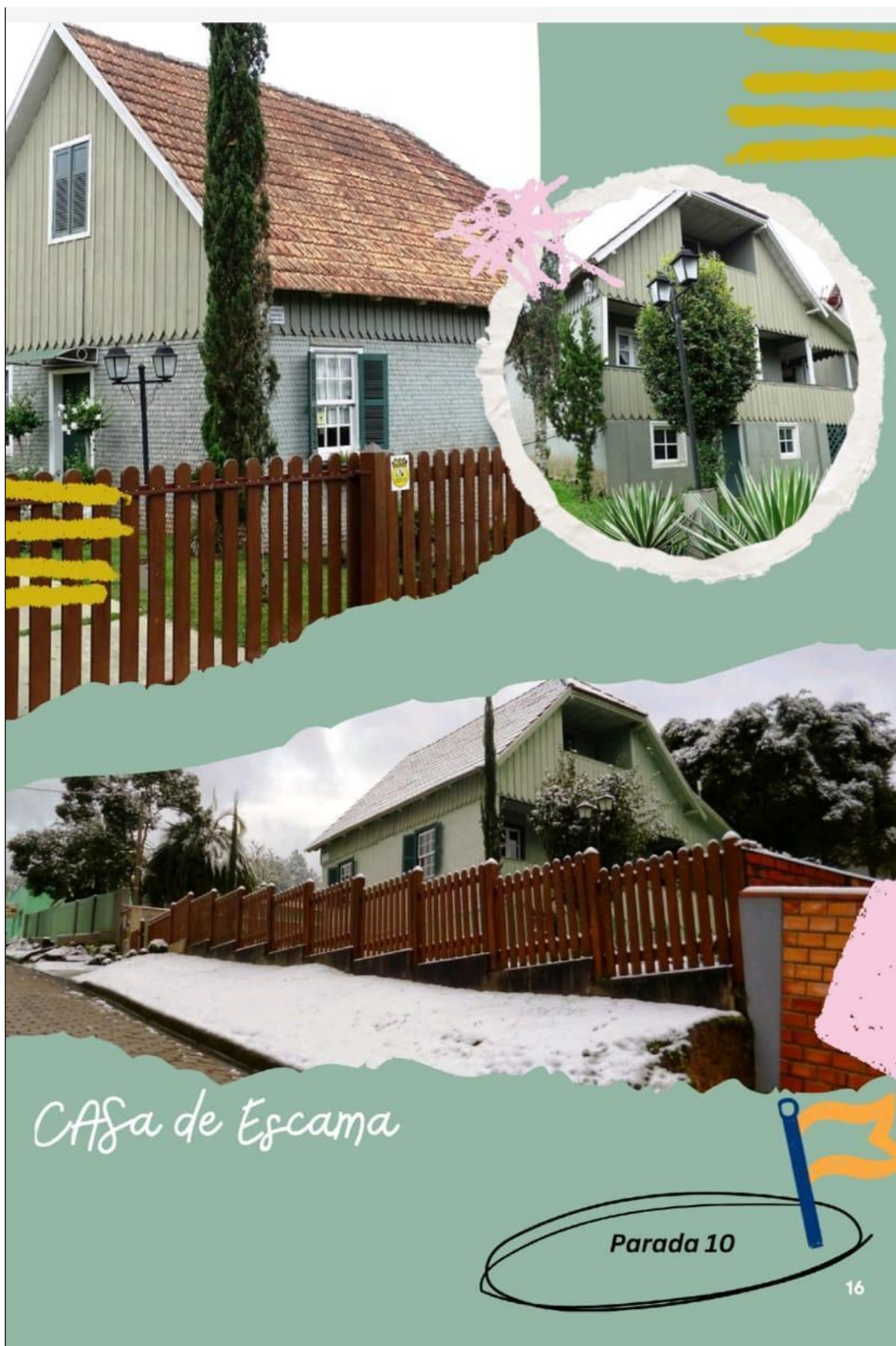
Para saber sobre a história
Antigos moradores acesse o
texto da escritora Adair
Dittrich :
Seu nome é Clara



Seu nome era Clara - parte
2 Acesse :



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.





Construída na década de 20, a Casa de Escamas é um imóvel único localizado no Distrito de Marçílio Dias. Sua fachada é revestida com pedaços de madeira cortados em forma de escudo arredondado, criando a impressionante aparência de escamas de peixe. Esta é uma das poucas casas com esse estilo arquitetônico no Brasil e a única na região. A Casa de Escama foi tombada pelo IPHAN em 2006 e restaurada em 2009. A casa com o terreno era de Alzira Piemann foi comprada pela família Pazda. Atual proprietário é Marcelo Müller Pazda



Foto Blog do Distrito de Marçílio Dias.

Para saber mais sobre a história da Casa e seu antigo proprietários acesse o texto : Lembrança da Casa de Escama



Foto Blog do Distrito de Marçílio Dias.

Para saber mais sobre a Restauração acesse:



Sobre o tombamento Pazda relata que:

Quando fui informado, do processo de tombamento relutei em aceitar, pois achava que teria que doar o terreno com tudo para a prefeitura. Eu não conhecia a lei, então fui me informar e ao saber como funcionava, achei uma ótima ideia. E no que depender de mim a casa será para sempre conservada, agora eu quero morar nela (2009, entrevista concedida em 21/07). **Entrevista feita pela professora Eunice Kluska retirada do Blog do Distrito de Marçílio Dias.**



Foto Blog do Distrito de Marçílio Dias.





Parada 11

Casa de parede dupla, construída com madeira de lei há mais de 70 anos. Madeira da empresa Wiegando Olsen.

Casa da Família Froehner



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Rua denominada Mário Froehner em homenagem ao antigo morador de Marcílio Dias, que era filho de Rodolfo e Leopoldina Froehner, antigos proprietários da casa. Hoje, quem mora nessa residência é Rita Froehner, que fez toda a restauração da casa herdada.



Fátima Santos

Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Família Froehner
Quer saber mais
acesse:



Primeiro Encontro da
Família Froehner
Quer saber mais
acesse:



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Fátima Santos

Casa Família Ferreira

A casa tem mais de 70 anos. Ela pertencia à empresa Wiegando Olsen e abrigava famílias de funcionários. A primeira família que residiu na casa foi a dos Ruppel, seguida pela família de Osvaldo Naisser, motorista da firma Wiegando Olsen, e pela família Metzger, 'Coringa', proprietária do salão Metzger. A família de Orlando Ferreira e Francisca Aparecida Ferreira reside há 34 anos na casa, onde criaram seus dois filhos. Orlando Ferreira trabalhou na empresa Wiegando Olsen durante 30 anos como operador de máquinas e adquiriu a casa da madeireira.



Parada 12



Fátima Santos

Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Atualmente, Orlando Ferreira é aposentado e tem uma marcenaria em casa. Além disso, ele possui um acervo de objetos antigos, como: telefone, máquina de escrever, ferro de passar, entre outros. Orlando tem uma camiseta do time da empresa, o São Bernardo, exposta na parede com muito orgulho, e uma bolsa do cinquentenário da Wiegando Olsen.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

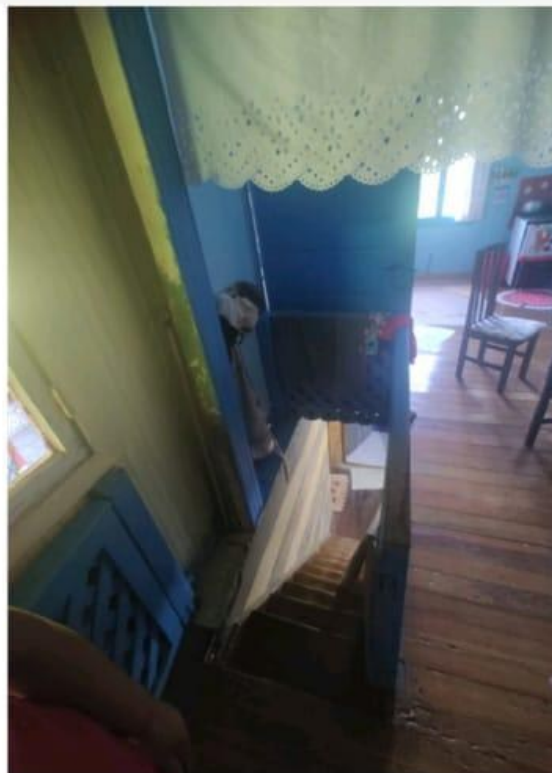


Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Interior da casa de parede dupla. O piso já foi restaurado com também o porão.





Parada 13

Jardim de Infância Marguet Olsen

O Jardim de Infância Marguet Olsen começou a funcionar em 1958 como uma sociedade escolar, sendo uma entidade particular que foi passada para o Estado, onde funcionou o pré-escolar da Escola Manoel da Silva Quadros.

Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Local onde funcionou o pré-escolar da Escola Manoel da Silva Quadros e o Jardim de Infância Marguet Olsen.

Lembranças do tempo da pré-escola
Acesse para saber mais:



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Pré-escolar com a Prof. Jeane

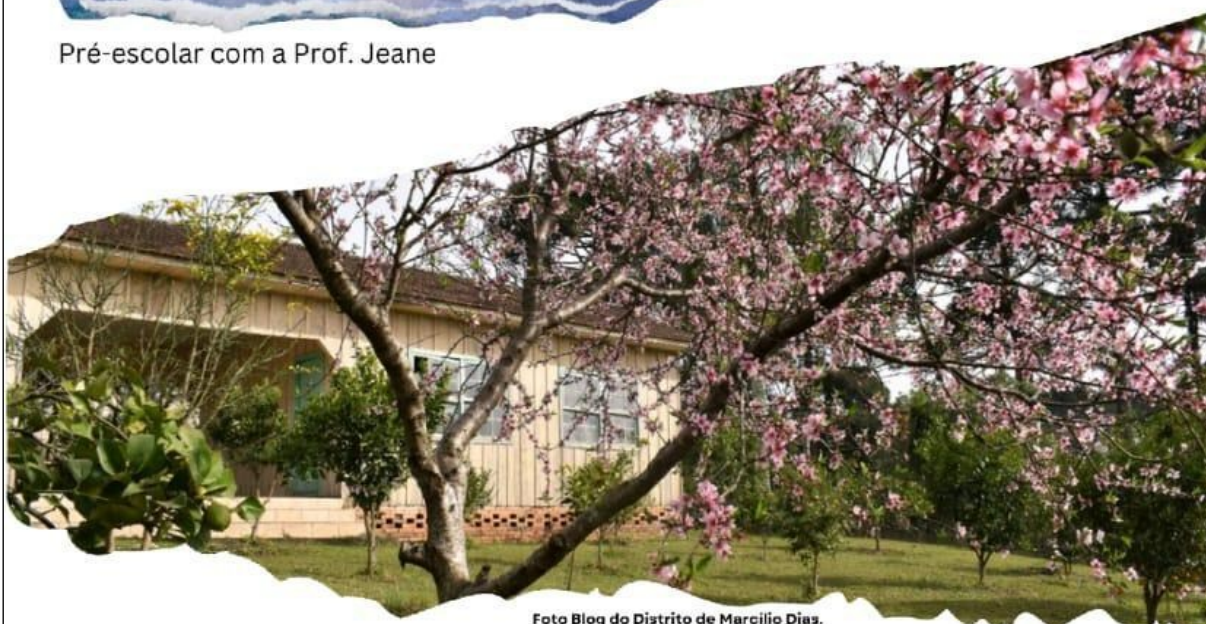
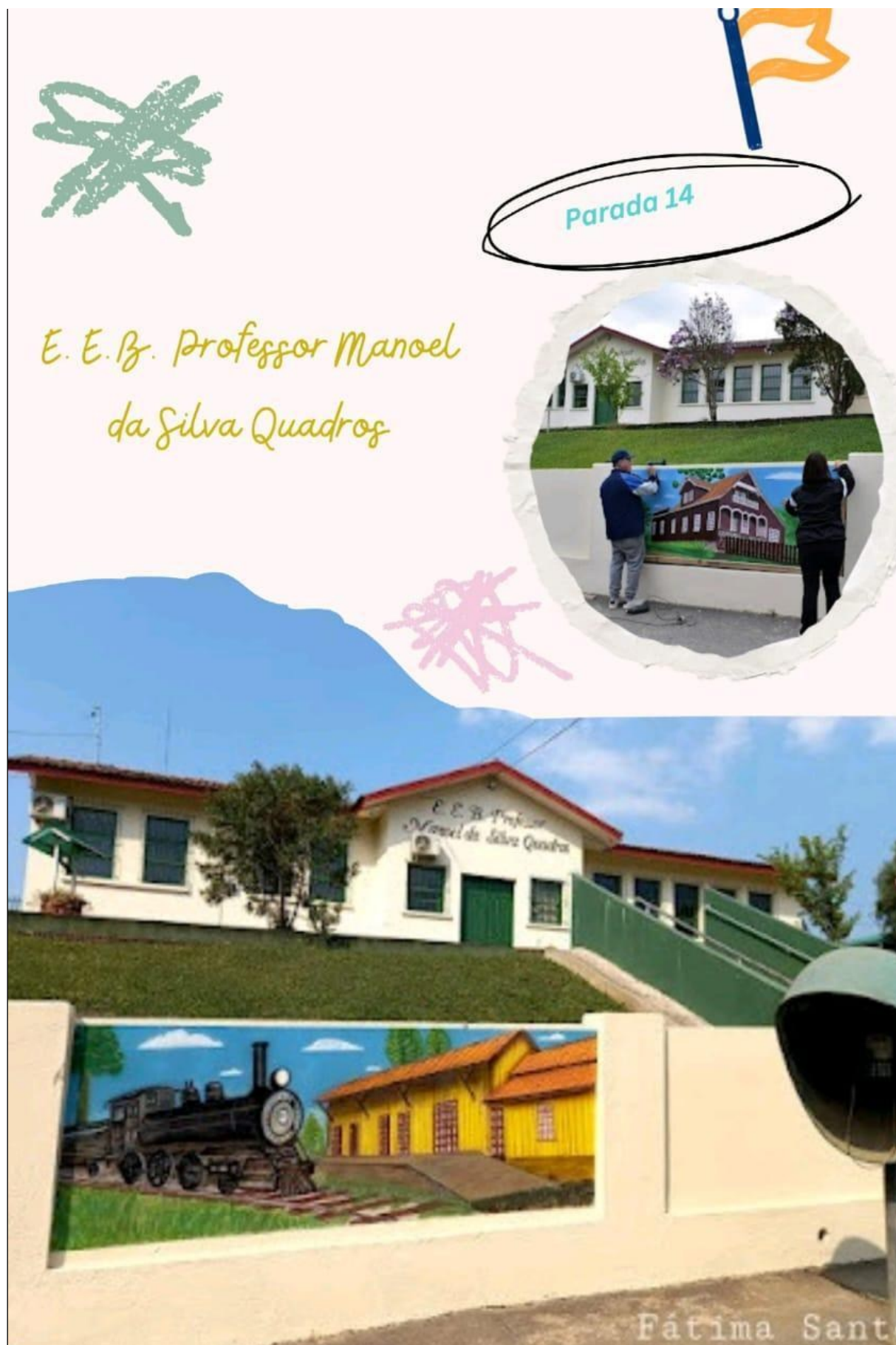


Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Escola Alemã da Colônia São Bernardo e atual E.E.B. Professor Manoel da Silva Quadros ,

O antigo edifício da Escola Alemã da Colônia São Bernardo, Estação de Canoinhas, foi construído no ano de 1917. Como escola particular, funcionou até o ano de 1942, quando foi criada a Escola Estadual. O prédio foi cedido para a Escola Estadual até 1952, quando foi demolido. Nesse local, foi construído o edifício das Escolas Reunidas Manoel da Silva Quadros, de Marcílio Dias. Informação do professor Antônio Mafra (retirada do blog do Distrito de Marcílio Dias).



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias, 25 de abril de 2017. Professor da Escola São Bernardo Professor João Moeller e estudantes em 1929.

Os 100 anos da Escola Alemã Em 2017, marcou o primeiro centenário da fundação da Escola Alemã em Canoinhas. Na época, a escola, que seria sucedida pela Manoel da Silva Quadros, situava-se em uma colônia alemã fundada por Bernardo Olsen.

Para saber mais, acesse:



Para saber mais sobre a primeira escola de Marcílio Dias acesse:

Escola Particular São Bernardo, mantida por instituição alemã e doada ao Estado em 1946, dando origem à Escola Manoel da Silva Quadros.

Por falta de recursos e de alunos, a Escola Desdobrada Particular São Bernardo, de Marcílio Dias, encerrou suas atividades e seus alunos foram transferidos para as Escolas Reunidas do Estado. (Mafra, 2019, p. 97).





Pinturas no muro da Escola Manoel



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Em 2017, a gestão escolar daquele período encomendou pinturas devido à comemoração do centenário da escola ao artista Francisco Martins. Foram pintados os casarões de madeira que ainda fazem parte da paisagem do distrito de Marcílio Dias.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Foto Jefferson Chagas 2023

A Escola Prof. Manoel da Silva Quadros recebeu, em 2023, novas pinturas das antigas edificações do distrito pelo artista Francisco Martins. Alguns casarões já não existem mais, como as antigas igrejinhas de madeira, católica e luterana, e a escola em estilo enxaimel.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Casa Família Aguiar

A residência de madeira, originalmente pertencente a João e Sofia Noernberg, foi construída em Marcílio Dias em 1938, onde criaram sua família, com quatro filhos. Posteriormente, a propriedade passou para as mãos de Dona Marga Noernberg Aguiar, que a manteve até seu falecimento em 2017.

Seu filho, Osvaldo de Aguiar, assumiu a responsabilidade pela manutenção da casa. A edificação, toda em parede dupla, possui um sótão com dois quartos no andar superior, onde são guardados diversos objetos de valor sentimental da família, incluindo móveis, berços e camas do século XX. Atualmente, a casa é residência do bisneto de João e Sofia Noernberg, Osvaldo João Aguiar Júnior, com sua família.

Fotos do Interior da casa.



João e Sofia Noernberg em 1930.
Acervo da família Noernbeg. Digitalização: Fátima Santos

Para saber mais acesse:





Casa da família Jarschel.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Propriedade de Edeltraud Hauffe Jarschel.

Os proprietários da casa eram Erberth Arno Jarschel e Edeltraudt Hauffe Jarschel. Erberth era carpinteiro na empresa Wiegando Olsen e também fazia parte da banda musical da empresa, enquanto Edeltraudt era dona de casa. O casal teve quatro filhos (Edinei, Eliete, Edina e Edilberto), sete netos e cinco bisnetos.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Edeltraud Hauffe Jarschel

Casa Família Baukat

Em 1947, a família se mudou para Marcílio Dias, onde Dona Else Baukat ficou conhecida pelos quase 500 partos que realizou durante sua vida. Atualmente, moram na casa Rodolfo, o filho mais novo, com a esposa Margarida Baukat.

Quer saber mais acesse:
Else Baukat, uma história
de vida



Casa onde morou a parteira Elza Baukat,
que veio da Alemanha



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Fátima Santos

Quer saber mais sobre os atuais
Rodolfo Baukat e Margarida
acesse: Histórias de vida que
passaram pela Wiegando Olsen



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Certificado de curso de Parteira
curiosa de dona Elza de 1963

Nº	Nome	Data	Local	Parto	Observações
1	Elza Baukat	1947	Alto	1	
2	Elza Baukat	1948	Alto	2	
3	Elza Baukat	1949	Alto	3	
4	Elza Baukat	1950	Alto	4	
5	Elza Baukat	1951	Alto	5	
6	Elza Baukat	1952	Alto	6	
7	Elza Baukat	1953	Alto	7	
8	Elza Baukat	1954	Alto	8	
9	Elza Baukat	1955	Alto	9	
10	Elza Baukat	1956	Alto	10	
11	Elza Baukat	1957	Alto	11	
12	Elza Baukat	1958	Alto	12	
13	Elza Baukat	1959	Alto	13	
14	Elza Baukat	1960	Alto	14	
15	Elza Baukat	1961	Alto	15	
16	Elza Baukat	1962	Alto	16	
17	Elza Baukat	1963	Alto	17	
18	Elza Baukat	1964	Alto	18	
19	Elza Baukat	1965	Alto	19	
20	Elza Baukat	1966	Alto	20	
21	Elza Baukat	1967	Alto	21	
22	Elza Baukat	1968	Alto	22	
23	Elza Baukat	1969	Alto	23	
24	Elza Baukat	1970	Alto	24	
25	Elza Baukat	1971	Alto	25	
26	Elza Baukat	1972	Alto	26	
27	Elza Baukat	1973	Alto	27	
28	Elza Baukat	1974	Alto	28	
29	Elza Baukat	1975	Alto	29	
30	Elza Baukat	1976	Alto	30	
31	Elza Baukat	1977	Alto	31	
32	Elza Baukat	1978	Alto	32	
33	Elza Baukat	1979	Alto	33	
34	Elza Baukat	1980	Alto	34	
35	Elza Baukat	1981	Alto	35	
36	Elza Baukat	1982	Alto	36	
37	Elza Baukat	1983	Alto	37	
38	Elza Baukat	1984	Alto	38	
39	Elza Baukat	1985	Alto	39	
40	Elza Baukat	1986	Alto	40	
41	Elza Baukat	1987	Alto	41	
42	Elza Baukat	1988	Alto	42	
43	Elza Baukat	1989	Alto	43	
44	Elza Baukat	1990	Alto	44	
45	Elza Baukat	1991	Alto	45	
46	Elza Baukat	1992	Alto	46	
47	Elza Baukat	1993	Alto	47	
48	Elza Baukat	1994	Alto	48	
49	Elza Baukat	1995	Alto	49	
50	Elza Baukat	1996	Alto	50	
51	Elza Baukat	1997	Alto	51	
52	Elza Baukat	1998	Alto	52	
53	Elza Baukat	1999	Alto	53	
54	Elza Baukat	2000	Alto	54	
55	Elza Baukat	2001	Alto	55	
56	Elza Baukat	2002	Alto	56	
57	Elza Baukat	2003	Alto	57	
58	Elza Baukat	2004	Alto	58	
59	Elza Baukat	2005	Alto	59	
60	Elza Baukat	2006	Alto	60	
61	Elza Baukat	2007	Alto	61	
62	Elza Baukat	2008	Alto	62	
63	Elza Baukat	2009	Alto	63	
64	Elza Baukat	2010	Alto	64	
65	Elza Baukat	2011	Alto	65	
66	Elza Baukat	2012	Alto	66	
67	Elza Baukat	2013	Alto	67	
68	Elza Baukat	2014	Alto	68	
69	Elza Baukat	2015	Alto	69	
70	Elza Baukat	2016	Alto	70	
71	Elza Baukat	2017	Alto	71	
72	Elza Baukat	2018	Alto	72	
73	Elza Baukat	2019	Alto	73	
74	Elza Baukat	2020	Alto	74	
75	Elza Baukat	2021	Alto	75	
76	Elza Baukat	2022	Alto	76	
77	Elza Baukat	2023	Alto	77	
78	Elza Baukat	2024	Alto	78	
79	Elza Baukat	2025	Alto	79	
80	Elza Baukat	2026	Alto	80	
81	Elza Baukat	2027	Alto	81	
82	Elza Baukat	2028	Alto	82	
83	Elza Baukat	2029	Alto	83	
84	Elza Baukat	2030	Alto	84	
85	Elza Baukat	2031	Alto	85	
86	Elza Baukat	2032	Alto	86	
87	Elza Baukat	2033	Alto	87	
88	Elza Baukat	2034	Alto	88	
89	Elza Baukat	2035	Alto	89	
90	Elza Baukat	2036	Alto	90	
91	Elza Baukat	2037	Alto	91	
92	Elza Baukat	2038	Alto	92	
93	Elza Baukat	2039	Alto	93	
94	Elza Baukat	2040	Alto	94	
95	Elza Baukat	2041	Alto	95	
96	Elza Baukat	2042	Alto	96	
97	Elza Baukat	2043	Alto	97	
98	Elza Baukat	2044	Alto	98	
99	Elza Baukat	2045	Alto	99	
100	Elza Baukat	2046	Alto	100	

Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Primeira página do caderno de anotações
de partos realizados por dona Elza



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Erberth nasceu em 26/12/1933 e Edeltraudt em 16/09/1939. Eles se casaram em 12/04/1958, dois anos após Erberth construir a própria casa. Erberth e Edeltraudt são falecidos. Dona Edeltraudt faleceu em novembro de 2024 e a casa está fechada desde então. No momento, os filhos cuidam da limpeza e manutenção da propriedade.

Imagens do interior da casa: sala, maquina de costura e mesa de jantar



Acervo da Família . Fonte: Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.



Parada 18

Casarão da Família Ruppel

Casa de madeira onde morou o
casal Durval e Silvia Ruppel.
Adquirido da família
Goestemeyer nos anos 1970



Casarão da Família

Ruppel

Durante décadas, a residência do distrito de Marcílio Dias foi lar de duas famílias distintas: os Goestemeyer e os Ruppel. Henrique Goestemeyer e Helena Ruhler, juntamente com suas três filhas, foram os primeiros a habitar a casa, que serviu como lar para eles por mais de quatro décadas, de 1936 a 1970.



Fátima Santos

Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Para saber mais acesse o texto:
Duas Famílias, uma Casa e duas
histórias. PARTE 1



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Família Goestemeyer Bodas de casamento.
Na foto Henrique Goestemeyer sua esposa Helena e a Três
Filhas Mina, Irmã e Amália e seu esposo. Acervo: Anete
Benvenuti Holzapfel.



Foto Blog do Distrito de Marcílio Dias.

Documento de escritura da casa de 1936. Acervo: Vilma Ruppel

Proposta de Atividades Pós-Roteiro

Após a realização do roteiro, sugerimos três opções de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula. Essas atividades abordam temas relacionados ao patrimônio cultural, à história local e à transformação da paisagem, sendo direcionadas para os alunos do ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio.

O objetivo dessas atividades é enriquecer o aprendizado dos estudantes, proporcionando um maior entendimento e reflexão sobre a importância do patrimônio cultural e da história local, bem como as mudanças na paisagem ao longo do tempo.

Acreditamos que essas atividades contribuirão para o desenvolvimento cognitivo e crítico dos alunos, além de estimular o interesse por temas relevantes e significativos.

Contamos com a participação ativa dos professores e alunos nesse processo de aprendizado, que certamente resultará em experiências enriquecedoras e transformadoras. Juntos, podemos explorar e valorizar a riqueza cultural e histórica que nos cerca.

Bons estudos!

PLANO DE AULA

Escola:	
Professor:	
Área(s) de Conhecimento:	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Componentes Curriculares:	História
Turma(s):	4 ano
Período:	
Nº de Aulas:	4
Objeto(s) de conhecimento em estudo	
Patrimônio Cultural e História local.	
Habilidade(s) selecionada(s)	
(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os como espaço geográfico ocupado. (EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.	
Expectativas de aprendizagem (objetivos)	
Apresentar o conceito de patrimônio cultural e a história local aos estudantes	
Instrumento(s) avaliativos utilizados	
* Atividades Sala de Aula * Participação Sala de aula * Registros no caderno * Coerência Concordância Exposição De Ideias	
Sequência Didática	
Experiências de Ensino Aprendizagem	Recursos Necessários
Apresentar a História local Patrimônio Cultural Realizar o roteiro com a turma no Distrito de Marcílio Dias. Em sala de aula explorar os conceitos de patrimônio material e imaterial e dar exemplos de bens culturais com a estação, a casa de escama. Promover com os alunos discussões sobre preservação desse patrimônios entre outros.	Quadro branco, Livros, Músicas, Laboratório, Material impresso, Internet, Computador,
Recuperação Paralela da (aprendizagem)	
* Atividades Sala De Aula * Participação Sala de aula * Registros No caderno	

*Coerência Concordância Exposição De Ideias
Adaptações Observações
Referências
MaterialRioeducas2024. Disponível: https://multirio.rio.rj.gov.br/materialrioeducal/. Acesso em: 15 jan. 2025. Silva, Daniel Neves. O que é patrimônio cultural? Disponível: https://escolakids.uol.com.br/historia/o-que-e-patrimonio-cultural. Acesso em: 15 jan. 2025. BLOGMARCILIODIAS. Disponível em: http://marciliodiasdistrito.blogspot.com. Acesso em: 15 jan. 2025.

Antigamente, aqui era assim...

Atividade01. Observação de imagem

Seguindo as orientações do(a) professor(a), observe atentamente a imagem a seguir e responda às questões.



- Que lugar é esse?
- Tente imaginar como era esse lugar no passado. Faça um desenho em seu caderno.
- Na sua opinião, qual a importância da história local para conhecer a sua história ?
- Acesse o blog do distrito de Marcílio Dias e faça uma pesquisas obre o patrimônio apresentado nas

Imagens observadas: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/search?q=complexo+cultural>



Atividade.02

Ler o texto abaixo sobre patrimônio cultural e responder a questão

O que é patrimônio cultura?

O patrimônio cultural é todo objeto material (como prédios e monumentos) e imaterial (como festas religiosas e tradições culinárias) que faz parte da cultura de um povo. Ele é escolhido para que possa ser preservado. Em nosso país, a conservação dos patrimônios culturais é feita por uma instituição chamada Iphan.

O patrimônio cultural é basicamente tudo o que é produzido por nós, seres humanos, e que demonstra o valor de nossa cultura.

A cultura é importante para nós porque nos possibilita desenvolver nossa capacidade de fala, de interagir com outras pessoas, bem como habilidades que nos ajudarão a produzir e fazer diversas coisas. Ela possibilita também que a gente consiga nos identificar com o lugar onde crescemos e vivemos. É por isso que a preservação do patrimônio cultural é importante.

(Silva, Daniel Neves. O que é patrimônio cultural? Disponível:
<https://escolakids.uol.com.br/historia/o-que-e-patrimonio-cultural.htm>)

¹. Pensando e refletindo um pouco sobre nossa cidade e nosso bairro, o que temos de patrimônios históricos e culturais por aqui?

Atividade.03

• No trecho da música abaixo, o cantor Arlindo Cruz fala sobre algumas características do bairro de Madureira. E o bairro em que você mora? Como você o apresentaria? Use as linhas abaixo para escrever sobre o seu lugar

Meu Lugar Arlindo Cruz

O meu lugar

É caminho de Ogum e Iansã

Lá tem samba até de manhã

Uma ginga em cada andar (...)

O meu lugar

Tem seus mitos e Seres de Luz É bem perto de Osvaldo Cruz
Cascadura, Vaz Lobo Irajá

O meu lugar

É sorriso, é paz e prazer

O seu nome é doce dizer Madureira, iá laiá

Madureira, iá laiá (...)

E no Mercado Você pode comprar Por uma pechincha,
você vai levar

Um dengo, um sonho pra quem quer sonhar

EmMadureira (...)

Retiradode:<https://www.letras.mus.br/arlindo-cruz/1131702/>

MEU LUGAR

PLANO DE AULA	
Escola:	
Professor:	
Área(s) de Conhecimento:	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Componentes Curriculares:	História e Geografia
Turma(s):	6º e 7º ano
Período:	
Nº de Aulas:	6
Objeto(s) de conhecimento em estudo	
- Patrimônio Cultural e História local - Paisagem Transformação da Paisagem	
Habilidade(s) selecionada(s)	
(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas das sociedades contemporâneas (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais. (EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.	
Expectativas de Aprendizagem (objetivos)	
• Apresentar os Patrimônios Culturais e a História local do Distrito de Marcílio Dias. • Compreender o processo de industrialização e ocupação da localidade e as mudanças na paisagem	
Instrumento(s) avaliativos utilizados	
* Atividades em sala de aula * Avaliação escrita * Participação em sala de aula * Avaliação formativa * Registros no caderno * Coerência e concordância na exposição de ideias	
Sequência didática	
Experiências de ensino e aprendizagem	Recursos necessários

Patrimônio Cultural e História local Durante a aula, serão explorados conceitos essenciais relacionados ao patrimônio histórico-cultural, abrangendo definições, tipos de patrimônio (material e imaterial) e exemplos de bens culturais da comunidade local. Além disso, serão promovidas discussões sobre a importância da preservação e os desafios enfrentados na conservação do patrimônio cultural, juntamente com atividades práticas que incentivem a pesquisa e a reflexão crítica dos estudantes.	Quadro branco, Livros, Quadro branco, Vídeos
Paisagem e transformação da paisagem Durante a aula o professor irá ressaltar a importância de compreender as mudanças na paisagem como um meio essencial para decifrar o mundo que nos rodeia. Ao compreendermos a evolução da paisagem ao longo do tempo, somos capazes de desvendar a história de um determinado local. Além disso, a percepção da influência humana na paisagem nos permite tomar decisões mais conscientes e sustentáveis para o futuro. O professor exemplifica como as transformações na paisagem impactam diretamente em nosso cotidiano, como a construção de novas vias que facilitam a locomoção ou a remoção de árvores que pode interferir no clima local.	Mapas, Mapas, Material impresso, Quadro branco, Livro didático, Laboratório
Recuperação paralela da aprendizagem	
* Avaliação escrita * Participação em sala de aula * Coerência e concordância na exposição de ideias	
Adaptação e observações	
Referências	
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. BITTENCOURT, C.M.F. <i>Ensino de História: fundamentos e métodos</i>. Editora Cortez: São Paulo, 2008. Material Rio Educa 2024 Disponível em: https://multirio.rio.rj.gov.br/materialrioeduca/. Acesso em: 15 jan. 2025. BLOG MARCÍLIODIAS. Disponível em: http://marciliodiasdistrito.blogspot.com. Acesso em: 15 jan. 2025.	

A história local e o Patrimônio cultural do Distrito de Marcílio Dias e suas transformações

Atividade 01

Perguntas mobilizadoras

- Como os elementos de uma paisagem podem contribuir para compor e guardar a memória de uma cidade?
- Quais elementos contam a história do Distrito de Marcílio Dias e De Canoinhas?
- Como renovar e reformar os edifícios históricos sem perder a memória que faz parte da identidade de nossa comunidade e dos moradores?

A importância da memória é indiscutível, afinal, é através dela que conseguimos conectar com a nossa identidade e mergulhar na história do nosso local. Além da memória das pessoas escritas ou recuperada pela oralidade, existem os "lugares da memória," expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados (Bittencourt, 2008, p. 169)

Atividade 2.

Pesquisa

Após o roteiro feito com seu professor faça uma pesquisa no blog do Distrito de Marcílio Dias sobre cada uma das arquitetura visitadas e observadas. Registre no caderno os seguintes dados: nome do patrimônio, ano da construção, localização, função original, data do tombamento (se possível) e material utilizado para construção da casa. Você pode montar uma tabela seguindo o exemplo abaixo:

Nome do patrimônio	Ano da Construção	Função original	Data do tombamento	Função atual	Materiais utilizados para construção

Atividade 3.

Produção de um jogo

Que tal colocar a criatividade em prática e criar um jogo com as imagens das casas do Distrito de Marcílio Dias? Você pode inventar um jogo de memória, um quebra-cabeça, um micodeimagens, uma trilha ou até mesmo um bingo de imagens! No bingo de imagens, ao invés de cantar números, você pode cantar detalhes sobre a imagem. Vamos tornar a diversão ainda mais interessante e criativa!



Atividade3. Comparação de imagens

Compare as imagens e responda às questões.

Imagem 1.

*Fotos aéreas da Empresa Wiegando Olsen nos anos70.
A madeireira e o pátio ferroviário e a vila.*



Fonte:<http://marciliodiasdistrito.blogspot.com>

Imagem 2.

Fotos aéreas da Empresa Wiegando Olsen nos anos 80. A madeireira e o pátio ferroviário e estadio.



Fonte: <http://marciliodiasdistrito.blogspot.com>

Imagem 3.

Fotos aéreas atuais do Distrito de Marcílio Dias.



Fonte: <http://marciliodiasdistrito.blogspot.com>

- Quais impactos significativos a urbanização e a extração da madeira trouxe para a paisagem local?
- Como a vida dos habitantes pode ter sido alterada devido a essas mudanças?
- Se você pudesse escolher entre viver em uma das duas épocas representadas nas imagens, qual seria a sua preferência e por quê?
- Quais são as potenciais consequências ambientais do aumento da densidade populacional e da expan-

são das construções e industrialização em sua localidade?

Atividade 4. Entrevista

Realize entrevistas com pelo menos dois idosos de sua família ou vizinhos para discutir as transformações ocorridas em Marcílio Dias ao longo do tempo. Capture essas conversas em vídeo ou áudio com um celular e transforme o conteúdo em um podcast. Abaixo estão algumas sugestões de perguntas para os entrevistados:

- a) Quais eram os lugares que vocês frequentavam quando eram crianças ou jovens para brincar e se divertir e que lembranças têm desses lugares?
- b) Esses locais ainda existem? Mantêm a mesma aparência do passado ou passaram por alguma transformação?
- c) Caso ainda existam, esses lugares estão bem preservados?
- d) Se houve mudanças, o que essas mudanças representam para vocês?
- e) Como vocês se relacionavam com esses lugares no passado e como se relacionam com eles no presente?
- f) Qual lugar vocês mais gostariam de ter visitado na infância ou juventude?

g) Quais mudanças importantes vocês consideram que poderiam ser feitas nesses lugares e por quais motivos?

PLANODE AULA	
Escola:	
Professor:	
Área(s) de Conhecimento:	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Componentes Curriculares:	História
Turma(s):	1ª série
Período:	
Nº de Aulas:	6
Objeto(s) de conhecimento em estudo	
História Local e Patrimônio Cultural	
Habilidade(s) selecionada(s)	
(EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.	
Expectativas de aprendizagem (objetivos)	
Realizar o roteiro com os estudantes no Distrito de Marcílio Dias. Conhecer a História Local e seus Patrimônios Culturais	
Instrumento(s) avaliativos utilizados	
* Atividades em sala de aula * Participação em sala de aula * Registro no caderno * Coerência e concordância na exposição de ideias	
Sequência didática	
Experiências de ensino e aprendizagem	Recursos necessários
História Local e Patrimônio Cultural Durante a aula, serão explorados conceitos essenciais relacionados ao patrimônio cultural, abrangendo definições, tipos de patrimônio material e imaterial e exemplos de bens culturais da comunidade local. Além disso, serão promovidas discussões sobre a importância da preservação e os desafios enfrentados na conservação do patrimônio cultural, juntamente com atividades práticas que incentivem a pesquisa e a reflexão crítica dos estudantes sobre seu local.	Slides, Quadro negro, Mapas, Filme, Internet, Computador
Recuperação paralela (aprendizagem)	

* Atividades em sala de aula * Participação em sala de aula * Registro no caderno * Capacidade de articulação dos conhecimentos
Adaptações e observações
Referências
Desiderio, Denise. Como fazer um documentário com seus alunos em 7 passos. 2018 Disponível em : https://professorwifi.blogspot.com/2018/01/como-fazer-um-documentario-com-seus.html acesso 04 de fevereiro de 2025. BLOG MARCÍLIO DIAS. Disponível em: http://marciliodiasdistrito.blogspot.com. Acesso em: 15 jan. 2025.

Atividade

1. Após roteiro vamos ler o texto da professora Carolina Carvalho que fala sobre estação ferroviária de Marcilio Dias responder as questões

Distrito de Marcílio Dias

Povoado mais antigo de Canoinhas, foi colonizado por alemães. Nele ainda nota-se a presença de arquitetura em madeira e no estilo enxaimel. Era conhecida como a Capital da Manteiga, em função da produção de manteiga e derivados do leite por vários proprietários que possuíam rebanhos bovinos da raça holandesa.

terça-feira, 27 de fevereiro de 2024

VAMOS FALAR SOBRE PATRIMÔNIO?

Patrimônio: é tudo aquilo que nos pertence, "nossas coisas", tudo que pertence a um indivíduo, a uma instituição, a um lugar, uma região ou uma comunidade. De acordo com sua importância, em geral, deve ser preservado por representar uma riqueza cultural para a comunidade e para a humanidade.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL

O termo patrimônio histórico cultural diz respeito a tudo aquilo que é produzido, material ou imaterialmente, pelo ser humano e que definimos como cultura de uma sociedade. A importância de se preservar o Patrimônio Histórico está associada à constituição de uma memória coletiva, considerando que é por meio da memória que nos orientamos para compreender o passado, o comportamento de um determinado grupo social, uma cidade ou mesmo uma nação. O estímulo da memória também contribui para a formação de identidade, retomada de raízes, e a compreensão a respeito da situação sociocultural de um povo.

PATRIMÔNIO TOMBADO

O tombamento é um conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de PRESERVAR por meio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados.

A PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO

A proteção do patrimônio cultural não está entregue à livre disposição da vontade da administração pública. Pelo contrário. A ela toca o dever indeclinável de protegê-lo fazendo uso de todo o instrumental que o ordenamento jurídico lhe confere para tanto.

É uma obrigação imposta tanto ao Poder Público quanto à comunidade, por força do que dispõe a Constituição Federal em seus arts. 216, § 1º, 23, III e IV e 30, IX. Ademais, trata-se a preservação do patrimônio cultural brasileiro de um direito fundamental e difuso, não sendo juridicamente admissível QUALQUER lesão a tal bem.

A Estação Ferroviária, em Canoinhas-SC, é um conjunto de edificações tombada pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional através do Decreto de Tombamento: Lei nº 11.483/07 e Portaria IPHAN nº 407/2010, reconhecida como Complexo Turístico e Cultural de Marcílio Dias iniciou o processo de restauração no ano de 2019 sendo finalizado em 2021, quando foi inaugurada em 12 de setembro. Devido a importância histórico-cultural deste local é imprescindível sua preservação observando as normas atribuídas pelas leis de tombamento.

Escrito por Carolina Carvalho



(Carvalho, Carolina. Vamos falar sobre Patrimônio ? Disponível: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2024/02/vamos-falar-sobre-patrimonio.html>)

Acesse o texto completo abaixo:



1. Qual é a importância do patrimônio cultural para a identidade de uma comunidade ?
2. Existe alguma lenda ou história interessante associada ao Estação ferroviária I de Marcílio ? Dias? Relate um dessas lendas.
3. Quais medidas são tomadas para preservar as casas de madeira e o patrimônio cultural de Marcílio Dias?
4. Que tipo de impacto o turismo pode ter na valorização do patrimônio cultural de um lugar como Marcílio Dia?
5. Quais são as principais histórias locais que eu posso descobrir durante este roteiro?

2. Documentário sobre História local e Patrimônio cultural

Que tal fazermos um documentário super bacana sobre a nossa comunidade? Vamos nos organizar em grupos e realizar pesquisas no laboratório de informática, investigar mais sobre a região e conferir o blog do distrito de Marcílio Dias. Vamos dividir os temas, escolher os locais e planejar as entrevistas. Vai ser demais!

Vamos ver um pequeno vídeo explicando como fazer um documentário



Acesse o vídeo : <https://www.youtube.com/watch?v=QhAcwsEit14>



Após uma animada discussão, os estudantes estão prontos para abraçar suas novas funções com entusiasmo! É importante lembrar a todos que devem fazer o melhor uso de seus talentos e habilidades. Para tornar nosso projeto realidade, vamos dividir as tarefas da seguinte forma:

- Os Filmadores serão responsáveis por operar as câmeras ou celulares;
- Os Roteiristas irão escrever um guia para a equipe, detalhando cada cena e questão a ser abordada no documentário;
- Os Pesquisadores ficarão encarregados de esclarecer conceitos, encontrar pessoas para entrevistar e locais para filmar;

- Os Editores farão a mágica da edição, deixando os vídeos intrigantes e cativantes para o público, não esquecendo da trilha sonora e do trailer.

E, finalmente, após tanto esforço e dedicação, os vocês merecem uma bela cerimônia de lançamento! Vamos convidar professores, familiares e toda a equipe escolar para prestigiar o resultado final. Afinal, todo mundo merece um pouco de reconhecimento, não é mesmo?

REFERÊNCIAS

Blog. Marcílio Dias. **Wiegando Olsen S/A**, 2012. Disponível em: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/search?q=Empresa+Wiegando+Olsen> / Acesso em 22 de novembro de 2024.

CARVALHO, Carolina. Vamos falar sobre Patrimônio? Blog. Marcílio Dias, 2024. Disponível em: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2024/02/vamos-falar-sobre-patrimonio.html>/ Acesso em 22 de novembro 2024.

CHAGAS, Jefferson. Casa Família Aguiar e Noerberg. Blog Marcílio Dias, 2025. Disponível em: https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2025/01/duas-familias-uma-casa-e-duas-historias_27.html/ Acesso em 14 de fevereiro de 2025

CHAGAS, Jefferson. Duas Famílias, uma Casa e duas histórias. PARTE 1. Blog Marcílio Dias, 2025. Disponível em: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2025/01/duas-familias-uma-casa-e-duas-historias.html>/ Acesso em 27 de janeiro de 2025.

CHAGAS, Jefferson. Duas Famílias, uma Casa e duas histórias. PARTE 2. Blog Marcílio Dias, 2025. Disponível em: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2025/01/duas-familias-uma-casa-e-duas-historias.html>

com/2025/01/duas-familias-uma-casa-e-duas-historias_27.html/ Acesso em 29 de janeiro de 2025.

CHICHOWICZ, José. São Bernardo, nosso time do coração. Blog. Marcílio Dias, 2012. Disponível em: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2012/06/sao-bernardo-nosso-time-do-coracao.html/> Acesso em 06 de dezembro 2024.

CORREIO DO NORTE. 25anos de atividades industriais no município complete hoje Wiegando OLSEN S/A. Edição 151, 24 Março. 1951. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/correiodonortecanoinhas/195.ppd/> Acesso em: 29 de novembro de 2024.

CORREIO DO NORTE. A Noiva da estação ferroviária de Marcílio Dias. Publicado 05/03/2019. Disponível em :https://www.jornalcorreiodonorte.com.br/editorias/nosso_povo,_nossa_historia/a_noiva_da_estacao_feroviaria_de_marcilio_dias.31637/index.html/ Acesso em : 02 de dezembro 2024.

DITTRICH ,Adair Livro “Caminhos depois da Ponte. Blog.Marcílio Dias,2021. Disponível em: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2021/10/livro-caminhos-depois-da-ponte.html> / Acesso em : 30 de novembro de 2024.

DITTRICH, Adaír. A primeira escola de Marcílio Dias. Blog Marcílio Dias, 2017. Disponível em: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2017/06/a-primeira-escola-de-marcilio-dias.html/>. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

DITTRICH, Adaír. Seu nome era Clara parte 2. Blog Marcílio Dias, 2016. Disponível em: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2016/10/seu-nome-era-clara-parte-2.html>. Acesso em 09 de dezembro de 2024.

DITTRICH, Adaír. Seu nome era Clara. Blog Marcílio Dias, 2016. Disponível em: https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2016/10/seu-nome-era-clara_8.html/. Acesso em 09 de dezembro de 2024.

KLUSKA, Eunice. Marcílio Dias. Blog. Marcílio Dias, 2013. Disponível em: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2013/06/marcilio-dias-pela-professora-eunice.html/> Acesso 20 de novembro 2024

MAFRA, Antônio. BERNARD OLSEN. Blog Marcílio Dias, 2013. Disponível em: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2013/01/8-bernard-olsen.html/> Acesso 06 de dezembro de 2024.

MAFRA, A. D. 100 anos da sociedade escolar São Bernardo: aspectos da colonização germânica em terri-

tório contestado, estação Canoinhas (atual Marcílio Dias) da estrada de ferro São Paulo/Rio Grande. São Bento do Sul, SC: Ed. do Autor, 2019.

MAFRA, Antônio Dias. A estação de Marcílio Dias. Blog Marcílio Dias, 2016. Disponível em: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2016/02/a-estacao-de-marcilio-dias.html> / Acesso 20 de novembro de 2024

MARTINS, Pollyana. Else Baukat, uma história de vida. . Blog Marcílio Dias, 2014. Disponível em: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2014/09/else-baukat-uma-historia-de-vida.html/>. Acesso em 13 de janeiro de 2025.

MARTINS, Pollyana. Wando Skudlarek - Uma História de Amor a Ferrovia e de Superação. Blog. Marcílio Dias, 2017. <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2017/03/wando-skudlarek-vida-de-um-ferroviario.html/>. Acesso em 20 de novembro 2024

NOERNBERG, Priscila. Histórias de vida que passaram pela Wiegando Olsen. Blog Marcílio Dias, 2017. Disponível em: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2016/04/historias-de-vida-que-passaram-pela.html/> Acesso em 13 de janeiro de 2025.

WASSOASKI, Edinei. Os 100 anos da Escola Alemã. Blog Marcílio Dias, 2017. Disponível em: <https://marciliodiasdistrito.blogspot.com/2017/09/os-100-anos-da-escola-alema.html/>. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

**ANEXO A – Autorização elaborada pela escola para a participação dos alunos na
atividade de campo**

Rua Bernardo Olsen - Cidade: Canoinhas - SC- Bairro: Marcílio Dias - Fone: (47)3627-4214
ESTADO DE SANTA CATARINA - 18ª CRE – Coordenadoria Regional de Educação de
Canoinhas

AUTORIZAÇÃO

Autorizo meu filho(a) _____ da ____ série ____

a participar da aula Campo no Distrito de Marcílio Dias. Tendo como objetivo realizar de uma caminhada através de um roteiro das arquitetura de Marcilio Dias. (aula da disciplina de história a com professora Sabrina Mello e professor Jefferson Chagas mestrando do curso de ensino de história da UFSC) no dia 14/03 (Sexta-feira). Será necessário levar uma de garrafa água e roupa confortável .

Saída da escola: 10:00

Previsão de retorno para escola: 11:30

ASS: _____

ANEXO B - Moção de parabenização da câmara de vereadores de Canoinhas (SC)**ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE CANOINHAS**

Canoinhas, 20 de março de 2025.

OFÍCIO N.º 150/2025

Ao Senhor

Jefferson ChagasMestrando de Ensino de História da Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC
Joinville - SC

Com meus cordiais cumprimentos, encaminho cópia do requerimento aprovado em plenário:

Proposição / Referência**REQUERIMENTO N.º 131/2025**

solicitam que seja encaminhada "MOÇÃO DE PARABENIZAÇÃO", ao Departamento de Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ao portal de notícias JMais, pelo brilhante projeto de divulgação do patrimônio histórico de Canoinhas.

O referido projeto, por meio da utilização de QR Codes com links, permite o acesso a informações detalhadas das edificações históricas do município e a importância desses locais para a memória e identidade de nossa cidade. O projeto não apenas valoriza o patrimônio histórico local, mas também incentiva a educação patrimonial e fortalece o vínculo da comunidade com sua própria história.

Autoria: André Flenik; Cesão do Taxi; Edmilson Verka; Gilmar Martins; Jubanski; Kátia Oliskowski; Marcos Homer; Tati Carvalho

Colocamo-nos a disposição para o que se fizer necessário, reiterando votos de consideração e apreço.

Respeitosamente

Marcos Homer
Presidente da CâmaraRua 3 de Maio, 150 - CEP: 89460-058, Centro, Canoinhas/SC
Fone: +55 (47) 3622-3396 - E-mail: camara@canoinhas.sc.leg.br

www.canoinhas.sc.leg.br



ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE CANOINHAS

REQUERIMENTO N.º 131/2025

Excelentíssimo Senhor
Marcos Homer
Presidente da Câmara de Vereadores de Canoinhas

Os Vereadores que este subscrevem, após ouvir o Plenário e atendendo o Regimento Interno da Casa, solicitam que seja encaminhada "MOÇÃO DE PARABENIZAÇÃO", ao Departamento de Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ao portal de notícias JMais, pelo brilhante projeto de divulgação do patrimônio histórico de Canoinhas.

O referido projeto, por meio da utilização de QR Codes com links, permite o acesso a informações detalhadas das edificações históricas do município e a importância desses locais para a memória e identidade de nossa cidade. O projeto não apenas valoriza o patrimônio histórico local, mas também incentiva a educação patrimonial e fortalece o vínculo da comunidade com sua própria história.

Plenário da Câmara de Vereadores, em 17 de março de 2025.

André Flenik
Vereador

Cesão do Taxi
Vereador

Edmilson Verka
Vereador

Gilmar Martins
Vereador

Jubanski
Vereador

Kátia Oliskowski
Vereadora

Marcos Homer
Vereador

Tati Carvalho
Vereadora

Rua 3 de Maio, 150 - CEP: 89460-058, Centro, Canoinhas/SC
Fone: +55 (47) 3622-3396 - E-mail: camara@canoinhas.sc.leg.br

www.camaracanoinhas.sc.gov.br

Protocolo: 0392/2025